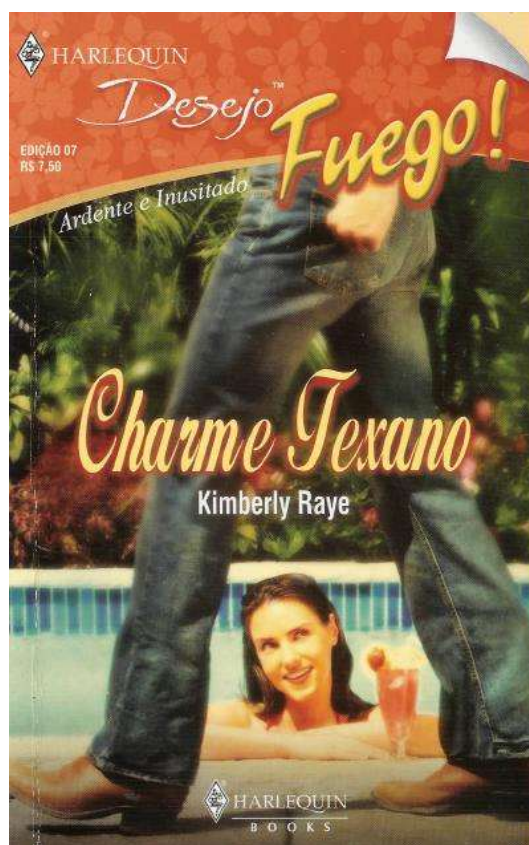


CHARME TEXANO

TALL, TANNED & TEXAN

Kimberly Raye



Ela tem uma missão.

Encontrar o seu lado sexy. Os homens nunca deram muita atenção a Deanie Codge, Mas isso está prestes a mudar, Ela vai passar duas semanas no acampamento da ilha Éden, famoso por seus cursos de descoberta da sensualidade e desenvolvimento do poder de sedução.

E nada poderá detê-la!

Quando o caubói de rodeios Rance McGraw foi enviado pelo irmão de Deanie para ficar de olho *nela*, ele nunca poderia imaginar que não conseguiria tirar os olhos *dela*. A menina sapeca e pouco atraente havia se transformado em uma mulher perfeita! Tão linda que ele não gostaria que nenhum homem se aproximasse dela, a não ser ele mesmo! E Rance fará o possível e o impossível para sabotar os planos de Deanie... incluindo fazer com que ela fique 24 horas na ilha errada... beijá-la na praia... rolar com ela na areia... e fazê-la descobrir que mesmo um caubói durão do Texas pode se render totalmente aos encantos de uma doce menina...

Digitalização: Ana Cris

Revisão: Crysty



PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.rl

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com B pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: TALL, TANNED & TEXAN

Copyright © 2006 by Kimberly Raye Groft
Originalmente publicado em 2006 por Harlequin Blaze

Editoração Eletrônica: ABREU'S SYSTEM
Tel.: 2220-3654/2524-8037
Impressão: RR DONNELLEY
Tel.: (55 11)2148-3500
www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A
Rua Teodoro da Silva, 907
Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900
Tel.: (55 21) 3879-7766

Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171, 4º andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:
Caixa Postal 8516
Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera
virgmia.rivera@harlequinbooks.com.br

CAPÍTULO UM

Deanie Codge havia esperado toda sua vida adulta por uma verdadeira e incrível experiência sexual. Algo que incluísse muitos beijos demorados e intensos, toques suaves e também carnavais. Algo que a deixasse completamente sem fôlego e que a fizesse perder a razão. Uma noite inteira de sexo que deixasse as pernas dormentes, a pele ardendo e o corpo trêmulo. Aparentemente, uma noite dessas não incluiria um saco de dormir, repelente e muito menos a caçamba de uma caminhonete caindo aos pedaços.

Ironicamente, agora, aos vinte e nove anos, Deanie parecia estar perto de realizar seu sonho em condições semelhantes.

Viu que o celular piscava anunciando mensagens. Havia cinco. Provavelmente uma de cada um dos irmãos. Ou talvez fossem todas de Clay. Ele não era o mais velho, mas o único casado. A esposa, Helen, estava grávida do primeiro filho e podia dar à luz a qualquer momento.

Desde que Clay havia assumido a direção do rancho da família — o pai sofria de artrite e tinha passado o comando para o filho mais responsável — considerava-se o patriarca do clã. Enquanto o pai passava a maior parte do tempo jogando bingo e fofocando no bar, Clay cuidava do rebanho de dez mil cabeças e da irmã mais nova. Deanie podia imaginar a irritação que ele devia estar sentindo ao descobrir o sumiço da caçula.

Tecnicamente, não estava desaparecida. Havia deixado uma carta explicando exatamente o que ia fazer. Ao mesmo tempo, sabia que o conteúdo da carta deixaria o irmão superprotetor ainda mais preocupado.

Afinal, não era sempre que a irmãzinha mais nova, saía para acampar em uma ilha semideserta.

Muito menos quando o acampamento se tratava de um retiro sexual!

Ignorou o sentimento de culpa, guardou o celular e afivelou o cinto de segurança, levantando a cortina da janela do avião. Podia ver o edifício do aeroporto internacional San Antônio.

Os últimos passageiros a entrar se acomodavam na poltrona. A adrenalina arrepiou-a dos pés à cabeça. Aquilo era real, estava mesmo acontecendo. Era o

segundo passo para transformar sua vida "mais ou menos" em algo eletrizante e desconhecido.

O primeiro passo havia sido a compra de um par de sapatos de bico fino e salto agulha, tão apertados que os dedos dos pés estavam com pouca circulação sanguínea, e um vestidinho justo de verão com alças tão finas que pareciam que iam arrebentar.

Deu um longo suspiro e tentou ignorar as batidas aceleradas do coração. E daí que fosse curto demais? Era feminino, moderno, sensual. Ninguém poderia duvidar que Deanie Codge fosse um mulherão.

Fatal e provocante.

Faltava apenas que se sentisse assim...Tudo bem, não estava acostumada com aquele novo visual.

Ainda.

Não era fácil ser a mais nova de seis irmãos. Não havia tido muitas oportunidades de explorar sua feminilidade. A mãe havia falecido logo após o nascimento de Deanie. Tinha sido criada pelo pai e os irmãos em um rancho no meio do nada, em uma cidadezinha chamada Romeo, no estado do Texas.

Apenas os fortes sobreviviam na casa dos Codge, com brigas e empurrões para ver quem entrava no banheiro primeiro e competições de tiro para decidir quem ficaria com as tarefas domésticas.

Porque era a mais nova e a menor, quase sempre sobrava para ela o serviço sujo. Havia perdido a conta de quantas vezes tivera que recolher o feno e limpar o estábulo. Quando adolescente, tinha muita sorte se conseguisse passar mais do que cinco minutos por dia em frente ao espelho.

Havia crescido como um menino, e não só se sentia à vontade entre eles como muitas vezes se comportava feito um.

Curiosamente, aquilo nunca a havia incomodado. Até seis meses atrás, após descobrir que Harwin Mulligan — o calhorda e traiçoeiro do ex-namorado — tinha roubado sua promoção e a traído com Dora Mae Shriver.

Só então percebera que nunca a levariam a sério como mecânica. Deanie tinha uma clientela cativa — na maioria mulheres idosas do Rotary Club — mas o chefe

e dono da maior oficina de Romeo, onde ela trabalhava já havia dez anos, parecia não dar a mínima para isso. Do contrário, nunca teria viajado para o México para pescar e deixado o especialista em freios — o idiota, trapaceiro do Harwin — com o comando da loja.

Deanie havia descoberto naquele momento que, se o patrão não confiava nela para cuidar dos negócios por ínfimas seis semanas de férias, certamente não deixaria que ela fosse gerente da loja depois que ele se aposentasse. Não importava que fosse a melhor mecânica da cidade e que desse tudo de si para ter seu trabalho reconhecido e poder crescer na empresa, mesmo após ter se formado em administração para estar mais preparada.

O sonho de um dia poder gerenciar a oficina e juntar um dinheiro para no futuro comprar o negócio havia se desvanecido e Deanie estava realmente desiludida com o trabalho.

Nada daquilo ia acontecer.

Nem agora nem nunca.

Assim como não iria se concretizar o desejo de conhecer o homem dos seus sonhos. O homem que se apaixonaria por ela sem se importar que ela não fosse o tipo de mulher delicada e sensual. Um homem que fosse capaz de lhe proporcionar o melhor e mais incrível momento de prazer de sua vida. Um homem que a amasse do jeito que era sem se deixar impressionar pela aparente graciosidade de Dora Mae ou de qualquer outra gostosa do restaurante Fat Cow Diner.

Enfim, um homem capaz de ver a real beleza por trás da armadura torpe e desengonçada que ela levava.

Parecia que o macacão que usava como uniforme era revestido de algum material contagioso que impedia qualquer homem de se aproximar.

Com exceção de Harwin. Pelo menos, era o que ela tinha acreditado até o dia em que ele a traiu roubando a confiança do chefe e saindo com a primeira sirigaita que viu pela frente.

Deanie nunca se esqueceria de Dora vestida de calcinha e sutiã vermelhos, uma pena gigante, também vermelha, na mão, enquanto provocava Harwin, preso à cama com algemas acolchoadas e pernas abertas.

Nem mesmo em seus sonhos mais eróticos, Deanie poderia imaginar uma cena daquelas. Um fato que denunciava sua pouca experiência. Ou nenhuma.

Afugentou a insegurança e tentou ignorar os dedos dos pés apertados e a pele arrepiada devido ao vestido revelador, pelo pouco pano que tinha.

Era hora de tomar uma decisão drástica. Mudar radicalmente.

Deanie havia começado aos poucos. Largou o trabalho que não a levaria a lugar nenhum, mudou o corte do cabelo e comprou roupas bem mais provocantes e coloridas.

Agora, estava pronta para começar as mudanças por dentro. Psicológica e afetivamente. Voltou a apanhar a bolsa e de dentro tirou um folheto dobrado.

Duas semanas para que você descubra seu lado sexy e provocante! Só de ler o título do anúncio, Deanie se enchia de esperanças.

Em exatas três horas, após o avião parar em Miami para pegar mais passageiros, Deanie estaria em Éden, uma pequena ilha no coração do Caribe. Lá ficava o Acampamento E.D.E.N., onde um programa elaborado por especialistas ajudava indivíduos a desenvolver sua sexualidade. Catorze dias de treinamento intensivo, que incluía desde aulas de anatomia, chamadas de "Ilha do Tesouro: se não souber achar, não saberá como usar", até aulas de culinária afrodisíaca.

O programa dava direito até a um diploma e Deanie estava certa de que, depois da graduação, estaria pronta para a nova vida em Dallas, com um apartamento no centro da cidade e um emprego de gerente da Sweet Nothings, uma boutique de lingerie da mãe de uma grande amiga com quem Deanie havia estudado na escola. A senhora MaryBelle tinha ficado surpresa e feliz quando Deanie a procurou. Ela e a mãe de Deanie haviam sido amigas íntimas e Deanie não encontrou dificuldades para que seu currículo fosse analisado.

MaryBelle era uma mulher de negócios e não tinha prometido nada. Não poderia dar um emprego a Deanie apenas porque tinha sido amiga de faculdade de sua mãe e cúmplice nas confissões amorosas durante os quatro anos acadêmicos. Amigos, amigos, negócios aparte...

Porém, ao contrário do patrão da oficina, que se deixava impressionar por um par de botinas, MaryBelle havia gostado tanto do currículo de Deanie que decidiu contratá-la como gerente. Agora, sim, Deanie podia dizer adeus à vidinha de

mecânica de cidade pequena e, principalmente, à reputação de mulher-macho caipira.

Uma mudança que nunca teria acontecido se Deanie tivesse permanecido em Romeo. Enquanto a cidade havia se modificado com o passar dos anos, as pessoas pareciam ter parado no tempo. O mercado Piggly Wiggly tinha sido reformado e modernizado, mas o dono, o sr. McGhee, continuava ensacando as compras dos clientes, pessoalmente. O posto de gasolina do Moe era agora *self-service* e cada cliente enchia o próprio tanque. No entanto, o senhor Johnson, o caixa, ainda saía correndo para limpar os vidros dos carros e contar as últimas fofocas da cidade. A velha arena de rodeios, onde Deanie costumava passar os fins de semana vendo Clay e o melhor amigo, Rance McGraw, enlaçando touros, estava prestes a ser demolida. No lugar, seria construída uma enorme loja de departamento. Porém, o sr. Samuel, que tomava conta da arena, continuava limpando a poeira do tablado, todas as tardes, como nos últimos vinte anos.

Seus conterrâneos nunca conseguiriam vê-la diferente. Para eles, ela continuaria sendo uma moleca de macacão, sempre suja de graxa.

Ignorou a pontada de culpa e olhou o relógio. O avião tinha decolado havia apenas cinco minutos. Ainda assim, haveria tempo de sobra para que chegasse à ilha para efetuar a matrícula do programa.

A maioria dos passageiros já estava sentada e a aeromoça começou a checar se os compartimentos estavam devidamente fechados e os cintos, afivelados.

Deanie havia acabado de guardar o folder de volta na bolsa e se ajeitado no assento, quando ouviu uma voz doce e suave.

— Com licença, querida.

Uma mulher alta parada em frente a Deanie pedia passagem para se sentar.

— Graças a Deus existem atrasos de avião! — exclamou a jovem de uns vinte e poucos anos, dona de cabelos louros, cacheados e esvoaçantes. Havia feito luzes, e mechas de diferentes tonalidades cobriam a cabeleira. Vestia uma blusinha azul bem colada ao corpo, a gola era adornada com paetês e pedras coloridas. A saia também era azul e bem curta. Ela teve que puxá-la ao se sentar. As pernas eram longas, bronzeadas. As sandálias conseguiam ser mais altas do que as que Deanie usava. Dedos com unhas pintadas à francesa afivelavam com cuidado o cinto de

segurança.

— Agora posso finalmente respirar. Há cinco minutos, achei que não conseguiria.

Os lábios rosados se abriram em um sorriso quando os olhos azuis, no mesmo tom da roupa, fixaram-se em Deanie.

— Não conseguia desligar o telefone na cara do Roger. Juro, mais um pouco e esse homem vai se tornar uma atração fatal na minha vida. Você entende o que é isso?

— Entendo perfeitamente — O comentário veio da poltrona à frente de Deanie. Uma raiva de uns cinquenta anos e cabelos armados em forma de colméia virou o rosto fino para trás e encarou as outras duas mulheres.

Os lábios estavam pintados com um laranja vibrante e os olhos emoldurados por um par de óculos escuros, grandes demais para o rosto fino. As bochechas estavam rosadas pelo excesso de maquiagem e, para completar, as pálpebras estavam carregadas de sombra azul. Ela exalava a fixador de cabelo misturado com um perfume muito doce e cheiro de naftalina.

— A gente tenta se livrar deles da forma mais indolor — a mulher continuou, — mas eles não aceitam "não" como resposta. Continuam ligando insistentemente, aparecem sem avisar, compram flores e jóias. Eu não me vendo; já disse isso tantas vezes que perdi a conta.

Ela fez uma careta que ressaltou as rugas ao redor dos olhos.

— Mas isso não foi o suficiente e não impediu o Walter de me dar um Rolls Royce no mês passado, de presente.

— Um cara comprou um Rolls Royce para você?

— A jovem perguntou, com expressão desconfiada.

— Pois é. Mas não abro mão do meu Porsche que o James me deu de aniversário no ano passado. James...

— Ela deu um suspiro. — Aquele sim era um homem de bom gosto. Infelizmente, descobriu que tinha uma doença no cólon. Morreu durante o jantar alguns meses depois. São os bons que vão se embora mais cedo, minha filha, lembre-se disso — disse ela, olhando diretamente para Deanie. — Se encontrar um homem nota dez, que valha a pena, não o deixe escapar, minha filha. Principalmente, se tiver um

problema no cólon.

— Palavras de sabedoria — murmurou a loura.

— Mas, enfim, a vida continua e não podia ficar me lamuriando o tempo todo. Não que tenha ido atrás de alguém. São os homens que costumam se jogar aos meus pés, não o contrário. Mas o Mitchell não é um homem típico. Ele chegou até a escrever um poema de amor para mim. Não podia obrigá-lo a abrir mão de um acordo milionário só para vir ao Texas me visitar no Dia dos Namorados. Não que ele precise do dinheiro, porque já tem de sobra.

— Quer dizer que você tem um milionário aos seus pés que lhe escreve poemas?

— a loura perguntou ainda com a expressão de descrença estampada no rosto.

A ruiva não parecia nem um pouco ofendida.

— Na verdade ele é bilionário. É lindo. E dança muito bem. Não que isso tenha alguma importância. Já conheci homens muito bonitos, bilionários, até divertidos. Porém, nenhum soube apreciar meu verdadeiro eu. Quero dizer, o conteúdo da caixa com laçarotes e :.S enfeites.

Ela ajeitou o cabelo laqueado com uma das mãos.

— Mavoreen Rosenbaum tem, sim, um cérebro. Não é uma boba. Infelizmente, os homens são criaturas medíocres demais para conseguir controlar os hormônios e entender isso.

Naquele instante, um homem entrou no avião e começou a caminhar pelo corredor. Tinha um rosto austero. Passou rapidamente pela fileira de Deanie, mas recuou alguns passos até ficar em frente à fileira de Mavoreen Rosenbaum. Apontou com a mala para o assento vazio ao lado dela.

— Esse é o número da minha poltrona.

— Mas claro que é — ela respondeu, balançando a cabeça com indignação. — Acho bom você manter as mãos bem longe de mim — ameaçou, quando ele se sentou. — As pernas também, assim como as demais partes do corpo. E nem pense em ficar me encarando, porque tenho um spray de pimenta na bolsa e não vou hesitar em usar se você se meter a besta.

— Caixa com laçarotes e enfeites. Essa foi boa — murmurou a loura.

Deanie não podia deixar de admirar aquela mulher.

— Pelo menos ela tem autoconfiança.

— Ela é uma lunática. Não existe milionário. Inventa essa história para não parecer a mulher desesperada e solitária que é.

A loura sorriu.

— Desculpe, não me apresentei: Savannah Sierra Ellington.

— Nadine. Nadine Codge. Mas pode me chamar de Deanie.

Antes que tivessem tempo de continuar se apresentando, a voz da aeromoça soou pelo alto-falante da aeronave.

Deanie olhou a decoração do avião e se esforçou para não rir. Uma reação que nada tinha a ver com o fato de que era a primeira vez que andava de avião. Eram os corações e as figuras de cupidos pendurados por todos os lados em homenagem à data que seria homenageada por muitos no dia seguinte.

Com exceção dos solteiros, viúvos e mal-amados.

— Infelizmente, teremos um pequeno atraso. Mas, enquanto esperamos a autorização da torre para decolar, iniciaremos o serviço de bordo.

Em seguida, a aeromoça foi passando por todas as fileiras, anotando os pedidos. Atrás, vinha outra aeromoça carregando uma cesta cheia de pacotinhos de biscoitos. Enquanto entregava os pacotinhos, certificava-se de que os cintos estavam afivelados.

— Bem-vindos a Island Airways, onde o amor está sempre no ar — completou a aeromoça ao microfone depois que todos os passageiros já haviam sido atendidos.

— Que coisa mais cafona! — exclamou Savannah Ellington.

Até os pacotinhos de biscoito eram vermelhos com corações prateados. Deanie não pôde conter as lembranças. Viu a si mesma, anos antes, quando ainda era uma menina cheia de sonhos, com uma caixa de sapatos cheia de biscoitos de chocolate e o menino mais bonito da sétima série ao lado.

Era tão ingênua na época. O príncipe encantado não parecia nada interessado em Deanie, mas ela também não parecia notar. Cada ano que passava ela preparava mais biscoitos de chocolate em forma de coração e a única retribuição do rapaz era sempre um "obrigado" e um sorriso.

Ah, mas aquele sorriso valia o sacrifício de um dia inteiro gasto na cozinha e as provocações dos irmãos que não a deixavam em paz.

Era o que ela achava na época.

Porém, felizmente, amadureceu e ficou mais esperta.

— Vou reclamar com a empresa — disse Savannah. — Isso é um absurdo!

— Eu concordo. Nem é um feriado de verdade. Não estamos falando de Natal ou Dia da Independência. O Dia dos Namorados é apenas um dia como outro qualquer.

— Não estou falando do Dia dos Namorados. Estou falando dessa mesquinha com a comida. Um pacotinho de biscoito não dá nem para começar. Até chegar em Escapades, vou estar subnutrida. — Ela apanhou a bolsa que estava ao lado e tirou uma caixa de bombons de dentro.

— Ainda bem que trouxe essa caixa. Uma mulher prevenida vale por duas.

Ela desembulhou um dos bombons e enfiou inteiro na bolsa. Em seguida, estendeu a caixa para Deanie.

— Quer?

Deanie balançou a cabeça negativamente. Savannah olhou com sarcasmo.

— Foi o que imaginei.

— O quê?

— Se odeia Dia dos Namorados, também deve odiar bombons. E flores. E jóias.

— Não odeio o Dia dos Namorados. Só acho que as pessoas supervalorizam essa data. Não acho que é necessário comprar bombons, flores e jóias para mostrar que se ama alguém.

— Que pena! — Ela comeu outro pedaço do bom-bom e olhou bem para Deanie. — Você não tem namorado, tem?

— Não exatamente.

— Não exatamente querendo dizer não ou sim? Deanie ficou encabulada.

— Terminamos.

Savannah a estudou por alguns segundos.

— Não perca tempo se lamuriando. Iguais a ele existem vários. E muitos são homens de verdade — ela disse apontando com o queixo para Mavoreen. — Pode acreditar, quanto mais melhor. Assim, enquanto um estiver ocupado em Atlanta fazendo negócios para sua preciosa empresa, você não precisa ficar sentindo pena de si mesma por estar sozinha. Pode pegar o primeiro avião para uma ilha paradisíaca e desfrutar de uma ou duas noites com o número dois. E três. E quatro. Basta termos um plano B.

Para as poucas sortudas como Savannah Sierra Ellington, era fácil falar. Mas a história era outra para as demais, que não tinham as roupas provocantes, a sensualidade e a voz rouca e sedutora.

Savannah era a mulher fatal em pessoa. Não devia ser difícil para ela ter mais de um namorado.

Deanie, por outro lado, já não estava tão preocupada em chamar a atenção de todo o homem por quem passava. Para ela, bastava conseguir a atenção de apenas um homem. E teria de ser "o homem".

Apenas desejava estar pronta para quando ele aparecesse.

Caso ele algum dia aparecesse.

— Não devia ter bebido mais de uma taça de vinho no bar do aeroporto. Vou dar um pulo no banheiro antes do avião decolar.

Savannah guardou a caixinha de bombons na bolsa, abriu o cinto de segurança e foi desfilando até o banheiro, no final do corredor, na parte da frente do avião.

Deanie voltou a olhar o relógio de pulso. A ansiedade a consumia, estragando o prazer da espera.

O avião precisava decolar logo. A última coisa que queria era chegar atrasada.

O acampamento E.D.E.N. tinha um barco que levava os convidados da ilha onde o avião pousava para a ilha do programa. E não haveria tempo para relaxar ou ficar de pernas para o ar na piscina. O treinamento começaria imediatamente após o "alistamento" e a primeira aula seria "Acabando com as suas inibições". Um intervalo de meia hora apenas e mais três workshops antes da hora de recolher e das luzes apagadas. O regime rigoroso era para que os participantes não tivessem dúvidas de que o acampamento E.D.E.N. era para pessoas disciplinadas e que estivessem realmente interessadas em se desenvolver sexualmente. Pelo menos,

era o que a página da internet dizia, assim como os relatos de quem já havia estado lá.

Os dedos dos pés estavam doloridos e resolveu retirar os sapatos. Procurou no estreito assento uma posição mais confortável. As pernas pareciam grandes demais para o espaço disponível. Deanie percebeu que uma viagem para um refúgio tropical era algo menos glamouroso do que havia imaginado.

Fora um dia e tanto. Assustador... Excitante e assustador. Obviamente, ambas as sensações causaram uma onda de adrenalina e uma sensação de náusea.

Pegou na bolsa uma das revistas de moda que havia comprado no aeroporto e começou a ler um artigo sobre as vantagens do brilho sobre o batom. Estava quase dormindo de tão chato que era o texto. Foi quando ouviu algo que lhe chamou a atenção.

Demorou menos de dois segundos para reconhecer a voz aveludada e grave que chegava aos seus ouvidos.

— ...não diria que rui a melhor defesa a jogar futebol americano. Talvez um dos cinco melhores...

Não podia ser.

Deanie fechou os olhos e assim os manteve por um bom tempo, enquanto o passado a acertava em cheio.

— E aí, menina!

A voz tão familiar ecoou em sua memória e ela chegou a sentir o cheiro aguçado de gado e palha do curral onde costumava observar o irmão e o melhor amigo praticando enlace de touros, todas as tardes depois da escola.

— Eu dei o melhor que pude, mas havia muitos jogadores tão bons quanto eu...

Esforçou-se para abrir os olhos, respirou fundo e se virou de costas para confirmar suas suspeitas, na poltrona de trás.

Rance McGraw havia sido o garoto mais charmoso e popular a vestir o uniforme de futebol da escola de Romeo. Era o mais novo e destemido dos trigêmeos da família McGraw, o protagonista dos sonhos adolescentes de Deanie e de algumas mulheres adultas também. Ele era doce, carismático e sedutor, além de um dos melhores caubóis de rodeio. Sempre ganhava o primeiro lugar na categoria

juvenil. Acima de tudo, ele havia sido o homem que Deanie desejara ardentemente e com quem sonhara se casar e viver feliz para sempre.

Mas aquilo era passado. Já tinha superado a paixão e havia muito tempo. Dezesseis anos era um bom tempo e o garoto tinha crescido e ficado ainda mais charmoso e gostoso. O homem sentado duas fileiras atrás dela era o Rance que havia conhecido, só que ainda melhor.

Ela deu um longo suspiro e tentou se concentrar. Os pulmões, no entanto não estavam cooperando. Não conseguia respirar direito. Os olhos também a estavam traindo e não se desviavam da miragem alta e musculosa que também se espremia no minúsculo assento.

Os cabelos pretos e o sorriso radiante de Rance eram iguais aos dos dois outros irmãos. Assim como o queixo imponente, os lábios carnudos e o nariz harmonicamente esculpido. Os três eram igualmente lindos. No entanto, Deanie nunca o confundiria com os outros gêmeos.

Não eram trigêmeos idênticos e Rance não tinha os olhos azuis de Mason ou os verdes de Josh. Em vez disso, tinham a íris cor de mel que brilhavam intensamente, de forma quase delirante.

Além disso, era dono de um estilo próprio que o distinguia de qualquer um. Não era o típico caubói arrumadinho como o resto da família. Tinha os cabelos longos, até o ombro, vestia camisas floridas, quase sempre desabotoadas pela metade, com uma camiseta branca por baixo. Ele chegava a causar torcicolo em algumas mulheres, incluindo Deanie. Não podia vê-lo bem, naquele instante, mas podia apostar que estava de bermudas e chinelos.

A única coisa que denunciava sua origem era um chapéu surrado que pertencera a seu pai e que ele usava desde os dezesseis anos, quando ficou órfão.

Rance havia se tornado um esportista radical, participava de todo o tipo de competição que envolvesse práticas arriscadas. Depois de largar a liga profissional de futebol americano, havia decidido viajar o mundo em busca de aventuras e desafios. No ano anterior, Deanie o tinha visto na televisão voando de asa-delta sobre um mar de tubarões famintos.

Ela compreendia o espírito competitivo e insaciável de Rance, principalmente porque sabia dos verdadeiros motivos por trás daquele comportamento. Os pais

havam falecido quando ele tinha apenas dezesseis anos. Desde então, tentava reavivar algo dentro de si que também havia morrido, como se a adrenalina e o medo pudessem ressuscitar algo que já não mais existia.

De repente, o coração de Deanie começou a bater mais rápido. A visão ficou turva. As mãos estremeceram.

E tudo porque Rance McGraw estava tão próximo. Mesmo que negasse para si mesma, a verdade era que Deanie ainda tinha uma enorme e irresistível atração por ele.

Havia um lado seu que queria sair engatinhando até a poltrona dele e beijá-lo como se não houvesse o dia de amanhã. O outro lado tinha vontade de esganá-lo.

Mas lembrou-se de que havia prometido abandonar seus modos impetuosos e se comportar como uma mulher fina e elegante.

Já tinha se declarado a Rance uma vez e a rejeição fora uma das mais traumáticas experiências de sua vida.

Teria de fazer algo, pensou, com o coração tão agitado que parecia sair pela boca. Deanie abriu o cinto de segurança e se levantou.

CAPÍTULO DOIS

Quando o assunto era sobre mulheres, Rance McGraw não era homem de enfiar o rabo entre as pernas e sair correndo. Ele gostava de mulher. Ou melhor, amava as mulheres e não tinha vergonha nenhuma de admitir.

Adorava a sensação dos cabelos sedosos de uma mulher entre seus dedos, da suavidade da pele feminina contra os lábios durante um beijo quente e profundo; das unhas dela arranhando suas costas, enquanto ele a possuía com vontade; os gemidos e suspiros pedindo por mais...

Sim, amava o sexo feminino. E sentia que o sentimento era recíproco. Principalmente, quando se tratava de Deanie Codge.

Ela havia se apaixonado por ele desde o dia em que o viu participar, com o irmão

Clay, do campeonato anual de rodeios da cidade.

Rance tinha oito anos quando visitou pela primeira vez a fazenda de Clay para treinar. Na época, Deanie tinha apenas quatro anos e já queria subir em um touro como os meninos.

Quando Clay deu uma gravata em Deanie para repreendê-la e forçá-la a deixá-los em paz, Rance a socorreu.

Havia sido o maior erro de sua vida.

Ao se ver livre do irmão malvado, Deanie ficou olhando para Rance com os adoráveis olhos azuis arregalados, em completa admiração. A partir daquele incidente, ela passou a segui-lo e a adúl-lo. Só desistiu na noite em que ele terminou o colegial e foi embora da cidade para cursar a faculdade.

Nunca mais havia se esquecido da visão de Deanie na grama da beira do rio da propriedade dos McGraw. Os cabelos pretos e longos caíam sobre o corpo nu, os ombros alvos, sua pele iluminada pela luz do luar.

Não se lembrava muito bem daquela noite. Apenas que havia saído do baile de formatura com um grupo de amigos e algumas latas de cerveja. Não tinha certeza exatamente como havia parado no riacho ou o que havia acontecido com os amigos. Aquele dia era um borrão na sua memória, com exceção daquele momento em que se viu sozinho com Deanie na margem do rio.

Seus sentidos ficaram à flor da pele, estava completamente extasiado com a beleza dela, desde os cabelos longos e sedosos até a pele arrepiada e os mamilos rosados. Podia escutar o som das águas correndo, o cantar dos grilos e do trovejar das batidas de ambos os corações.

Sentia o cheiro de baunilha e mel do perfume dela. Havia sido pego de surpresa e as reações de seu corpo também foram igualmente inesperadas.

Aquela havia sido a primeira vez que ele a tinha visto nua. E a última.

Na verdade, fora a última vez que a tinha visto. Ele havia voltado a Romeo poucas vezes nos últimos dezesseis anos e sempre fez questão de evitar Deanie Codge.

Fora bem sucedido até poucos meses atrás, quando esteve cara a cara com ela no casamento dos dois outros gêmeos que haviam resolvido realizar duas cerimônias em uma.

Rance agora era o único solteiro dos irmãos. E pretendia continuar assim por um bom tempo. O estilo de vida que levava não combinava com relações duradouras e estáveis. Portanto, procurava evitá-las.

Da mesma forma que fugia de Deanie.

No entanto, a situação mudara, como ele já estava suspeitando havia meses, desde que voltara para casa depois de quebrar a perna em uma competição para domar crocodilos na Austrália. A suspeita era de que Deanie já não estava mais de quatro por ele.

Rance era o dono e principal divulgador da cadeia de lojas de esportes radicais, Sonho Radical, a maior do sul do país. Participava de qualquer competição, fosse snowboard ou rali de bicicletas.

Havia esquiado nos Alpes, saltado de pára-quedas do edifício Empire State, em Nova York, e nadado nas águas infestadas de piranhas nos rios da Amazônia.

A aventura havia sido assustadora. Mas não chegava aos pés de ter que se encontrar com Deanie outra vez. Por isso, Rance havia mantido em segredo sua volta para casa.

Ou ao menos havia tentado.

Porém, um desejo repentino de comer algo doce o tinha forçado a ir no meio da noite a uma padaria da cidade. Enquanto comia uma fatia inesquecível torta de framboesa da srta. Mona, os rumores sobre seu retorno se espalharam rapidamente pela cidade e foi então que ele percebeu que tinha se dado mal.

Mas os dias se passaram e Deanie não havia feito qualquer tentativa de encontrá-lo ou entrar em contato.

Até o dia do casamento.

Ele a avistou e ela o avistou. Cumprimentaram-se civilizadamente e então...

Nada.

Nenhum flerte ou olhar de soslaio durante a cerimônia para ele. Nenhuma palavra ou insinuação durante a festa.

Terminada a festa de casamento, ela não o tinha seguido até em casa com uma caixa de pizza de calabresa, o sabor preferido de Rance. No dia seguinte, também, nada de aparecer na porta dele com as saborosas panquecas com frutas

vermelhas que ele tanto adorava. Nem mesmo um convite para assistir ao jogo de futebol das sextas-feiras ou o bingo de sábado à noite.

O casamento havia sido na semana anterior. A mais longa semana de sua vida. Não tinha conseguido dormir e tampouco comer direito. Não parava de se preocupar um minuto sequer, sempre imaginando coisas.

Que diabos havia acontecido?

De repente, seu olhar colidiu com um par de olhos azuis brilhantes, emoldurados por cílios espessos e longos. As sobrancelhas estavam unidas, os lábios tensionados e os ombros rígidos. Os movimentos eram duros, enquanto ela saía de sua poltrona e caminhava na direção da dele.

Parecia que ia explodir e nada tinha a ver com uma sensação orgástica ou coisa parecida.

É isso aí, amigo, pensou ele, ela não quer nada com você. E depois que ela entrar em contato com a própria sexualidade no tal acampamento E.D.E.N., aí mesmo que vai descobrir que é muita areia para o seu caminhãozinho e nunca mais vai querer saber que um dia já esteve apaixonado por Rance McGraw.

Sentiu um frio na espinha e esforçou-se ao máximo para continuar sorrindo frente ao rosto desfigurado pela raiva de Deanie. E daí que ela não fosse mais tão atenciosa e apaixonada por ele? Não significava que ele não mais a atraía fortemente.

Ela ainda o desejava. E muito.

Ele sabia, podia sentir.

Mesmo que estivesse fazendo um belo trabalho ao esconder essa atração.

Enquanto Deanie tinha todo o direito de levar a vida como bem entendesse, os irmãos mais velhos já não compartilhavam da mesma opinião. Principalmente, o amigo de longa data de Rance, Clay. O pobre estava em pânico. Não porque a irmã caçula havia decidido mudar de emprego e sair da cidade. Deanie tinha o direito de escolher o que fosse melhor para sua vida.

Mas se inscrever em um acampamento sexual?

Clay estava a ponto de ir pessoalmente atrás dela, apesar do fato de que o primeiro filhinho estava por nascer a qualquer minuto. Foi, então, que Rance se

ofereceu para a missão.

— Você não tem tempo para esse tipo de coisa.

Essas foram as palavras de Shank Murphy quando Rance lhe telefonou do aeroporto. Shank era o diretor de marketing da Sonho Radical e sócio de Rance. Ficou muitíssimo contrariado quando Rance lhe avisou que não poderia voltar para Austin naquele dia, porque precisava fazer um favor a um amigo.

— Precisa voltar hoje mesmo. Seu avião sai amanhã. Você tem um acordo contratual com a organização do campeonato. Esqueceu que é o garoto-propaganda da competição?

— Pode embarcar minha bagagem e os equipamentos. Eu vou estar lá no dia e na hora marcada.

— Amanhã. Você tem que partir amanhã. Não me importa onde esteja ou o que esteja fazendo.

— Eu estarei lá.

O que significava que ele tinha vinte e quatro horas para pôr um pouco de juízo na cabeça teimosa de Deanie Codge.

Se pudesse, a levaria carregada nas costas, à força, no avião de volta para casa. Mas não podia. Não podia deixá-la com raiva, caso contrário, ela faria de tudo para provocá-lo. Inclusive, pegar o primeiro avião que partisse quando ele virasse as costas. Não, precisava que ela sentisse que não tinha escolha, a não ser escutá-lo e ser sensata.

Ir para um acampamento havia sido a idéia mais absurda que poderia ter passado pela cabeça de Deanie. Tinha visitado a página do lugar, na internet, com Clay, mas, apesar da aparente seriedade e respeitabilidade do programa, Rance podia imaginar o que realmente acontecia num lugar como aquele. Havia passado o tempo de espera, no aeroporto, imaginando toda a sorte de atividades e orgias que deviam praticar no acampamento. Ao ver Deanie embarcando no avião de vestidinho colado no corpo e salto alto, sua imaginação foi nas alturas. Sem entender bem o porquê, sentiu um misto de irritação e desejo.

Ao vê-la frente a frente, com o perfume inconfundível de baunilha e mel, a voz sutilmente ofegante, Rance ficou ainda mais agitado e nervoso. Descobriu, naquele instante, que não estava ali apenas por causa de sua amizade com Clay.

Deanie sempre fora a mulher de sua vida. A única; que ele tinha certeza de que estaria esperando por ele. A única mulher que tinha gostado dele de verdade. Que se importava com ele.

Não conseguia admitir a hipótese de que ela pudesse ter deixado de desejá-lo.

Muito menos, agora, depois de descobrir que sentia uma irresistível atração por ela.

Controlou os hormônios, ajeitou-se na cadeira e entrou no jogo que melhor conhecia: o da sedução.

— E aí, menina? — Intensificou o sorriso quando ela parou em frente à sua cadeira. — Que coincidência encontrar você aqui!

Ela o olhou com altivez.

— Vou acabar com você. Primeiro vou te matar, depois vou jogar seu corpo para os urubus.

— Quanta gentileza! — Ele deu uma piscadela. — Vai com calma, senão vou acabar achando que ainda é louquinha por mim.

O vinco na testa suavizou-se e Rance se deu conta de que ela não estava tão imune a ele quanto parecia.

Mas a expressão voltou a ficar tensa alguns segundos depois.

— Nem morta. Talvez nos seus sonhos.

Ele sorriu com confiança.

Deanie chegou a cogitar aquela possibilidade por alguns segundos, até lembrar-se a si mesma que aquele era Rance McGraw.

O mesmo Rance McGraw que nunca a tinha fitado com romantismo ou demonstrado qualquer interesse por ela além de uma amizade fraternal.

O mesmo Rance McGraw que a tinha rejeitado naquela fria noite em que ela ofereceu seu corpo e seu coração a ele.

"Não posso fazer isso" foi tudo o que ele disse.

Ela sabia que ele já havia "feito isso" com todas as garotas populares da cidade que se jogavam em cima dele. O motivo não era que ele não pudesse, tinha concluído Deanie. Ele simplesmente não queria "fazer" com ela.

Porque Deanie nunca havia sido popular na escola ou em qualquer outro lugar. Porque Deanie era a caçula endiabrada do melhor amigo Clay.

Clay.

O nome do irmão ficou martelando em sua cabeça e a repentina aparição de Rance começou a fazer sentido. A esposa de Clay estava grávida de nove meses. Ele não podia sair correndo atrás dela. Então, pediu ao melhor amigo que fizesse esse favor.

— Foi o Clay que pediu para você fazer isso, não foi?

— Isso o quê?

— Ficar me seguindo!

— Foi você quem veio atrás de mim, menina. Não fui eu que saí da minha poltrona para ir falar com você.

— Não banque o desentendido, pois conheço muito bem esse jeito sonso que faz quando não quer responder uma pergunta.

Ele fez a cara mais inocente que tinha e até teria sido convincente se não fosse a malícia dançando na profundidade de seus olhos intensos.

— Não sei do que você está falando.

— Tudo bem, se não está me seguindo, o que está fazendo aqui?

Ele abriu o saco de biscoitos.

— Saboreando meu lanche, querida.

— O que está fazendo nesse avião? Nesse vôo?

— Estou indo para um acampamento.

— Você está indo para o E.D.E.N.?

— Esse mesmo.

— Mas por quê? É um acampamento... — Ela não conseguiu finalizar a pergunta. A palavra sexual ficou entalada em sua garganta. — É o último lugar onde iria querer ir.

— Na verdade, acho que é exatamente o tipo de lugar que quero ir.

— Por quê? Por acaso precisa de aulas sexuais?

— Estava pensando que poderia dar algumas.

— Está indo como instrutor?

Ele deve ter notado o tom de incredulidade na voz dela, pois o sorriso lhe falhou por um segundo.

— Assim você me ofende. Acha que não tenho nada a oferecer com minha experiência?

Ele a olhava com intensidade, como se a recordasse de que houve um tempo em que ela pensava completamente diferente.

— Você já tem outro trabalho — ela rebateu.

— Esse é só um passatempo para quebrar a rotina. Preciso variar um pouco, para não morrer de tédio.

— Do que está falando? Você vive de esportes radicais. Não existe rotina na sua vida.

— Variedade demais pode acabar sendo maçante. — Ele deu uma piscadela deliciosa. — Quem sabe você não acaba em uma das minhas aulas?

Ela quase não conseguiu disfarçar o abalo que sentiu ao considerar a possibilidade. Primeiro, mesmo que ele fosse realmente um dos instrutores, ela nunca teria a sorte de estar em uma de suas aulas. Segundo, ela sabia perfeitamente que o acampamento contratava apenas profissionais renomados. Rance podia até ter experiência e fama, mas não tinha um doutorado em Educação Sexual. O que significava que estava inventando aquela história para encobrir a verdadeira razão de estar ali.

Clay.

Ela apoiou as mãos na cintura.

— Se o Clay acha que vou mudar de idéia só porque você está aqui, ele está muito enganado. Vou para Éden nem que seja a última coisa que eu faça.

— O mesmo digo eu. — O sorriso estava ainda mais ousado e desavergonhado. — Afinal, o dever me chama.

Quem mandou ter deixado um bilhete dizendo aonde ia!

Deanie passou toda a viagem até Miami, repreendendo-se mentalmente por ter

sido tão idiota. Porém, não quis deixar Clay preocupado. E, infelizmente, também não quis mentir e, por sua culpa, agora tinha que suportar a presença de Rance durante toda a viagem.

O azar era tanto que apenas duas fileiras os separavam e ela não tinha como não ouvir a voz dele.

Os nervos estavam alterados, as mãos trêmulas e o coração acelerado. Tentou conversar com Savannah, mas a mulher logo caiu no sono. Da mesma forma, Mavoreen roncava na fileira da frente.

Deanie não teve outra opção senão entreter-se com as revistas femininas que havia comprado.

Mas não conseguia se concentrar. Apenas pensava no fato de que ele estava ali, tão perto.

Atrás dela.

Olhando para ela.

Rance também fazia questão de não deixá-la esquecer-lo, pois a cada meia hora passava por ela para ir ao banheiro. E na volta a olhava descaradamente com um sorriso cativante. O coração de Deanie disparava na mesma hora. O jeito como ele a olhava fazia com que Deanie se sentisse a caça e Rance, o caçador.

O que não fazia o menor sentido, pensava ela. Afinal, Rance não a via como uma presa, não tinha qualquer tipo de apetite por ela.

Talvez ele estivesse dizendo a verdade.

Talvez o destino houvesse orquestrado esse encontro casual. Talvez, os dois tivessem sido unidos para que a atração acumulada que sentiam um pelo outro pudesse ser renovada. Pelo menos a de Deanie já estava renovadíssima. Quem sabe ele não iria se dar conta de que havia sentido a falta de Deanie durante todos esses anos e faria qualquer coisa para recuperar o tempo perdido?

Pelo visto, não era Mavoreen a lunática, mas ela.

Podia ser imaginação, porém sentia que ele a estava seguindo, observando-a, pura e simplesmente. A razão também lhe indicava tal conclusão.

Ele, pelo menos, poderia parar de perturbá-la com seu sorriso conquistador, sempre que voltava do banheiro. Não sabia o que pensar. Não conseguia raciocinar

quando ele a olhava daquele jeito maroto e safado, como se soubesse exatamente o que se passava pela cabeça dela, o que ela desejava.

Para a sorte de Deanie, o voo de Miami para ilha Escapades foi curto. As luzes de apertar os cintos ficaram acesas durante toda a viagem e Rance não se levantou e Deanie conseguiu parar de pensar na teoria sobre atração e destino.

— Temos exatos vinte minutos antes de o avião partir para Éden — anunciou a aeromoça quando o avião pousou no aeroporto de Escapades. — Enquanto isso, os passageiros podem ficar à vontade para caminhar um pouco.

— E aqui que eu fico — disse Savannah enquanto apanhava a bolsa debaixo da poltrona. — Foi um prazer conhecê-la e tudo de bom.

— Obrigada. — Deanie soltou o cinto de segurança e se levantou. — Preciso esticar as pernas. Vou acompanhar você até a saída.

Ela seguiu Savannah até o final do avião. Não ia ficar sentada como uma pateta criando fantasias malucas, enquanto Rance passasse pelo corredor enfeitando-a com seu sorriso e olhar que hipnotizavam qualquer criatura viva.

Sequer olhou para trás. Não ia se arriscar nem mais um contato visual, caso ele a estivesse seguindo. Disse adeus a Savannah quando chegaram ao pequeno, porém agitado, terminal do aeroporto da ilha Escapades. Lá, de repente, Deanie percebeu que estava sendo seguida.

Ele a seguia! Apertou o passo e virou por um dos corredores do terminal. Abriu uma pequena porta e desapareceu na pequena e escura sala.

Tateou a parede em busca do interruptor. Ao encontrar, ficou esperando pelo momento exato. Poucos segundos depois, a maçaneta girou.

Ouviu o barulho da porta se abrindo e um fio de luz iluminou parcamente o interior do local. No entanto, não pôde identificar quem tentava entrar. Esperou um pouco mais até que a porta se abrisse o suficiente para que ela pudesse ver a silhueta da pessoa.

CAPÍTULO TRÊS

— Eu sabia! Você está me seguindo! — gritou Deanie ao acender a luz de repente.

— Não estou nada. — Rance franziu a testa.

— Ah, não? Então porque você está dentro de uma dispensa do aeroporto?

— Você também está — ele retrucou. — Acho que é você quem está me seguindo.

— Como é? Eu estava aqui primeiro — ela o lembrou. — Meus irmãos mandaram você aqui para me espionar. Pode confessar!

Ele ia negar, mas fez uma pausa.

— Na verdade, eles me mandaram aqui para convencer você a criar juízo — revelou enfim.

Ela já sabia da verdade, mas a confirmação a incomodou mais do que esperava.

— Então essa história de instrutor era só uma desculpa?

— Eles estão sempre procurando instrutores qualificados na internet.

— Mas você não é um deles.

— Poderia ser, se quisesse.

— Eu devia ter desconfiado.

Na verdade, já tinha desconfiado, mas não queria acreditar. No fundo, queria crer que o destino havia finalmente sorrido para ela. Que talvez todos aqueles anos sonhando não haviam sido em vão.

Queria acreditar que a hora tinha chegado e que ele a seguia porque a queria.

Nada disso.

— Olha, me desculpa por ter mentido, mas foi por uma boa causa. Clay está preocupado com você e prometi que ia ficar por perto e de olho. Tive medo que você acabasse saindo do avião em San Antônio se não inventasse uma história convincente.

— Era exatamente o que teria feito.

— O que significa que minha história foi convincente.

Ela semicerrou os olhos.

— Agora, vejo que tinham vários furos. Fui uma burra em não ter percebido antes.

Ele fez um rosto de indignação.

— Foi a história mais incrível que já inventei.

— O que quer dizer que precisa praticar mais. Você pode até ter uma boa reputação em Romeo. Mas é preciso muito mais que algumas preliminares rápidas no banco traseiro do carro para se tornar um instrutor do acampamento E.D.E.N.

— Algumas preliminares rápidas? — Ele franziu a sobrancelha.

— Bem, quem conta um conto aumenta um ponto. Ainda mais em cidade pequena. Costumam exagerar tudo. Sem contar que essas histórias já têm anos. Você pode, perfeitamente, ter ficado todos esses anos em jejum. E não tem qualquer referência sólida que prove o contrário.

— Não estive em jejum.

— Tem como provar?

— Os jornais — ele lembrou.

— Todo mundo sabe que a mídia aumenta tudo. Além disso, só porque você tem certa popularidade com as mulheres não quer dizer que seja um especialista em matéria de sexo.

— Pode acreditar que sou. — Os olhos de Rance flamejavam e, só então, Deanie percebeu como a dispensa era pequena e como estava perturbada com a proximidade de Rance. — Sou altamente qualificado nesse departamento.

— É o que diz. Mas é fácil falar. Difícil é provar. Para ser um especialista é necessário experiência. Dom. Empenho.

As sobrancelhas ficaram ainda mais unidas quando ela acrescentou:

— Se eu fosse dona do acampamento E.D.E.N., teria apenas os instrutores mais experientes para trabalharem para mim. E, como aluna, espero um nível avançado de conhecimento e profissionalismo.

— E você acha que não tenho um nível avançado? Ela deu de ombros.

— Não é nada pessoal. O acampamento E.D.E.N. precisa de instrutores que saibam o que estão fazendo... Ei, o que está fazendo? — Ela se assustou quando ele deu um passo adiante, ficando mais perto ainda. Poucos centímetros os separavam.

— Sei o que estou fazendo. — Ele se inclinou e tocou os lábios de Deanie com os seus.

Deanie nunca sabia o que esperar de Rance. Porém, sem sombra de dúvida, sabia que nunca esperaria um beijo dele.

Um beijo molhado, quente e de tirar o fôlego.

Os primeiros segundos foram de puro choque para Deanie. Ela ficou atônita. Mas, quando ele a tomou pela cintura com aquelas mãos enormes e firmes, a surpresa foi, aos poucos, dando lugar a uma seqüência de ondas libidinosas e eletrizantes que arrastavam qualquer vestígio de razão em Deanie.

Ela envolveu o pescoço de Rance e afundou os dedos nos cabelos dele.

A boca foi com mais fúria ao alvo e a língua de Rance buscava avidamente pela de Deanie. O beijo ficou mais quente e sem controle, assim que as mãos de Rance puxaram Deanie pelos quadris apertando-a contra seu sexo rijo e excitado.

Ele massageou as costas dela e Deanie estremeceu. Ele era tão gostoso! Tudo parecia perfeito demais.

Ela deslizou as mãos por debaixo da camisa dele e acariciou a pele de Rance.

A reação dele foi levar as próprias mãos até os seios de Deanie e apalpá-los com delicadeza, deliciosamente. Os dedos desceram, trilhando um caminho íntimo e excitante. Ela estremeceu.

Como se quisesse provocá-la ao máximo, as mãos subiram para o pescoço, e ficaram acariciando a pele sensível. Logo envolveu a nuca de Deanie e a beijou. Intensa e ardentemente, a língua de Rance parecia um mar agitado, cheio de ondas perigosas e extraordinárias . das quais ela não conseguia, nem queria se livrar.

Deleitou-se com o sabor e a textura de Rance e um gemido de protesto saiu de sua garganta quando ele finalmente se afastou. O cérebro não teve tempo de registrar que ele havia desabotoado a parte superior do vestido dela. Deanie estava seminua. Os seios nus estavam arrepiados pelo repentino contato com o ambiente e pela excitação. Por um momento, sentiu-se constrangida em ter à mostra os seios. Seu lado racional dizia que aquilo estava errado.

Porém, a razão não durou nem um segundo. Com o polegar e o dedo indicador,

Rance friccionou um dos bicos do peito dela, provocadoramente, apertando e acariciando em movimentos compassados. Uma descarga de prazer apagou os pensamentos de Deanie. Abriu os lábios com um gemido entrecortado até que ele voltou a silenciá-la com outro beijo.

As mãos de Deanie deixaram os ombros dele para passear pelo torso rígido como uma muralha. Sem parar de apalpá-lo, foi seguindo seus instintos, descendo-a até o sexo ereto que se exibia por debaixo da bermuda. Estava a ponto de abrir o zíper, quando a maçaneta da porta mexeu.

Tudo aconteceu muito rápido nos segundos seguintes. Rance se afastou rapidamente e segurou a maçaneta, enquanto alguém tentava abri-la do outro lado.

— Que droga! — A voz de fora repetia, enquanto Rance continuava segurando a porta para que Deanie tivesse tempo de se recompor.

— Um minuto — Rance gritou. Ele a olhou, certificando-se de que Deanie estava bem para sair. Nos olhos dele havia volúpia e deslumbramento, o que a surpreendeu. Ele parecia verdadeiramente aturdido com a experiência.

Ou porque a tinha beijado ou porque tinha gostado do beijo.

De qualquer forma, Deanie não teve tempo para pensar sobre o assunto, pois Rance soltou a maçaneta e a porta se abriu, deixando que o mundo privado e especial dos dois fosse invadido pela realidade do mundo exterior. O desejo de Deanie se esvaneceu pela raiva que sentiu logo após chegar ao terminal e descobrir que o avião que a levaria para o acampamento E.D.E.N. já havia partido.

Absorto no meio da confusão do aeroporto, Rance apenas ficou seguindo Deanie. Olhou para a entrada de embarque vazia, onde supostamente os dois deviam ter entrado minutos antes. Tentou continuar olhando para o espaço vazio, mas o que realmente estava atraindo seus olhos era a mulher ao lado.

Ele havia beijado Deanie Codge.

O que mais o desconcertou não foi o fato de tê-la beijado, mas sim de ter gostado do beijo.

E o pior: bem mais do que ela.

— Isso não pode estar acontecendo — ela murmurou. A voz suave, porém

atormetada, interrompeu os pensamentos de Rance. — Tenho que chegar hoje ao acampamento E.D.E.N. ou vou perder meu desconto do Dia dos Namorados.

— Mas o Dia dos Namorados é só amanhã.

— O curso começa hoje. O desconto é para amanhã, mas só é válido se chegar no primeiro dia.

Ela olhou o relógio, com preocupação.

— As inscrições começam daqui a uma hora. E a primeira aula uma hora depois.

— E qual o problema se você perder um dia?

— Não posso perder. Eu paguei. Preciso chegar hoje!

Ela estava um tanto descontrolada e totalmente indiferente a ele. Como se ele não a tivesse beijado minutos antes. Aliás, como se ele nunca a tivesse beijado.

Enquanto ela o ignorava, Rance se controlava para não agarrá-la outra vez e beijá-la, pescoço e tudo mais que encontrasse pelo caminho.

Mas aquilo não poderia ficar assim. Tinha que dar uma lição em Deanie. Mostrar que era tão bom quanto dizia sua boa reputação. Mais ainda, virar a mesa e lembrá-la de que ela o desejava.

Hoje e sempre.

A resposta ao beijo denunciava o desejo latente que ela sentia. No entanto, ao descobrir que havia perdido o vôo, parecia que uma amnésia repentina se havia apossado de Deanie. Como se o beijo de Rance tivesse sido algo divertido, mas sem qualquer importância. Um passatempo, apenas.

Tal conclusão atormentou Rance, enquanto seguia Deanie até o balcão de atendimento da companhia aérea.

Acabamos de perder o avião — Deanie disse à atendente. — Preciso que me coloquem no próximo vôo ou em uma conexão.

— Me inclua também — falou Rance.

— Sem problemas — respondeu a funcionária, enquanto clicava na tecla do computador. Alguns segundos depois ela deu um sorriso triunfante.

— Há o vôo 1156 vindo de Miami.

— A que horas chega?

— Às três e quinze da tarde.

— Não é tão ruim assim. — Rance divertia-se com a expressão preocupada de Deanie. — Você deve perder apenas uma aula. Duas, no máximo.

— Três e quinze da tarde de amanhã.

— Mas preciso chegar lá hoje.

— Sinto muito, senhorita. Não há mais vôos para hoje.

A funcionária da companhia deu um largo sorriso.

— Mas teremos o prazer de lhe oferecer uma estadia em um dos nossos melhores *resorts* até sua partida amanhã. O hotel está praticamente lotado, mas sempre reservamos uma cota de quartos para esse tipo de emergência. As pessoas vivem perdendo o avião. Houve uma vez que uma mulher acabou adormecendo no banheiro feminino. Ela sofria de uma doença do sono. De qualquer forma, estamos acostumados a lidar com essas situações.

— E pelo mar? Tem como tomar um barco até a próxima ilha?

— Sinto muito, aqui é uma companhia aérea. Só trabalhamos com aviões.

— Mas... — Deanie protestou.

— Obrigado pela ajuda — Rance a interrompeu, apanhando o novo tíquete das mãos da atendente.

Deanie se virou para ele, possesa de raiva. Notou que os lábios dele estavam manchados de batom. Os dela estavam inchados e vermelhos, podia sentir.

— É tudo culpa sua.

Ele poderia argumentar. Mas estava sem reação. Ela o excitava com aquela repentina indiferença, após tantos anos correndo atrás dele. Não sabia se era proposital, mas, se fosse, a estratégia estava funcionando, pois havia incitado em Rance um interesse por ela, antes desconhecido. Além disso, ela havia menosprezado a experiência e as virtudes de Rance, sabendo muito bem que ele faria de tudo para provar que ela estava errada e assim lavar sua honra.

Ou seja, na prática, ela havia implorado por aquele beijo.

Era o que tentava provar para si mesmo. Infelizmente, não estava sendo muito

convvincente, pois não acreditava naquela teoria. Do contrário, Deanie não estaria lançando, constantemente, olhares fulminantes para ele.

— Vamos.

Rance apanhou o *voucher* da diária do quarto de hotel e a pegou pelo braço. Esforçou-se para ignorar o calor nos dedos que tocavam a pele delicada de Deanie. Sem perceber, estava arrastando-a para a saída, como se estivesse fugindo de alguém.

Precisava sair dali. Tomar um ar fresco. Na verdade, precisava de uma ducha bem fria.

Tudo o que não precisava era de uma nova viagem para o quartinho escuro.

Mas que ele a queria, ah, queria. E muito.

Rance observou Deanie caminhar até o táxi parado em frente ao aeroporto. A luz do sol a iluminava por todos os lados, delineando o corpo mignon dela, sobre o vestido de verão rosa.

Um corpo de causar inveja, com curvas nos lugares certos e do tamanho exato que o fizeram salivar.

Não que ele não soubesse que ela era deliciosa. Apenas nunca havia pensado sobre isso até aquela noite, no rio.

Até então, ela era apenas a pequena Deanie. A irmãzinha do melhor amigo.

O olhar se deteve no movimento suave do bumbum torneado que o vestido curto realçava. Rance sentiu um frio no estômago. Por um segundo, ele imaginou pegando-a por trás, agachando-a, levantando o vestido rosa e tocando cada milímetro da pele alva de Deanie. Também imaginou-se penetrando-a e aquela imagem o deixou rapidamente excitado. Lambeu os lábios como se estivesse provando-a naquele instante.

— Não tenho nenhuma intenção de ficar grudada em você.

As palavras de Deanie interromperam as divagações de Rance. Quando se deu conta, ela já estava entrando no carro e fechava a porta na cara dele, zangada. Rance franziu a testa. Ela estava realmente falando a verdade. Enquanto tentava se convencer de que a indiferença de Deanie era apenas uma encenação para

provocá-lo, chamar a atenção e instigar o interesse dele, ela, na verdade não estava nem aí para ele.

Tudo bem, não tinha dúvidas de que Deanie ainda tinha muita atração por ele. A reação dela ao beijo confirmava tal conclusão. Porém, a mesma reação deixava claro que ela não queria sentir-se atraída por ele.

Queria começar vida nova. Deixar o passado para trás.

Esquecê-lo. É, não havia por que se enganar. A importância de Rance na vida de Deanie estava fadada ao limbo. Com um gesto frenético, Deanie pediu ao taxista que ligasse o motor e saísse dali, deixando Rance sozinho. Não se importava se ele fosse caminhando do pequeno aeroporto até o *resort*.

Apertou o passo, enquanto sentia um gosto amargo de rejeição por dentro. A garganta chegou a ficar seca de desgosto.

Depois de tudo que haviam compartilhado, ela queria jogar o passado no lixo e fingir que o que havia entre eles nunca havia existido. Não sabia bem o que havia entre eles, mas era forte e especial. Droga, ela nem parecia se importar com o fato de Rance ter quebrado a perna menos de quatro meses atrás e que poderia muito bem estar ainda machucado! Tanto fazia para Deanie que ele fosse a pé, mesmo que mancando, pensou Rance, com pena de si mesmo.

Tudo bem, tinha que admitir que não haviam compartilhado nada. Talvez alguns biscoitos amanteigados, algumas fatias de torta e, de vez em quando, saquinhos de seus doces preferidos. Mas tudo por culpa dela; ele havia resistido bravamente às investidas de Deanie e tentado de todas as formas desencorajá-la, no sentido de não alimentar qualquer esperança amorosa. Porém, não se incomodava, na época, de se sentar ao lado dela no ônibus. Também não podia negar que gostava quando Deanie aparecia de surpresa na porta de sua casa.

Adorava conversar com ela.

Ele não precisava se preocupar em utilizar as palavras certas ou em manter as aparências, pois Deanie gostava dele de qualquer forma. Ela o escutava e entendia tudo o que ele dizia. E mesmo o que ficava por ser dito.

Lembrou-se que, nas duas vezes em que havia chorado na vida, ela estava ao lado dele. Na primeira, era apenas um menino, depois de perder toda a coleção de bolinha de gude em uma competição; havia ido se esconder para chorar. Ela tinha

ido até a casa de Rance para consolá-lo, levando um saco de balas sortidas.

A segunda vez tinha sido aos dezesseis anos, quando Rance perdeu os pais. Tinha acabado de chegar em casa, depois do funeral. Estava triste demais. A campainha tocou. Os irmãos e o avô estavam no andar de cima. Ao abrir a porta, encontrou Deanie, de pé, com um enorme saco cheio de balas.

Ela não disse uma palavra. Nada de "Sinto muito pela sua perda" ou "Se precisar de mim, estarei a sua disposição". Ela apenas ficou olhando para ele com aqueles olhos azuis tão vivos e colocou uma bala na boca. Então, deu o saquinho para ele.

Ele fez o mesmo e sentiu-se surpreendentemente melhor enquanto chupava a bala de cereja que mais gostava.

Enquanto as memórias brincavam com seus pensamentos, Rance não podia evitar uma repentina sensação de que talvez ele tivesse sido um perfeito idiota. De que talvez Deanie tivesse sido a garota perfeita e que ele não havia sido capaz de percebê-la e apreciá-la. Apenas porque ela vestia camisas, calça jeans largada e botas de caubói sujas de lama.

Talvez não devesse ter ido embora naquela noite, quando a encontrou na beira do riacho.

Não, estava deixando-se levar pelo ego ferido e pelo sentimento de rejeição. Tinha que parar de fazer conjecturas e deixar de lado tanto "talvez".

Tinha seus defeitos, mas não era um louco inconseqüente. Não poderia ter dito sim para ela naquela noite. Deanie era jovem demais e ele marmanjo demais. Não teria sido certo. Ela não merecia.

Antes que o táxi virasse a curva da saída principal do aeroporto, Rance saiu correndo. Aproximou-se da porta onde estava Deanie sentada e mancou com mais força do que a dor pedia, fazendo cara de infeliz.

— Espera!

Ela se virou e os dois cruzaram olhares. Os olhos azuis de Deanie brilhavam cheios de desconfiança. Ao mesmo tempo, havia um vestígio de preocupação no rosto. Disse algo ao taxista, que parou e abriu a porta traseira.

Rance sorriu e entrou no táxi, sentando-se ao lado dela.

CAPÍTULO QUATRO

Deanie queria estrangulá-lo.

Assim que saíssem do táxi e da vista de qualquer testemunha, iria agarrar o pescoço forte e bronzado de Rance e espremê-lo.

Mas, em seguida, ficou tensa ao se imaginar tocando a pele quente dele, e a raiva foi substituída por outro sentimento, mais erótico.

Era melhor esquecer a idéia de estrangulamento. Era melhor evitar qualquer contato físico.

Ò sentimento de culpa se apossou de Deanie por um instante. Afinal, aquele era o Rance. Ele tinha sido seu primeiro amor. O primeiro e único.

Tinha sido, recordou-se.

Que importância tinha se ele fora o primeiro menino com quem havia dançado? Ou se na adolescência ele havia partido para cima de qualquer um — não importando o tamanho — que se engraçasse ou implicasse com Deanie? Droga, até com um dos irmãos de Deanie Rance havia brigado para defendê-la! Não que ela precisasse, sabia se defender sozinha. Mas gostava quando ele tentava defendê-la.

Olhou Rance de soslaio, mas ele já a observava e os olhares se detiveram um no outro. Os lábios dele formaram um sorriso convencido, deixando Deanie corada de vergonha. Apenas as roupas os separavam.

Sentia o calor do corpo de Rance, o cheiro atraente que ele exalava e que ela conhecia tão bem. E que a excitava tanto.

Porém, para sua sorte, logo estaria de volta ao avião seguindo seu destino. Não importava o truque que ele estivesse escondendo na manga.

Afastou-se lentamente, ficando para mais perto da outra porta. Abriu a janela e deixou que o ar arejado da ilha refrescasse seu rosto e suas bochechas ainda coradas e quentes.

Podia muito bem acertá-lo em cheio se quisesse. Não era mulher de levar desaforo para casa. Nem quando pequena deixava que os irmãos abusassem do fato de ela ser menina e mais nova.

O irmão mais velho, Cory, tinha uma cicatriz deixada por Deanie. Na época, ele tinha doze anos e ela cinco. Cory implicava com ela, de cima da árvore. Apesar de pequenina, tinha boa pontaria e bastaram algumas pedradas para acertar o irmão em cheio. Ele tombou como um saco de batatas. Não havia sofrido nada além de alguns arranhões e a vergonha de ter sido derrubado pela irmãzinha de cinco anos.

Ela sorriu ao se lembrar da história.

— No que está pensando? — perguntou Rance.

— Em formas eficazes de eliminar você.

— Estou falando sério.

— Eu também. — Ela o encarou e tentou se concentrar na irritação que sentia. — Não gosto de ser manipulada.

— Foi só um beijo, boba.

— Estou falando de me manipular para me fazer mudar de idéia sobre essa viagem. Fique sabendo que não mudei nem vou mudar de idéia. É melhor você ligar para o Clay e dizer que já estou bem grandinha e que não preciso de babá.

Ficaram em silêncio por um bom tempo, enquanto o carro corria pela estrada repleta de palmeiras que iriam dar no único *resort* da ilha.

Ela fixou o olhar na paisagem que passava rapidamente e tentou fingir estar sozinha no banco de trás.

— Está muito zangada comigo, não está? — perguntou ele enfim.

— Estou.

Ele sorriu e se inclinou para perto de Deanie, como se lembrasse de um grande segredo que iria tornar tudo melhor.

— Lembra quando o Bobby McFarland entrou no ônibus com uma pedra de gelo seco dentro da lancheira? Ele jogou um pouco de água e começou a sair fumaça. E o motorista achou que o ônibus estivesse pegando fogo!

Deanie esboçou um sorriso. Havia sido engraçado, lembrou. Todas as crianças saíram correndo do veículo e se sentaram no meio-fio até que o único carro de bombeiros de Romeo chegasse para apagar o suposto acidente. O motorista havia

entrado em pânico e evacuado o ônibus. Se o medo da fumaça não o tivesse impossibilitado de voltar e entrar no veículo, o pobre homem teria descoberto que o incêndio não havia passado de uma travessura de criança.

Naquele dia, acabaram chegando à escola com três horas de atraso.

Um dos melhores dias da vida de Deanie. Durante todo o tempo de espera, ficara conversando com Rance. Rindo e se divertindo. Nenhum dos irmãos tinham ido com ela naquela manhã — dois haviam ficado em casa por causa de uma forte gripe e os outros três tinham ido mais cedo para a escola por diferentes razões. Deanie pôde ter Rance só para ela sem precisar dividir sua atenção com mais ninguém. Havia outras dezenas de crianças no ônibus, mas ele havia escolhido sentar ao lado dela. Ele gostava da companhia dela. Mas não gostava dela como Deanie desejava. Deanie não fazia o tipo gatinha para despertar algo além de amizade. Por essa e outras razões, ele nunca a havia beijado. Até aquele momento.

Mas não era tola e ingênua a ponto de acreditar que ele subitamente havia descoberto que se sentia atraído por ela.

— Pelo menos, desta vez, não estamos presos em um ônibus, mas em uma ilha paradisíaca. — A voz imponente de Rance a trouxe de volta, mas o taxista a interrompeu antes que tivesse tempo de dar uma resposta malcriada a Rance.

— Aqui, vocês encontram o que desejarem: caiaque, passeios de barco, mergulho, esqui na água, pesca submarina. É só pedir que o hotel providenciará para vocês — disse o motorista se intrometendo na conversa. — E não esqueçam de ir até o The Falls.

— O que é isso? — perguntou Rance.

— Um restaurante cinco estrelas construído ao redor de uma lagoa de água mineral com uma cachoeira. Eles fazem os melhores caranguejos recheados e uma marguerita de abacaxi inesquecível.

— Você bem que podia provar umas margueritas

— Rance disse a Deanie. — Está tensa demais.

— Não estou tensa. Estou com raiva — ela retrucou.

— Talvez tenha esquecido, mas eu devia estar em outro lugar, agora. Fazendo

outra coisa. Com outra pessoa.

O sorriso de Rance se esvaiu e os lábios ficaram tesos.

— Sexo.

— Educação sexual — ela corrigiu, tentando ignorar a pontada que sentiu no estômago ao perceber que havia um quê de ciúme no tom e no olhar de Rance.

Ciúme? Só podia estar imaginando coisas, pensou Deanie.

— O acampamento E.D.E.N. vai me ajudar a encontrar meu eu erógeno. Preciso liberar minha sexualidade para poder aproveitar verdadeiramente as experiências prazerosas e...

O celular tocou, interrompendo o monólogo que Deanie havia lido na página do acampamento. Rance fez um gesto com a mão para que ela parasse de falar e apanhou o celular que estava no bolso da bermuda.

— Oi? Não, não marque nenhum voo de San Antônio. Vou partir do Caribe.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos, enquanto escutava a pessoa do outro lado da linha.

— Não sei ainda. Escuta, Shank, precisa relaxar e parar de antecipar problemas, senão vai acabar tendo um ataque cardíaco. — Silêncio. — Preciso resolver umas coisas antes, mas estarei lá. Alguma vez deixei você na mão?

Obviamente, a resposta devia ser não, pois a conversa terminou ali sem mais explicações.

— Desculpe — ele disse ao desligar o celular e guardá-lo de volta no bolso. — Meu sócio está meio nervoso.

Deanie ergueu as sobrancelhas como se continuasse não entendendo nada.

— É que tenho que estar na Austrália para uma competição neste fim de semana. Tenho que voar amanhã para lá. Vai ter uma coletiva com a imprensa e alguns eventos preparatórios.

— E aí você pensou que nesse meio tempo ia me convencer a cair em mim, a tomar juízo, e entrar em um avião de volta para casa. Para em seguida poder viajar tranquilo para a Austrália, como planejado.

Ele olhou sem jeito, fez menção de negar, porém acabou levantando os ombros em

sinal de derrota.

— Era essa a idéia original.

— Na pior das hipóteses, vai perder seu campeonato e bancar a babá durante duas semanas.

— Bem, havia pensado que, na pior das hipóteses, eu iria amarrar você, tampar sua boca com uma fita isolante e colocá-la no primeiro avião de volta para casa.

Enquanto isso, você sai por aí viajando, domando porco-espinho na Amazônia?

— Na Amazônia, eu domo cobras. A competição na Austrália é com crocodilos. Vai gente do mundo todo. É um campeonato importante.

— Parece, realmente, muito divertido.

— E é — ele disse, mas não soou convincente. Deanie sabia que Rance procurava viver o sonho radical, mas que ainda não havia encontrado nada que genuinamente o tornasse pleno e feliz.

— É mais difícil que domar touros?

— Não, apenas mais molhado.

— É tão emocionante quanto rodeio?

Não. A resposta estava visível nos olhos de Rance.

— Não tente mudar de assunto.

— Foi você quem começou a falar sobre isso — ela rebateu, dando de ombros. — Fiquei curiosa.

— Sua curiosidade não chega aos pés da sua teimosia — ele murmurou. — Por favor, Deanie, onde estava com a cabeça quando resolveu ir para um acampamento sexual?

— Sei que parece esquisito, mas o lugar é como qualquer outra escola. Estou indo apenas fazer um curso.

— Você não aprende a arte de fazer amor sentada em uma sala de aula. Já pensou que é muito mais fácil tentar se deixar levar pelos impulsos e pela emoção, de vez em quando?

— Estou apenas querendo me aperfeiçoar. Sempre há coisas novas para aprender.

Não queria que ele pensasse que ela era uma inexperiente total em matéria de sexo, insegura e boba. Afinal, não era mais a Deanie de antes.

Era uma versão melhorada de si mesma, naquele vestido rosa e nos sapatos altos. Sentia-se diferente e queria ser diferente. Talvez ele até a visse de forma diferente agora.

Em vez de ficar feliz com a possibilidade, a idéia a perturbou.

— Preciso mesmo é de um barco — ela murmurou. Havia barcos de pescadores e de passeio que viajavam de ilha em ilha.

— Por que não esquece essa loucura, esquece o acampamento E.D.E.N. e curte as próximas vinte e quatro horas?

O táxi já havia estacionado em frente à entrada principal do hotel, quando Rance terminou a pergunta.

A proposta parecia tentadora, com Rance McGraw por perto. A presença dele tornava a escolha simples. Era fácil esquecer de tudo e pensar apenas no beijo e nos toques de Rance. Como queria que houvesse outros como os do aeroporto. Seria capaz de qualquer coisa para que ele... não.

Não passaria por isso outra vez. Não cometeria o mesmo erro.

Nunca mais.

— Ainda não consigo acreditar que mandou Rance McGraw atrás de mim — vociferou Deanie ao telefone assim que a voz do irmão Clay soou do outro lado da linha. Era uma gravação da secretária eletrônica. Ela hesitou imaginando se Helen já não teria entrado em trabalho de parto, o que explicaria o fato de o irmão não ter atendido. Se algo tivesse acontecido à cunhada, Clay já teria ligado, concluiu.

Ele devia estar no pasto, o pai jogando bingo e Helena fazendo as últimas compras para o bebê. Ao ouvir o sinal do bip, desandou a falar.

— Para começar, sou dona do meu nariz e o que faço ou deixo de fazer não é da sua conta. Depois, meus problemas não são da conta do Rance. Por último, não vejo a hora de voltar para casa e ter o prazer de contar para Helen sobre sua viagem de negócios para a cidade de Sioux. Quando você saiu para pescar, enquanto tinha que estar com ela ajudando a escolher a decoração do casamento!

Desligou bruscamente o telefone.

Claro que não iria contar nada a Helen. Não faria nada que pudesse magoá-la. No entanto, Clay bem que merecia. Tinha apenas dado um susto no irmão. Agora, pelo menos, não seria a única a perder o sono naquela noite. O irmão iria rolar a noite toda na cama, sem conseguir dormir.

Olhou ao redor do lobby e viu que Rance estava sentado em uma das poltronas. Estava lindo como nunca enquanto observava a recepção do hotel.

Era para ele ter pegado o elevador e subido para o décimo oitavo andar, para a suíte dele. Bem, deles. Ao entregar o *voucher* da diária na recepção, descobrirão que o hotel Escapades só tinha vagos os quartos para casal. Havia a opção de se pagar duas diárias exorbitantes de um quarto duplo para cada um.

Deanie não tinha dúvidas de que Rance era rico o suficiente para pagar um quarto só para ele. No entanto, respondeu com a voz grave e preguiçosa:

— Um quarto duplo está ótimo — e apanhou o cartão da porta da suíte.

Ao contrário dele, Deanie não teria como pagar a quantia obscena que o hotel cobrava por um quarto duplo. Mas poderia pensar em outras opções.

Afinal, o acampamento E.D.E.N. não ficava longe.

Caso se apressasse, chegaria a tempo para o primeiro curso prático.

O olhar de Rance colidiu com o seu e ele sorriu.

Ele estava esperando por ela... observando-a... desejando-a ardentemente.

Sentiu um frio no estômago e, de repente, viu a lua cheia. Os raios prateados iluminavam a noite, enquanto a brisa passava morna pela varanda, causando uma sensação relaxante e sensual. O corpo queimado e alto de Rance se espalhou pelos lençóis brancos da ampla cama de casal.

Deanie sentiu o coração parar por alguns instantes e mentalizou algo bem tranquilo e pacificador pra recuperar o compasso da respiração.

Desviou rapidamente o olhar de onde estava Rance e se dirigiu até a recepção.

— Preciso de um barco — disse ao jovem recepcionista de camisa florida em branco e azul, bermudas e um crachá escrito "Alan às suas ordens".

Infelizmente, todos os barcos de pesca já partiram hoje cedo.

— Não quero pescar. Quero uma carona para a ilha vizinha, onde fica o

acampamento E.D.E.N. Será que? não tem nenhum barco particular para situações de emergência?

O homem a olhou desconfiado, franzindo a testa.

— Qual a sua emergência?

Preciso aprender a me livrar das minhas inibições, pensou.

— Deixa para lá. — Deu uma rápida olhada nos folhetos que estavam em cima da bancada e um deles lhe chamou a atenção. — E *jet ski*. Vocês têm?

Ele sorriu.

— Temos vários. Alugamos por hora. Infelizmente, o hotel está lotado e há muita procura. Estão todos alugados até o fim da tarde. Mas, se quiser, pode deixar seu nome na lista de espera para o caso de alguém desistir. Você pode passar na central de reservas, na ala norte do hotel.

Deanie podia ver a areia branca e o mar azul que luziam ao sol do meio-dia. Coqueiros balançavam ligeiramente pela brisa suave. O oceano transparente ia até o infinito. O horizonte era límpido, com exceção de um pequeno ponto preto que nada mais era do que a ilha do acampamento E.D.E.N.

Estava tão perto! Tudo o que precisava era encontrai uma forma de chegar lá.

Apanhou a bolsa e se esforçou para não olhar para Rance mais uma vez. Cruzou o lobby do hotel em direção à ala norte.

Deduziu que Rance havia desistido de segui-la. Mesmo assim, não conseguia evitar olhar ao redor para ver se ele estava por perto. Saiu do lobby e foi contornando a monstruosa piscina externa.

Uma fileira de corações decorava o bar em homenagem ao Dia dos Namorados. Um enorme arco formado por balões vermelhos em forma de corações cruzava a extensão da piscina. Um cartaz anunciava que haveria um jantar especial com música ao vivo.

Seus pensamentos voaram de volta ao passado, para um certo Dia dos Namorados, quando tinha dez anos e continuava cegamente apaixonada pelo garoto mais lindo da cidade.

Havia passado o dia todo na cozinha preparando *cookies* e tendo que aturar os irmãos que não paravam de zombar da dedicação culinária da caçula. Tinha

conseguido salvar doze dos setenta e oito que havia posto no forno. Com cuidado, os tinha embrulhado em papéis de alumínio e os guardado em uma caixa de sapatos. Com paciência, tinha esperado o ônibus escolar que deixava Rance na porta de casa, onde entregaria a caixinha com as guloseimas.

No ano seguinte, havia preparado uma torta de morango, com enfeites de coração como cobertura. E um ano depois, bolinhos em forma de coração. E no ano seguinte, comprara a maior caixa de bombons que havia encontrado no supermercado.

Havia sido persistente e ele sempre simpático e grato, sem, contudo, conseguir enxergá-la além de uma grande amiga.

Finalmente, ele acabou o ensino médio e foi embora para cursar a faculdade e, desde então, ela nunca celebrou o Dia dos Namorados. Obviamente, teve vários namorados nos anos que se passaram, mas arranjava um jeito de estar solteira na fatídica data.

Deanie espantou os pensamentos negativos e avançou sobre a grama onde ficava um pequeno estande com um aviso de reservas. Sorriu para o jovem atrás da bancada e viu que ele vestia um crachá escrito "Malcom às suas ordens".

— Malcolm, preciso alugar *um jet ski*.

— São dois, na verdade — a voz que falou em seguida arrepiou todos os pêlos do corpo de Deanie. Rance estava bem atrás dela, tão perto que podia sentir o calor do corpo dele.

Ele estava me seguindo todo o tempo, concluiu Deanie.

— Claro — o funcionário respondeu, enquanto checava uma prancheta de anotações.

— Dois estarão disponíveis... — O funcionário continuou averiguando os horários na prancheta. — Amanhã à tarde — anunciou ele, enfim com um sorriso.

— Preciso bem antes disso. Pode pôr o meu nome na lista de espera, caso alguém cancele?

— Pode deixar, mas, sinceramente, duvido muito que haja algum cancelamento. O *jet ski* é nossa maior atração e, para piorar, estamos sem dois dos nossos barcos de mergulho. Acho que só haverá dois *jet skis* disponíveis amanhã.

— De qualquer forma, só preciso de um — respondeu Deanie, desanimada. — Não estamos juntos. Ele está indo para um rodeio de porco-espinho amanhã e eu para o acampamento E.D.E.N..

Ela deu seu nome ao atendente e tentou ignorar a expressão irritada na face de Rance, virando-se de costas e buscando o dinheiro na bolsa para pagar a diária. Jurava tê-lo escutado rosnando baixinho, quando ela acenou dizendo apenas:

— A gente se vê.

Até parecia que ele queria estar junto dela.

Que piada!

Ele estava lá por causa do irmão, a tinha beijado para que ela perdesse o avião e não chegasse ao paraíso.

Ele a estava seguindo pelas últimas vinte e quatro horas a pedido do irmão. Não o fazia por livre e espontânea vontade.

Ainda bem.

Porque Deanie não poderia quebrar a promessa que havia feito a si mesma de que nunca mais iria se oferecer a Rance McGraw. Mesmo que estivesse desesperada para pular em cima dele e se entregar de corpo alma — mesmo que fosse exatamente o que quisesse fazer naquele instante.

CAPITULO CINCO

— Antiquado demais.

A voz grossa e familiar arrepiou Deanie da cabeça aos pés. Ficou segurando um par de calcinha e sutiã que havia escolhido na loja do hotel, sem saber onde se esconder.

Depois de se registrar e pegar a chave do quarto, resolveu fazer umas comprinhas para passar o tempo. Nunca iria imaginar que ele a seguiria até lá também. Podia sentir o calor do corpo de Rance atrás dela. O perfume também dominava o ambiente. A presença dele era completamente desconcertante.

— O que foi que disse? — Ela fingiu não ter escutado.

— Se está mesmo querendo aflorar sua sensualidade e erotismo, não devia vestir isso.

Ele apontou para a calcinha e o sutiã brancos, de algodão, que ela havia escolhido.

— Por que não experimenta aquele preto ali?

— Não posso vestir uma calcinha de renda preta com isso, posso? — Na outra mão, Deanie levava um vestidinho de verão florido, bem claro.

— Tem razão. Acho que o mais apropriado é não vestir nada por baixo.

O comentário incitou em Deanie uma fantasia erótica. Ela visualizou Rance sentado ao lado dela no avião, enquanto iam para o acampamento E.D.E.N.. As mãos dele sobre o joelho dela, deslizando pelo interior da coxa, por debaixo do vestidinho floral, explorando toda a nudez do sexo de Deanie...

Ondas de calor ziguezagueavam pelo corpo de Deanie. Os bicos dos seios ficaram rijos e as coxas se contraíram.

Ela não devia estar reagindo aos impulsos de Rance. Havia se prometido nunca mais reagir aos encantos daquele homem.

Nunca mais perderia seu tempo desejando e exaltando Rance McGraw. O evento na dispensa do aeroporto havia sido parte de um movimento friamente calculado, por ele para arruinar os planos de Deanie. Além disso, foi ele quem a beijou, não o contrário.

O que significava que ela não havia quebrado a promessa.

Ela franziu a testa e olhou feio para ele.

— Por que não vai escolher umas roupinhas para você?

Sem esperar por uma resposta, virou-se e afastou-se de Rance, caminhando até a sessão de blusas. Ele foi atrás, ignorando o tom hostil de Deanie.

— Achei que podia ser útil — disse, balançando a cabeça com uma careta quando ela apanhou uma camiseta do cabide. Avistou uma blusinha curta e fina e mostrou para ela

— Se quer ficar sexy, essa é a melhor opção.

— Obrigada, mas sei me virar sozinha. — Ela ignorou a regata e pegou uma blusa

branca com as palavras "Princesa da ilha", estampadas em rosa.

— Pode ser, mas acho que estou te devendo uma. Afinal, está perdendo as aulas de hoje por minha causa.

— Justamente, o seu objetivo desde o início. Não entendo esse repentino arrependimento.

— Eu disse que meu objetivo era ficar de olho em você e mantê-la longe de problemas. Nunca pensei em arruinar sua viagem.

— Quer dizer que você não tentou me fazer perder o vôo propositalmente?

— Pode acreditar. Não era o que tinha em mente quando beijei você.

— Curiosamente, foi um acidente bastante conveniente, não acha?

Como ele não negou ou rebateu o comentário, ela continuou:

— Acha que me ajudar a escolher roupas vai aliviar o peso da sua consciência?

— Não, mas acho que algumas lições sexuais irão. Ela o olhou atônita.

— Só porque está perdendo o primeiro dia do acampamento, não significa que precisa perder as aulas de hoje.

Ele a encarava com malícia e atrevimento.

— Posso ensinar tudo o que precisa saber.

Não estou interessada. Não mais. Nunca mais. Era isso o que queria dizer. Mas as palavras não saíram.

Não que fosse aceitar. Precisava de aulas confiáveis com profissionais que ensinassem passo a passo o caminho das pedras. Desde a libertação da timidez e o poder do toque até como descobrir as zonas erógenas.

Não podia negar que Rance era realmente muito charmoso e que tinha jeito e experiência com as mulheres. No entanto, não era um profissional como Drill Meryl e sua esposa, a Ph.D Linda.

Com Rance, não haveria aulas sérias e filmes educativos. Nada de livros ou anotações em sala de aula.

Apenas Rance sorrindo para ela, as mãos másculas envolvendo-a, guiando-a pelo próprio corpo até que juntos descobrissem os pontos vitais de prazer...

Tudo bem, ele tinha arruinado seus planos.

Ela começava um novo trabalho em duas semanas, o que significava que não teria novas férias em pelo menos um ano. Não teria como repor as aulas que iria perder. O único tempo que teria para entrar em contato com sua sexualidade era naquele momento. Naquele lugar.

Com ele.

Bem, essa era a desculpa que havia inventado a si mesma para aceitar o convite. A realidade era que, por mais que tentasse negar, Deanie sentia uma atração avassaladora por Rance. Mesmo depois de tantos anos, ela ainda o desejava como se ele nunca tivesse deixado a cidade, como se nunca tivessem se separado. Talvez fosse hora de parar de sonhar com os beijos e toques de Rance e pôr a mão na massa.

Queria senti-lo em sua pele, dentro dela, envolvendo-a toda.

E aquela era sua oportunidade. Uma chance em um milhão. Um sonho tornando-se realidade. Um sonho que estava evitando desde a noite dolorosa em que havia sido rejeitada.

Nunca mais, disse a si mesma com veemência.

Mas ela não estava se oferecendo. Ele sim.

Talvez devesse se vingar e rejeitá-lo. Pagar com a mesma moeda o que ele lhe havia feito no passado.

Porém, a necessidade de estar com ele era muito mais forte que o desejo de vingança. Tinha necessidade de tocá-lo, prová-lo.

Tinha apenas vinte e quatro horas antes que se separassem e cada um voltasse a seguir seu caminho. Pelo menos desta vez, não seria a imaginação a embalá-la durante a noite, e, sim, lembranças reais e inesquecíveis. E, claro, aprendizado de sobra na cama.

— Acho que é o mínimo que você pode fazer — ela respondeu, enfim.

Ele fez uma expressão de alívio e sorriu. Os olhos lampejavam. Aquele era o velho Rance outra vez. Cheio de segurança e auto-estima. Estava se achando o garanhão.

— E como vamos fazer isso? — ela perguntou.

— É isso que vou te ensinar, pequena. Ele a beijou de leve nos lábios e sorriu.

— Me encontre na piscina em meia hora.

— Na piscina? Mas não seria mais apropriado no quarto?

Ele não esperou que ela terminasse de fazer a pergunta. Em segundos já estava fora da loja, no lobby principal.

Talvez ele quisesse dar um mergulho antes, supôs. Dar uma aquecida. Um ex-namorado de Deanie, Earls Connaly, gostava de assistir a corridas de Fórmula antes das preliminares. Dizia que ajudava a aumentar a adrenalina.

Deanie não conseguia imaginar Rance grudado na televisão com uma cerveja na mão. Mas, também, o que sabia ela sobre os homens?

Muito pouco.

Havia tido quatro namorados, exatamente. Todos eram legais — com exceção de Harwin — mas nenhum tinha experiência quando o assunto era sexo. Sabiam tanto quanto ela.

Mas tudo aquilo fazia parte do passado. Ela agora era uma nova mulher. Segura de si e inteiramente consciente de seu poder de sedução. Bem, se ainda não era, seria após duas semanas de treinamento intensivo no acampamento.

Passou uns dez minutos escolhendo um biquíni, uma saída de praia e chinelos. Em seguida, subiu para o quarto para se trocar.

— E como vamos fazer isso?

A voz doce e feminina de Deanie ainda ecoava na cabeça de Rance enquanto se dirigia ao lobby.

O coração estava acelerado. Ainda não estava plenamente satisfeito ou aliviado, como esperava, com a resposta afirmativa da pequena. Ao contrário, estava nervoso, ansioso. Por mais.

Ao mesmo tempo, sentia-se culpado. Afinal, havia acabado de oferecer aulas de sexo para a maninha do melhor amigo.

Clay ficaria enlouquecido se soubesse.

A irmãzinha do melhor amigo tinha se tornado um mulherão. Decidida e disposta a fazer qualquer coisa para satisfazer suas necessidades carnis com ou sem a ajuda dele.

Rance franziu a testa ao ver que a ansiedade só fazia aumentar. Melhor que fosse ele a um estranho. Até Clay iria preferir.

— Sr. McGraw! Espere!

Rance se virou ao ouvir a voz familiar.

Erica corria até ele. Vestia o uniforme do hotel, camisa branca e calça preta. Apenas os três *piercings* na orelha direita davam uma pista de que era bem mais rebelde do que se esperaria de uma estagiária em gerência hoteleira.

— Liguei para os meus pais assim que você se registrou no hotel e meu pai pirou quando contei que você estava aqui. Ele é seu fã desde a época em que você jogava futebol americano. Não perdia um só jogo seu.

— Agradeça a ele por mim.

— Na verdade, estava pensando se não poderia dizer isso a ele.

Ela olhava com uma cara de cachorro pidão.

— Gostaria de saber se poderia me dar um autógrafo. — Retirou da bolsa uma camiseta com a logo da empresa de Rance, Sonho Radical, e uma caneta preta da bolsa e entregou a ele.

— Opa, onde encontrou isso aí? — perguntou ele, surpreso ao ver a camisa, enquanto ela o levava para um assento mais próximo.

— Está brincando? — Ela se sentou e apanhou uma das revistas de turismo que estavam sobre a mesa decentro. — São superprocuradas por quem gosta de esporte radical. Surfistas, skatistas, pessoal do esqui e por aí vai. Comprei essa pela internet para dar de aniversário para o meu pai. Com o autógrafo, o presente vai ficar ainda mais especial. Ele adora o que você faz.

Ele sorriu satisfeito e se sentou para assinar a camisa.

— Qual o nome do seu pai? — Ajeitou a camisa sobre a coxa e retirou a tampa da caneta.

— Ralph.

Rance sorriu, escreveu algumas palavras e assinou.

— Prontinho.

— Muito obrigada. — Ela apanhou a camisa e, em seguida, leu o que Rance havia escrito.

— Ele vai adorar, de verdade.

— Tomara que sim. — Rance se levantou e Erica fez o mesmo. — Preciso ir, sinto muito. Tenho um encontro.

— Claro, não tem problema. Se ficar entediado enquanto estiver aqui, eu e meus amigos nos encontramos todos os dias, ao nascer do sol, na marina, para fazer umas brincadeirinhas na água e começar bem o dia. Pode vir quando quiser. Praticamos esqui aquático e windsurfe. É só escolher o que mais gosta.

Obrigado. — Ele devolveu a caneta a ela. — Vou pensar na idéia.

E não se esqueça: se precisar de alguma coisa enquanto estiver aqui, é só me avisar.

Rance avistou Deanie saindo da boutique a caminho do elevador. As lições do acampamento E.D.E.N. dançavam em sua mente e estimulavam uma série de boas idéias e imagens interessantes.

Se quisesse seduzir Deanie de uma vez por todas e fazer com que ela se oferecesse como na noite da formatura, iria precisar de ajuda.

— Pensando bem, gostaria de pedir um favor...

Você consegue.

Deanie repetia a frase para si mesma mentalmente, enquanto saía do quarto para o elevador. Vestia a saída de praia de seda altamente sugestiva e os chinelos novos.

Entrou no elevador, ainda tentando acostumar-se com o novo visual. Não podia vacilar agora. Ao sair no primeiro andar do hotel, apertou a bolsa de palha. Dentro dela havia o essencial: protetor solar, a carteira, a chave do quarto, que na verdade era um cartão magnético, o celular — desligado para evitar que Clay a importunasse — uma garrafa de água e um chapéu.

Sentou-se na cadeira mais próxima e procurou o celular. Havia uma mensagem de Clay. Obviamente, negava que houvesse enviado Rance atrás dela. Voltou a guardar o celular e se levantou. Sentia-se observada e insegura. Nunca havia vestido algo tão curto e transparente. No entanto, a maioria das mulheres no local também vestia pouca roupa e parecia muito à vontade. Além disso, Deanie tinha as partes mais importantes muito bem cobertas pelo biquíni.

Respirou fundo, consertou a coluna e tentou se lembrar de tudo que a avó Jilly havia lhe ensinado durante os poucos verões que tinham passado juntas. O último havia sido quando Deanie tinha cinco anos.

Vovó Jilly ainda estava muito traumatizada e triste pela perda da única filha. Queria que a netinha tivesse algum tipo de influência feminina. Naquele verão, Deanie havia praticado desfilar com livros na cabeça, as duas tinham brincado de desfilar e experimentar diferentes vestidos. Tomaram chá e assaram biscoitinhos amanteigados. E riram muito.

Haviam se divertido tanto que Deanie até tinha esquecido o quanto odiava os vestidos engomados e laçarotes que as meninas usavam no jardim de infância, enquanto ela só ia à escolinha de jeans e camiseta.

Também tinha deixado de odiar o fato de que a avó Jilly a chamava de Nadine.

Bem, até voltar para casa das férias.

Ao chegar em casa, com um vestidinho rosa e um enfeite no cabelo que a avó tinha passado horas ajeitando, Deanie havia sido motivo de chacota e provocações por parte dos irmãos.

Na mesma hora, ela trocou de roupa, vestiu as botas e a camiseta branca. Escondeu as roupinhas de menininha que a avó havia separado e aquele havia sido o fim de Nadine.

Até aquele momento.

Inclinou o queixo e o peito, ficou ereta e pensou na avó Jilly com orgulho.

O caminho do lobby até a piscina tinha sido interminável. Ao chegar lá, deu-se conta de que o *resort* tinha Predominantemente, uma clientela de casais adultos.

E, graças ao dia seguinte, parecia não haver um solteiro sequer no recinto.

Havia casais por toda parte: no bar da piscina, debaixo dos guarda-sóis

espalhados ao longo da piscina, nas espreguiçadeiras. Ao fundo, uma música melosa ao estilo reggae saía das caixas de som estrategicamente posicionadas.

O sol cintilava sobre o oceano azul-turquesa e as palmeiras se espalhavam pela areia clara, com suas folhas balançadas pela brisa. O cheiro de bronzeador, frutas frescas e maresia instigavam o olfato de Deanie.

No entanto, não via nenhum homem com um chapéu de caubói, um corpo malhado e bronzeado vestindo camiseta e bermuda. Não via ninguém com um sorriso arrebatador e um olhar cativante.

— Está perdida? — A voz lhe era familiar, mas não conseguiu identificar de imediato.

Deanie se virou e viu Mavoreen Rosenbaum sentada em uma espreguiçadeira. Vestia uma saída de praia que lhe cobria o corpo deixando a pele clara dela ainda mais clara. Um chapéu com abas enormes completava o visual. O nariz proeminente estava manchado de protetor solar.

Ela deu um tapinha no braço de Deanie e ficou olhando com interesse o roupão de seda que lhe cobria o biquíni.

—Você comprou na loja do hotel? Acho que vou comprar um, se tiver o meu tamanho. Mitcheli vai adorar. Mas só vai poder ver amanhã. Infelizmente, teve que adiar a viagem por causa de uma reunião importantíssima.

Deanie lembrou imediatamente do comentário de Savannah de que não havia bilionário algum. Que ela inventava aquela história para não parecer uma mulher solitária.

— Normalmente, não toleraria esse atraso — continuou Mavoreen. — Mas estamos tão sintonizados! Ele é tão sensível! Você acredita que ele me enviou um telegrama fonado com uma música do Frank Sinatra para dizer que ia se atrasar?

Deanie não entendeu muito bem o comentário, mas Mavoreen continuou.

— Foi a primeira música que dançamos. Finalmente encontrei um homem que presta atenção nos detalhes e sabe que não basta apenas ter um corpo e um rosto bonito... Mmm... quer uma taça de marguerita?

— Não, obrigada — respondeu Deanie. — Preciso ir. Tenho um encontro.

— Divirta-se. — Mavoreen acenou antes de se virar para o garçom e pedir mais

um drinque.

Deanie olhou ao redor à procura de Rance. Procurou uma cadeira vazia numa extremidade da piscina que estava praticamente abandonada, pois ficava longe da tenda com o DJ e o bar.

Não havia uma sombra sequer, mas a espreguiçadeira parecia confortável. Tirou o chinelo e se espreguiçou na cadeira.

Ia pegando o protetor solar, quando ouviu a voz inconfundível de Rance.

CAPÍTULO SEIS

— Você está parecendo um vulcão.

A voz grossa e sedosa de Rance tocou os ouvidos de Deanie aquecendo ainda mais seu corpo queimado pelo sol. Deanie ficou sem fôlego, pois havia se esquecido de respirar.

Virou-se para ele e cobriu os olhos com a mão para bloquear o sol.

— Não tinha nenhum guarda-sol livre deste lado da piscina e nenhum lugar para sentar do outro lado.

Apontou para a outra extremidade, onde um monte de gente se apinhava na parte rasa da piscina gigante. Uma tenda enorme havia sido montada daquele lado.

— Não tive outra opção senão torrar aqui. Ele sorriu.

— Disse no bom sentido. Você está tão gostosa que deixa tudo ao redor fervendo.

Deanie ficou ainda mais vermelha do que já estava. E nada tinha a ver com o sol.

Ele se sentou, aproximando-se intimamente, por detrás dela, deixando-a quase sem ar. As coxas de Rance tocavam as dela e o peito dele roçava em suas costas. Em seguida, as mãos dele pousaram demoradamente sobre os ombros de Deanie antes de descer para os braços.

Os olhos dele brilhavam como um sol poente arranjado.

— Você também está fervendo.

— É o sol.

— Talvez sim.

Os lábios dele agora tocavam levemente o ouvido de Deanie.

— Talvez não.

As mãos pararam no cotovelo antes de deslizar de volta para o ombro dela. Dedos decididos retiraram algumas mechas do cabelo que cobriam o pescoço. Ela se arrepiou com a brisa que tocou sua pele, mas principalmente com o toque quente dos lábios dele sobre seu pescoço.

— O que está fazendo?

— Seguindo a programação do acampamento E.D.E.N. e começando pela primeira aula: "Livrando-se da timidez".

— Aqui? Na frente de todo mundo?

— Mas a idéia é justamente essa: para se livrar da timidez não há nada melhor do que se desligar do mundo exterior e se concentrar em si mesma. Se conseguir fazer isso aqui, no meio desse monte de gente, então, vai conseguir fazer em qualquer lugar. Ou seja, passará com nota dez no curso e estará mais próxima de atingir seu objetivo.

Ou seja: sexo com você.

As palavras dançaram na cabeça de Deanie, até que ela conseguisse se convencer de que seu maior objetivo era mesmo descobrir seu poder sexual e libertar seu lado erótico e sua energia vital.

Fazer sexo com Rance seria apenas um meio para se chegar a um fim — uma nova Deanie — e não um fim em si mesmo.

Uma música dançante e melodiosa animou o grupo que estava na outra extremidade da piscina. Risadas estridentes ecoavam pelo ambiente. Garçons iam e vinham no meio da multidão. Parecia um mundo à parte, paralelo, de onde estavam. Ao mesmo tempo, estavam expostos para qualquer um que se virasse de costas.

— Mesmo assim, não acho...

— Não ache nada — ele a interrompeu. Seus lábios tocavam o lóbulo de uma das orelhas de Deanie. — Apenas tire essa saída de praia. — Ele desfez o laço sobre um dos ombros, faltando apenas outro laço para desfrutar do corpo suave e generoso dela.

— E vamos começar logo com a primeira lição. Ao tocá-la, Rance achava que Deanie pudesse ter

dois tipos de reação: esquecer a teimosia, voltar a ser o que era e saltar para cima dele; ou ficar tensa e ainda mais fria e distante, aumentando a barreira que tinha construído para se proteger de Rance.

No entanto, ela teve os dois tipos de reação.

Rance não havia previsto a fúria de seu desejo por ela e o impulso quase incontrolável de agarrá-la e tocar cada milímetro do corpo quente e delicioso de Deanie. Respirou fundo e tentou não perder a calma ao sentir o calor que sentia nos dedos que a tocavam. Um calor que ia diretamente para seu sexo. Estava duro e excitado. Chegava a doer. Os dedos começavam a ficar dormentes pela perturbação de não poder tê-la.

Era um depravado, pensou consigo. Estava sem mulher havia meses, devido a uma das muitas contusões de sua vida. Esse deveria ser o único motivo por que estava excitado daquele jeito. Era a primeira vez em muito tempo que ficava tão perto de uma mulher. Mesmo que essa mulher fosse a pequena Deanie Codge. Ou talvez, justamente, porque fosse Deanie Codge. A verdade era que havia pensado em Deanie muito mais de uma vez desde que a vira à beira do rio.

Essa verdade ecoou por sua mente com tanta força quanto o desejo que vibrava em seu corpo. Sim, havia pensado muitas vezes em Deanie. Mais do que deveria, já que tinha se prometido deixar o passado para trás e esquecer tudo e todos que dele fizessem parte. Decidira começar do zero. Enterrar a dor e as mágoas de suas lembranças de uma vez por todas e pensar apenas no futuro.

Mas não importava o quanto tentasse, nunca conseguia esquecer Deanie completamente. Ela era uma das poucas pessoas que podiam fazê-lo sorrir e a única pessoa que o fez pensar duas vezes antes de partir de Romeo anos antes.

Ele nutria sentimentos por ela. Amizade, carinho e atração física também.

Havia reconhecido os primeiros dois desde que eram crianças, mesmo que nunca

tivesse deixado transparecê-los para ela. No entanto, ela sabia. Ela podia ver no sorriso dele. Ela devia ter visto na face dele quando Rance estava ferido pela morte dos pais. Ele tinha dito a ela para deixá-lo em paz, mesmo querendo que ela não o deixasse nem por um segundo. Ele precisava de Deanie. E ela lá permanecia, apesar das palavras duras de Rance.

Não havia reconhecido isso até a noite em que ela se ofereceu no rio. Claro que o primeiro impulso foi caminhar até ela e beijá-la com toda a volúpia que o momento merecia.

Droga, como ele a queria! Com tanta intensidade que chegava a ser doloroso.

Porém, ao perceber que o coração de Deanie pertencia a ele, percebeu também que, se fizesse amor com ela naquela noite, significaria que teria que assumir as conseqüências daquele ato depois. E, simplesmente, não estava preparado.

Deanie havia criado fantasias românticas e idealizado um Rance que não existia.

Acreditava que seriam felizes para sempre, como em um conto de fadas. Esses não eram os planos de Rance. Quando seu pai morreu, o avô assumiu o controle da fazenda. Também acabou ficando com a guarda de Rance e dos irmãos, porém não os queria por perto. Os netos lembravam ao velho que havia perdido um filho e, por isso, ele evitava os garotos sempre que possível. Rance tinha desistido dos rodeios e passava o tempo livre jogando futebol americano na escola.

Em seguida, não tardou em deixar a cidade e o avó que não o amava mais, nem aos seus irmãos.

Por pouco não havia partido naquela mesma noite. Teria sido uma única noite de amor. Deanie havia deixado claro que não queria nada dele, muito menos um compromisso sério.

Nada de dormir agarradinho em frente à TV, nada de tomar café-da-manhã juntos, almoço ou jantar no Fat Cow Diner. Tampouco passeios na tarde de domingo.

Ele não estava incluído nos planos de Deanie.

A verdade o incomodava muito mais do que deveria, uma vez que Rance não queria uma relação séria e duradoura com ninguém. Seu estilo de vida era imprevisível demais. O que significava que deveria ter ficado satisfeito com a aparição repentina de Deanie às margens do rio.

Lutou contra a irritação que apertava sua garganta. Era óbvio que não queria que ela desejasse algo sério com ele. Apenas queria que ela o desejasse. Era muito simples. Enfim, não queria mais pensar.

Rance tentou se focar no sexo rijo e na mulher entre suas pernas. Respirou fundo outra vez e estudou cada detalhe das costas sedosas de Deanie com deleite.

Rance se segurou para não arrancar as alças que prendiam a parte de cima do biquíni. O tecido fino pouco cobria os seios volumosos e torneados de Deanie. Queria tocar aqueles mamilos arrepiados, senti-los duros de desejo.

O mesmo desejo que corria por suas veias e deixava seus músculos tensionados.

Mas sabia que deveria ir com calma, ficar frio e atacar em cheio os sentidos de Deanie.

Bastava que conseguisse descobrir o ponto fraco defesas, derrubar cada barreira erguida por ela e ir além até chegar a um ponto que não tivesse volta.

Até que ela o desejasse com tanta ânsia que acabaria oferecendo-se espontaneamente. Assim como já havia feito uma vez anos antes.

Concentrou-se, respirou fundo e foi até a bolsa de Deanie, parcialmente aberta sobre a cadeira. Retirou o protetor solar, abriu o recipiente e derramou um pouco do creme, primeiro, sobre um dos ombros macios dela e depois sobre o outro.

— Levante o cabelo — ele murmurou com os lábios rentes ao ouvido de Deanie. Ela tremeu visivelmente e ele ficou ainda mais excitado.

Mas valia a pena esperar e não perder as rédeas. Juntou o autocontrole que ainda lhe restava e a tocou.

Sabia que ele iria tocá-la.

Sabia que ele não iria apertar a embalagem do protetor solar e passar nas costas dela rapidamente. Não tinha dúvidas de que passaria o creme vagarosamente, massageando-a devagar e com esmero.

Sabia disso. Assim como sabia que as mãos de Rance seriam largas e fortes e quentes. Do jeito como ela havia imaginado tantas vezes em suas fantasias. Assim como havia pensado na noite do rio e recriado um outro final. Feliz. Um final em

que ele ia ao seu encontro em vez de fugir.

Mas, na verdade, ele era superior à imaginação. Rance havia superado as expectativas de Deanie. As mãos eram ainda mais largas e fortes do que havia imaginado. E não eram quentes. Eram flamejantes.

Os dedos longos sobre os ombros ficaram mais ousados, com carícias e apertos. Ela sentiu como se estivesse em uma sauna, pois o ar estava rarefeito e escasso, E muito quente!

Um calor úmido irradiou a partir do ponto de contato e varreu o sistema nervoso de Deanie, queimando tudo em seu caminho. Principalmente sua determinação.

Seu bom senso e sua força de vontade.

Tentou se ajeitar de forma digna na cadeira, concentrar-se nas águas azuis da piscina à sua frente e no grupo de pessoas do outro lado. Porém, só conseguia pensar no homem que estava sentado atrás dela, consumindo-a conscientemente.

A respiração masculina e excitante que chegava aos ouvidos de Deanie a desconcertava. O perfume envolvente, quase erótico, de Rance invadia o olfato de Deanie. As mãos firmes e fortes eram pura provocação, e agora subiam e desciam pelos braços de Deanie. As coxas musculosas emoldurando as suas eram tentação demais para uma mulher só. A imagem da Deanie corajosa e indiferente que tentava manter com unhas e dentes estava esmorecendo. Sentia-se cada vez mais indefesa e refém do próprio desejo.

Sentia-se feminina, sensual.

Ainda mais depois de ele puxá-la pelo quadril, encaixando-a entre as pernas. O sexo dele agora tocava perceptivelmente o meio dos quadris de Deanie. Ao sentir que ele estava completamente rijo, Deanie ficou excitada, estimulada pelas fantasias que passaram por sua cabeça.

Deanie sentiu vontade de se virar para ele e sentar em cima daquela maravilha que agora a provocava por trás. Queria sentir seu sexo no de Rance.

Mal pensou isso e algo deixou todos seus músculos tensos.

Preferia mergulhar de cabeça na piscina antes que a fantasia se tornasse realidade. Ela nunca mais iria dar o primeiro passo ou insinuar-se para Rance.

— Feche os olhos — ele murmurou. A voz tocou os ouvidos de Deanie e causou um

formigamento em seus seios.

— Você está tensa demais. Precisa parar de pensar nos outros.

— Não estou pensando em ninguém.

— Em que está pensando?

— Que deveria me mexer.

— Se você se mexer, minha querida, só vou ficar mais duro.

Para dar ênfase às suas palavras, ele se moveu, pressionando seu sexo rijo contra o bumbum dela.

O membro de Rance parecia crescer ainda mais, engrossar com o toque do corpo de Deanie e ela prendeu a respiração.

— Quis dizer que deveria sair daqui — ela conseguiu falar, depois de alguns segundos de pura adrenalina.

Agora, neste exato momento.

— Se fizer isso, vai estar se entregando a timidez e a insegurança, em vez de se libertar. Está tensa, porque está em um local público e há uma dúzia de pessoas que pode facilmente nos ver a qualquer momento.

Talvez fosse melhor, pensou ela.

— Para se despir desse acanhamento — ele a instruiu, — deve fazer exatamente o oposto do que a razão lhe diz para fazer. Se ela disser para você sair, você deve ficar onde está... — Ele a puxou com mais firmeza, as costas dela estavam grudadas no peito de Rance. — Bem aqui.

Deanie estava pegando fogo. Ao mesmo tempo, não conseguia parar de pensar que a qualquer momento alguém poderia vê-los, e a possibilidade a constrangia terrivelmente. Porém, naquele mesmo instante, ele derramou algumas gotas do protetor solar sobre uma das coxas dela, e o cérebro de Deanie simplesmente entrou em curto-circuito.

CAPÍTULO SETE

A substância fria do protetor solar sobre a pele ardente de Deanie causou uma sensação agradável e sensual. As mãos de Rance lambuzavam as coxas dela com o creme, fazendo uma massagem suave e provocante.

Dedos experientes passeavam em círculos pela pele de Deanie, por toda a perna, até a fronteira com o biquíni, no quadril. Ali, os dedos faziam uma pausa como se ameaçassem ultrapassar os limites, sem, contudo, fazê-lo.

Os pulsos de Deanie latejavam.

— Gosta disso, não gosta?

— Eu... — O coração batia cada vez mais acelerado. Ela se calou para não gaguejar. Um dos dedos atrevidos de Rance tocou o tecido do biquíni, como se tivesse acidentalmente se desviado do caminho original, o que deixou Deanie sem conseguir respirar por alguns segundos.

— Pois concentre-se no quanto gosta disso e pare de se preocupar com quem possa estar olhando para a gente agora.

Mas ela não estava nem um pouco preocupada com quem pudesse estar observando aquela cena erótica. Estava mais preocupada se ele iria repetir a dose. Ainda mais preocupada com a intensidade com que queria que ele repetisse.

As mãos de Rance desceram até os joelhos e voltaram, no encontro das pernas. Os polegares alisaram as extremidades. Quando insinuavam alcançar o ponto mais íntimo de Deanie, recuavam e, como crianças traíçoeras, repetiam a brincadeira, deixando os nervos de Deanie.

A cada ameaça, uma descarga elétrica atravessava seu corpo, e ela se contorcia sutilmente.

— Está gostando?

Ela fez que sim com a cabeça. Gostava da forma como ele a fazia se sentir: inquieta e sôfrega por dentro, como se ele a tornasse insaciável.

Gostava dele.

— Quer que continue tocando você, não quer? Ela deu um suspiro estremecido e

fez que sim.

— E se dissesse que tem alguém nos observando, agora?

— E tem?

— Quer que pare? Ou quer que continue a tocá-la?

— Eu... — O ar lhe faltava, pois os dedos agora contornavam a costura do biquíni, bem na área erógena de Deanie. — Quero que continue. Porque...

Porque a idéia de que alguém estivesse testemunhando Rance tocando-a, desejando-a tornava tudo mais real e prazeroso.

Era incrível que aquele momento estivesse acontecendo, depois de tantos anos sonhando com um toque, um sorriso. Havia desejado com ânsia que ele um dia retribuísse um pouco do muito que ela sentia por ele. Todas as manhãs, quando menina, dormia já pensando no dia seguinte, quando iria encontrar Rance no ônibus escolar. Várias vezes havia interpretado mal os acenos e sorrisos dele, alimentando falsas esperanças.

Tinha se iludido por muito tempo, até que a verdade lhe acertou em cheio, da maneira mais vil e humilhante. A noite em que havia sido rejeitada por ele tinha sido traumática. Ele passou por ela e mergulhou direto no rio, indiferente. Tinha deixado claro que não sentia nada por ela.

Mas... e agora?

O toque era real. Ele era real. E realmente a queria.

Tanto quanto ela o queria.

A constatação a fez recuar. Estava confundindo tudo. A questão não era ele. Ela não o queria. Ela apenas queria, pura e simplesmente. O objetivo era explorar seus desejos e necessidades, independentemente de quem a estivesse ajudando. O foco era escutar a própria batida do coração e perceber as reações do corpo aos estímulos, não importando de onde viessem.

Mentalizou essa certeza como um mantra, nos minutos seguintes, enquanto ele a penetrava com os dedos atrevidos, por dentro do biquíni, a textura úmida e quentes do sexo dela.

Uma vez. Duas. Cada toque impossibilitava ainda mais a respiração de Deanie. E aumentava a sensação de desejar mais.

Ela precisava de mais. Moveu os quadris, implorando para que ele fosse mais fundo, mas ele não obedeceu. Em vez disso, a provocava, atíngendo-a delicadamente, como se esperasse que ela agarrasse sua mão« a empurrasse para dentro de si.

Ela lutou contra seus instintos e aproveitou a pausa de Rance para respirar fundo.

— Alguma vez já teve um orgasmo assim? Com um homem tocando você? Mexendo seu ponto erógeno de diversos modos?

Enquanto ele falava, era justamente o que fazia com Deanie, massageando-a e atíngendo-a.

Uma onda de prazer incontrolável se apossou dela, derrubando suas defesas por alguns segundos. Sentia que estava prestes a explodir de volúpia.

— Já? — Ele a provocava.

— Eu... — Ela lambeu os lábios.

— Me conta.

Não. A palavra estava na ponta da língua, mas prendeu os lábios e não disse nada. Levantou-se bruscamente e saiu andando.

— Deanie? — Ele a seguiu. — O que foi?

— Nada. — Deanie deu um longo suspiro e forçou um sorriso cínico. — Missão cumprida.

— Do que está falando?

— A primeira aula. Passei. Deixei você me tocar em público e consegui me abstrair do mundo exterior e focar nas sensações que senti.

— E como foi a experiência?

— Legal.

— Legal?

— Boa. — Ela tentou demonstrar indiferença. — Muito boa.

— Senti o seu corpo e sua respiração. — A voz sedutora de Rance em seus ouvidos não deixaram com que

Deanie acalmasse os ânimos que ainda estavam à flor da pele. — Sei que foi muito melhor e mais intensa do que apenas legal ou boa.

— Tudo bem, foi melhor que boa.

Ele ergueu a sobrancelha com indignação.

— Tudo bem, foi bom demais.

Quando ele sorriu, em resposta, ela acrescentou:

— Mas bom demais está longe de ser espetacular. E não foi orgasticamente espetacular.

Rance voltou a ficar com o semblante sério.

— Pois teria sido se não tivesse interrompido tudo assim tão bruscamente.

— Talvez sim. — Ela deu de ombros. — Talvez não.

Ele a encarou desafiadoramente.

— Está querendo me dizer que não estava perto de ter um orgasmo?

— É impossível saber. — Ela lambeu os lábios. Ela esteve tão perto do orgasmo! Mas ele não tinha como saber disso e ela não lhe diria, pois seria admitir que ele era capaz de fazê-la sentir coisas que nunca havia sentido com homem nenhum.

Admitir que com ele era diferente. Que ele era especial.

E ele não era, disse para si mesma pela milésima vez. O problema era que ficava difícil acreditar nisso, com ele tão perto, tão disponível e sensual e provocante. E, quando a encarava com aquele olhar sabichão de quem conseguia ler pensamentos, Deanie já não tinha certeza de nada.

O pior é que sabia que ele não tinha acreditado em uma só palavra do que ela disse. Rance podia ver através da máscara de Deanie. Podia ver a mulher com desejos intensos, ofegante e entregue que se escondia. E aquele sorriso? Por que ele tinha que sorrir daquele jeito? Um sorriso irresistível que a hipnotizava.

— Olhe nos meus olhos e me diga que não acaba de ter um dos momentos mais incríveis da sua vida?

Ela não se intimidou e o encarou. *Diga*, ela ordenou a si mesma. *Diga a ele antes que seja tarde demais. Antes que acabe pondo tudo a perder e pule em cima dele e o encha de beijos.*

Ela não ia beijá-lo outra vez. Afinal, era uma mulher forte.

A não ser que ele sorrisse para ela. Aí, seria difícil resistir.

Ele sorriu.

— Não consegue dizer, consegue?

— Não preciso dizer nada. Acho que está claro. Ela se desvencilhou e o empurrou. Ou fazia isso ou

o beijava, e Deanie não queria cometer o mesmo erro. Havia posto o orgulho em segundo plano por causa de Rance McGraw e ele havia pisado em cima.

Não ia correr o risco de que ele a rejeitasse novamente.

— Mas que droga está... — Foi o que Rance teve tempo de dizer antes de cair de costas na piscina. Ao voltar à superfície, segundos depois, olhou para Deanie confuso. Ela estava na borda com uma expressão indecifrável no rosto.

— Ficou louca?

— Você parecia estar precisando de um pouco de água fria para refrescar.

— Quase torci o pé na borda. Ela se manteve dura.

— Devia estar acostumado. Afinal é um atleta radical. Além do mais, nunca foi muito responsável. — Ao dizer isso, lembrou-se da fatídica noite à beira do rio, — Como na noite em que mergulhou no rio. O que deu em você para mergulhar à meia-noite, quase nu, naquele frio? Podia ter se matado!

Talvez para ele a morte fosse melhor do que uma noite com Deanie Codge, imaginou ela, com o ego ferido.

— É, foi estúpido da minha parte.

A voz dele carregava reflexão e arrependimento. Ao olhar para ela, Deanie teve a suspeita de que ele falava de algo além do mergulho. E, então, ele abriu a boca e as suspeitas se confirmaram.

— Fiz muitas coisas estúpidas naquela noite.

Os olhos de Rance escureceram e dentro deles havia um brilho de sinceridade.

— Não devia ter rejeitado você.

— Deixa para lá... — Deanie havia ensaiado aquela cena várias vezes em sua cabeça. Em seus sonhos, ele se desculpava e ela respondia que ele era um cretino. Ele a tinha magoado e ela havia querido revidar durante muito tempo. Porém, agora, com o arrependimento bailando nos olhos amendoados e castanhos de Rance, ela não conseguia encontrar as palavras.

— Acho que meu celular está tocando.

Ela se virou e foi apressadamente para a espreguiçadeira e apanhou a bolsa. Rance nadou até a borda da piscina.

— Era ele mesmo. — Pelo menos, teria sido se o celular estivesse ligado.

— Preciso entrar para retornar a ligação. Deve ser o Calvin ou talvez a srta. Geneva, lá de Romeo. O radia-dor dela não está funcionando direito.

Apanhou a saída de seda, colocou os chinelos e começou a contornar a piscina. Achou melhor não olhar para trás, e apertou o passo. Não que ela tivesse medo que ele fosse atrás dela. Mas porque tinha medo de se jogar nos braços dele se ele a seguisse.

Não devia ter rejeitado você.

Aquela confissão não saía da cabeça de Deanie e a enchia de alegria. E não por senso de justiça ou satisfação pessoal, mas sim pela felicidade de ouvir isso de alguém que ainda lhe era especial.

Rance ainda era muito especial para Deanie. No entanto, a emoção predominante era luxúria e era o que a movia naquele momento.

Ele tinha deixado Deanie pegando fogo naquela cadeira. Agora, queria muito mais. Estava louca para sentir mais prazer. Por isso, precisava ficar longe de Rance. Para não pular em cima dele.

De qualquer forma, tinha pouco menos de vinte e quatro horas para aproveitar as lições de auto-conhecimento e não podia se desconcentrar. Não podia deixar se levar pelos sentimentos adolescentes que nutria por Rance. Precisava focar nas reações químicas e biológicas em seu corpo e descobrir como senti-las para um maior prazer.

O que sentia por ele era infantil. Era uma menina e muito imatura para entender dessas coisas. Não havia futuro para os dois. Ele era um aventureiro errante que

não tinha casa ou rumo, e ela era uma mulher que um dia gostaria de ter uma casa e um rumo. Acreditava em "felizes para sempre", enquanto Rance só estava interessado nas próximas vinte e quatro horas. Mesmo que a desejasse naquele momento, era apenas algo carnal. Ele não compartilhava dos mesmos sonhos e ideais de Deanie.

Ele não a amava. Nem agora nem antes.

Ao ver que ele não a seguia, sentiu um misto de alívio e frustração. Espantou a sensação esquisita e pensou que, por mais desesperada que estivesse, não iria morrer se não se satisfizesse. Pelo menos, ainda não.

— Me encontra no lobby em uma hora para a próxima aula — ele gritou quando Deanie já se encontrava no outro lado da piscina.

A excitação borbulhou junto com a alegria. A mesma sensação pura e contagiante que havia sentido instantes antes.

Mas não era nenhuma tola.

Rance ficou observando Deanie se afastar até desaparecer entre as palmeiras. Mentalmente, começou a contar todas as eliminatórias para rodeios das quais havia participado.

Não sabia bem por quê, mas sentia como se estivesse domando um touro bravo sempre que tinha que lidar com Deanie. Porém, seria paciente. Iria pressioná-la, mas sem obrigá-la a fazer nada que não quisesse. Mesmo sabendo que ela queria. Ela o queria.

Não podia perder tempo. Tinha que se enxugar e ir ao encontro de Erica. Confirmar se ela havia conseguido a lista com os locais mais românticos da ilha, como Rance tinha pedido. Precisava de um elemento especial para a próxima aula. Algo que fizesse a diferença e que impressionasse Deanie, que derrubasse as resistências dela.

Mesmo depois de ser jogado na água fria da piscina, continuava excitado e duro. E a culpa era de Deanie. Pois ele não ficava desse modo desde...

Não se lembrava. Porém, se lembrava da noite em que se jogou na água para não ter que cair na tentação de fazer amor com Deanie. Ao sair do rio, ela já havia ido embora e ele estava encharcado e congelado. Mesmo assim, fervia por dentro, pois não conseguia esquecer a imagem de Deanie nua na sua frente. Ao ir para

casa, a primeira coisa que fez foi tomar uma ducha fria. Não conseguiu dormir naquela noite. Pensou em Deanie toda a madrugada. No dia seguinte, ao fazer as malas para ir embora, guardou a lembrança dela em um canto escondido da mente, disse adeus aos irmãos e ao avô e partiu sem olhar para trás.

E o mesmo faria no dia seguinte, depois que conseguisse tirar Deanie da cabeça outra vez. Curiosamente, não se sentia muito entusiasmado com a idéia. Assim como não havia gostado muito de tê-la deixado anos antes. No entanto, fez o que deveria ter feito, e faria de novo.

CAPITULO OITO

Deanie entrou no elevador cheio e apertou o botão do décimo-quarto andar. Recostou-se na parede ao fundo e tentou acalmar o coração. Não pelo que Rance havia dito. Ela ainda estava excitada, porque o tinha visto todo molhado e provocante.

Era apenas atração física. Sexo.

O elevador parou e Deanie viu que ainda estava no terceiro andar. Algumas pessoas saíram e o elevador ficou mais arejado. As portas se fecharam e o elevador continuou seu percurso.

Ainda custava a Deanie acreditar que havia estado tão intimamente perto de Rance. Tinha sonhado tanto com esse dia, idealizado Rance como um amante fantástico, e não estava decepcionada! Todos sabiam que a fantasia era sempre melhor que a realidade.

Mas não naquele caso.

O Rance verdadeiro era mil vezes melhor que o da fantasia. O toque da pele dele era mais quente, as mãos eram mais experientes e decididas. O corpo, mais musculoso e mais poderoso. O cheiro mais estonteante e envolvente. A voz havia soado mais sexy e sincera como jamais tinha imaginado. A imagem dele todo molhado na piscina não saía de sua cabeça.

As gotas caindo sobre o torso nu e musculoso de Rance era mesmo uma cena

erótica.

O elevador parou novamente e acabavam de passar pelo quinto andar. Mais pessoas saíram e poucas entraram. As portas se fecharam outra vez e Deanie voltou para o seu mundo de divagações.

No oitavo andar, os demais passageiros saíram e só restou ela. Um homem vestindo um roupão branco entrou em seguida.

As portas se fecharam e o inusitado aconteceu. Deanie piscou uma, duas, três vezes, mas aquilo não desaparecia.

No nono andar, o homem saiu com o roupão na mão e a bunda peluda pelo corredor.

Deanie foi depressa para o primeiro andar reportar à segurança do hotel sobre o incidente com o homem nu no elevador.

— Pode me dizer o tamanho dele?

— Foi muito rápido. Eu diria que uns dez centímetros.

— Não estou falando do membro do homem, srta. Codge. — O segurança do hotel olhou para ela, pasmo. — Era um homem baixo ou alto?

— Ah, sim, claro. — Deanie ficou corada de vergonha. — Não tive tempo de reparar nesse detalhe.

— Algum detalhe que teve tempo de reparar?

— Bem... — Ela tentou se concentrar. — Ele era velho — lembrou.

— Como sabe?

— Era grisalho. Também vi a bunda cabeluda — Deanie acrescentou. — Quando ele saiu correndo para fora do elevador. Bem, na verdade, ele não era completamente grisalho — ela concluiu ao visualizar as nádegas do exibicionista.

— Também não posso dizer que era um atleta. Estava meio fora de forma.

— É curioso, srta. Codge, porque de acordo com os outros depoimentos que tivemos hoje, sua descrição não faz sentido.

— Quer dizer que ele já abordou outras pessoas?

— Ele não. Ela. Três pessoas viram uma mulher correndo nua pelo hotel, nas duas últimas horas. Uma senhora de cabelos grisalhos foi vista pelada saindo da piscina e mais tarde na praia.

Deanie ficou confusa.

— Sinto muito, mas o que eu vi foi um homem. A não ser que ela estivesse usando uma prótese da melhor qualidade e muito convincente. De qualquer forma, se fosse uma mulher teria seios.

Deanie balançou a cabeça.

— Com certeza teria reparado nos seios.

— Obrigado por sua ajuda — disse o segurança, estendendo a mão para cumprimentar Deanie.

Deanie se levantou.

— Sinto muito por não ter sido muito útil na sua investigação. Espero que encontre o exibicionista. Ou a exibicionista. Enfim, seja lá quem for.

— Espero que o incidente não tenha estragado suas férias.

— Infelizmente, minhas férias foram arruinadas bem antes do incidente no elevador.

Na verdade, havia sido no momento em que pôs os olhos em Rance McGraw no avião de San Antônio.

Talvez estivesse exagerando, pensou.

Faltavam dezoito horas para que ela estivesse, finalmente, em Éden. Não ia perder tanto assim. Algumas aulas, apenas. Poderia muito bem pegar anotações com alguém, depois. Não precisava das instruções de Rance.

Ah, mas não era uma questão de necessidade, mas de desejo. Ela queria muito e não conseguia controlar a ansiedade pela espera da segunda aula. O relógio não parava e os minutos estavam passando rapidamente.

Ao sair da sala da segurança, voltou para o elevador. Precisava trocar de roupa para o encontro com Rance no lobby. Acabava de entrar no corredor de seu andar, enquanto agradecia por não ter reencontrado o peladão, quando avistou Rance no outro lado do corredor.

Ele estava de frente para a porta do quarto, de braços cruzados. Vestia uma camisa, azul, chinelos e um short branco.

Deanie logo acendeu o alerta vermelho. Devia ter posto um vestidinho e um salto antes de ir até a segurança. E uma maquiagem. E, definitivamente, tinha que ter feito algo com o cabelo, em vez de um simples rabo de cavalo.

Mas estava com pressa e nem tinha pensado em se olhar no espelho e muito menos se preocupar com a aparência.

Havia posto a primeira roupa exposta no armário: uma camiseta branca e um jeans. Agora precisava correr para o quarto e vestir algo mais sexy e passar um batom. Logo esqueceria do lapso momentâneo da velha Deanie, e ele faria o mesmo.

Ajeitou os ombros, estampou um sorriso sedutor e começou a desfilar no corredor. Rance finalmente a viu.

— Eu sei. Estou atrasada — ela disse ao se aproximar. — Me dê dez minutos e já nos encontramos lá embaixo.

Ela procurou a chave do quarto. A luz verde do cartão recusava-se a aparecer e a porta continuava trancada. Tentou novamente. Nada.

— O que aconteceu? — Ele estava perto demais, pensou ela. Podia sentir a respiração quente dele em seu pescoço.

— Acabei de ver um homem nu no elevador.

— Como assim?

— Um homem pelado. No elevador. — *Que droga de chave*, pensou irritada.

— Como ele era?

— Não sei dizer.

— Era grande?

Ela não queria voltar aquele assunto.

— Não tenho certeza. Não prestei atenção. *Por favor, chave, funcione*, desejou ela.

— Apenas, bem, uma parte do corpo me chamou a atenção.

— Você estava em um elevador com ele e não viu nada além do...

— Eu estava desligada, pensando em outras coisas e ele o interrompeu, tentando abrir a porta com certa impaciência.

Ele tomou a mão de Deanie, segurando junto com ela o cartão magnético e o pressionou calmamente sobre a fechadura. Nesse movimento, os lábios dele roçaram na orelha de Deanie, causando um arrepio em todo o seu corpo.

— Tem que deslizar suavemente se quiser que funcione.

Com aquele corpo quente contra o dela e o perfume inebriante confundindo os sentidos de Deanie, ela conseguia apenas pensar em Rance deslizando sobre ela, suavemente, repetidas vezes.

— É... é o que estou fazendo.

— Mais devagar. — A voz dele era sedutora, rouca e ela sabia que ele não falava apenas de abrir a porta.

Enfim, a luz verde apareceu e a porta se abriu.

— Obrigada — murmurou ela, e a maçaneta girou, abrindo a porta.

— Eu que agradeço.

Os lábios de Rance roçaram no ouvido de Deanie provocando um arrepio em sua espinha.

— Então, me diz — ele pediu sem qualquer menção de afastar o braço da cintura dela. — em que estava pensando lá no elevador?

Em você.

Ela lambeu os lábios e tentou demonstrar indiferença, mas a verdade era que a temperatura de seu corpo aumentou drasticamente com a pressão das mãos de Rance sobre sua barriga. Seus dedos pareciam labaredas prestes a queimar o fino tecido da camiseta de Deanie.

— Nada importante — ela respondeu bruscamente.

O toque tornou-se mais íntimo e ele apertou o abraço. Ela se desvencilhou delicadamente e entrou no quarto.

— Nos encontramos no lobby, então.

Ela se virou para fechar a porta, mas ele a havia seguido e já estava praticamente dentro do quarto também.

— Eu espero aqui. — Ele caminhou até as janelas e ficou observando a areia branca da praia. O sol se punha no horizonte manchando o céu e o mar de laranja e vermelho.

Era a vista mais romântica que um casal perdidamente apaixonado poderia pedir.

Ela ignorou a onda de ansiedade que a invadiu por dentro, só de imaginar. Mas não amava Rance. Não queria amá-lo. Queria apenas uma noite com ele — aquela noite — para aliviar o trauma da rejeição que ainda a atormentava, satisfazer suas necessidades sexuais e acabar com a obsessão que tinha por Rance.

Estava entrando no banheiro para se vestir, quando o celular tocou.

Pensou seriamente em não atender à ligação, mas então se lembrou que devia ser a srta. Margie que já havia ligado antes.

Bem, Margie podia deixar uma mensagem, pensou Deanie.

Bem, poderia, pois Deanie não queria mais culpa sobre suas costas. Sentia remorso por ter deixado seus clientes para o sem-vergonha do Harwin. Não queria piorar a situação e ignorar uma cliente em um momento de necessidade.

Além disso, gostava da srta. Margie.

Mas se fosse qualquer outra pessoa não iria atender.

De jeito nenhum.

O identificador de chamadas mostrava o número de Judy Louise. Não era a srta. Margie. Mas Deanie também gostava da srta. Judy. A velhinha fazia os melhores biscoitinhos amanteigados da cidade e levava, pelo menos, uma dúzia sempre que o carro precisava de reparo. O que acontecia uma vez por mês. Algumas vezes, os deliciosos biscoitinhos haviam servido como forma de pagamento pelos consertos, mas Deanie nunca tinha se incomodado. Adorava os biscoitos caseiros. Também adorava a forma com a srta. Judy decorava a caixinha com os biscoitos. Corria laços de fita e papel de presente. Era um verdadeiro presente, como se Deanie não fosse apenas uma mecânica, mas uma amiga muito querida e especial.

— Senhorita Judy? Algum problema?

Rance sentou-se na cadeira mais próxima e ficou observando a expressão de

Deanie passar de preocupada para aliviada.

— Não há nada com que se preocupar. Peça ao Harvin para trocar o fluido de transmissão.

Deanie olhou para Rance.

— Um minuto, srta. Judy, por favor. — Ela tapou o fone do telefone. — Desculpa, mas o assunto é particular — disse ela a Rance enquanto apanhava o vestido e os sapatos.

— Vou levar só alguns minutos. E desapareceu banheiro adentro.

Rance não conseguia parar de se perguntar: será que ela estava pensando nele, no elevador? Sobre o quase orgasmo que teve na piscina? Seu instinto dizia que sim, mas queria ouvir da própria Deanie a confirmação.

Sabia que ela não poderia resistir a ele. A química entre os dois era intensa demais. Porém, não queria apenas a complacência dela. Queria... ela. Inteira.

Rance se controlou, buscou o controle remoto da televisão e ficou passeando pelos canais. Encontrou um programa ao vivo de um rodeio de touros em Las Vegas. Foi quando Deanie, enfim, saiu do banheiro. — Estou pronta.

Trajava um vestido florido e um par de sandálias de salto alto que deixavam as pernas ainda mais longas. Os seios pareciam ainda mais fartos devido ao decote frente única. Os cabelos estavam sedosamente soltos.

Ele se segurou para não cruzar o quarto e se certificar pessoalmente de que ela estava tão linda como parecia.

Tinha certeza que sim. Ainda podia sentir o gosto dela em seus lábios quando a beijara no aeroporto. Sabia que se comesse a beijá-la agora não iria conseguir parar. Era por isso que Rance pretendia deixar que fosse ela a dar o próximo beijo. Ele poderia fazer de tudo, desde passear com as mãos pelo cabelo dela até beijar cada centímetro de seu corpo. Era apenas sexo. Mas beijar? Era forte demais e ele não poderia se arriscar.

— Você deve ser uma mecânica de tirar o chapéu — observou Rance. Para uma cliente ligar no celular, mesmo sabendo que Deanie havia largado o emprego, devia ser porque ela era uma profissional insubstituível, pensou ele.

Deanie balançou a cabeça com aflição e Rance se arrependeu pelo comentário.

— Desculpa. Sei que não quer ouvir falar de trabalho. Mas por que mudar de profissão? Se não estava feliz em Big Daddy's, por que não foi trabalhar no Merle?

Merle era a única concorrente da oficina Big Daddy's e Rance não tinha dúvidas de que, pela competência e reputação de Deanie, ela seria contratada pelo rival em um piscar de olhos.

Deanie balançou a cabeça.

— Cansei de ser mecânica, só isso.

— Só isso? — A pergunta a fez refletir. Os olhares se cruzaram e ele notou que ela estava angustiada. Deanie mordeu o lábio inferior como se não conseguisse decidir o que responder.

— Sou uma mulher — murmurou. — Mas ninguém me trata assim. Claro, já tive namorados, mas nada sério. Quero algo sério. Estou cansada de passar as noites de sexta-feira sozinha em casa, Quero compartilhar minha vida com alguém. Quero que me tragam flores e que lembrem do meu aniversário.

Os olhos de Deanie ficaram úmidos e o peito de Rance apertou.

— Sou uma mulher e quero ser tratada como tal.

Assim que as palavras foram pronunciadas, ela fechou a boca e mordeu os lábios, como se houvesse se arrependido da confissão.

— Soa estranho, não?

Ele se levantou e foi até ela.

— Não vai dizer nada?

— Hoje é sexta-feira, já é noite, e você não vai ficar em um quarto de hotel sozinha. — Ele a pegou pela mão. — Hoje não.

Nem nunca mais.

Pois Rance tinha o pressentimento de que Deanie Codge poderia ser a peça que estava faltando em sua vida.

CAPÍTULO NOVE

— Que lugar lindo! — Deanie disse, enquanto Rance se aproximava da entrada de The Falls.

— Você ainda não viu nada. — Rance se segurou para não beijar os lábios carnudos que o provocavam naquele instante. Seria um beijo que, com certeza, dispensaria o jantar para pular para a sobremesa de imediato.

— Erica nos convidou — falou Rance à recepcionista do restaurante, que arregalou os olhos ao reconhecê-lo.

— Você é o Rance McGraw. Ele piscou.

— Eu mesmo.

— Um minuto, sr. McGraw, por favor.

Momentos depois, Erica apareceu e os cumprimentou. Apanhou dois cardápios e pediu que Deanie e Rance a acompanhassem.

Rance segurou o braço de Deanie e a acompanhou. A fome aumentou. O simples toque dos dedos na pele de Deanie era suficiente para aumentar a temperatura corporal de Rance radicalmente. A excitação era tanta que se tornava visível pela saliência da bermuda na altura do sexo.

Inspire e expire, disse mentalmente. Agência firme e respire fundo.

O único problema em seguir o conselho era que, a cada inspiração, as narinas se enchiam com o perfume de baunilha e mel de Deanie.

Por um segundo, o passado voltou e Rance se lembrou da primeira vez em que realmente notou aquela essência tão doce e deliciosa. Deanie era da oitava série e eleja estava terminando o ensino médio.

Estavam estudando em escolas diferentes, porém, continuavam pegando o mesmo ônibus. Costumava sentar ao lado de uma tal de Sandra, uma das meninas mais populares da escola, na época. Abusava das roupas curtas e da maquiagem e adorava balançar os cabelos lisos e longos, jogando charme para os garotos.

Um dia, Sandra tinha ficado doente e faltou à aula. Por isso, Rance se sentou ao lado de Deanie — como sempre, ela havia guardado lugar para o caso de ele

resolver ficar ao seu lado.

A janela estava emperrada e, então, ele foi para bem perto de Deanie, que sempre se sentava na janela, para tentar ajudar a abrir o vidro. O cabelo dela roçou no queixo de Rance e ele pôde sentir o perfume do xampu caseiro com essência de mel. O aroma permaneceu com ele durante todo o dia.

Apesar das mudanças, continuava usando o mesmo perfume.

O desejo o consumia e o vestido revelador de Deanie piorava ainda mais as coisas. Estranhamente, não queria apenas estar dentro dela, pensou, queria muito mais, porém, não sabia bem o quê. Com certeza, não queria se apaixonar e sossegar. Ainda tinha muitos lugares para visitar e conhecer. Sim, era louco por mulheres. Mas amar? Nunca havia se apaixonado por uma mulher.

Erica fez um gesto para que eles continuassem a segui-la, deu a volta por uma enorme palmeira e seguiu em direção a uma porta que dava para uma rocha ao lado da queda d'água. Na porta, havia um aviso de que a entrada era restrita para funcionários. Erica olhou ao redor certificando-se de que ninguém estava olhando, tirou uma pequena chave do bolso e destrancou dois cadeados. Segundos depois, ela os guiava por um pequeno túnel, iluminado por uma única lâmpada.

O baralho de água caindo ia aumentando conforme avançavam. No fim do túnel havia uma ampla caverna que ficava bem atrás da cascata.

Erica havia dito que aquele era o local mais romântico da ilha e Rance tinha achado que ela exagerava.

Estava enganado.

A cascata criava uma cortina luminosa, acentuada pelas lâmpadas coloridas do ambiente.

Havia uma única mesa no centro do restaurante. A louça sofisticada e as taças de cristal reluziam com a iluminação tênue das velas. Os pratos exalavam o cheiro delicioso da comida quente. Ao lado da mesa havia uma garrafa de champanhe em um balde de gelo.

— O dono do Escapades mandou construir uma entrada para essa parte do restaurante. — Ela sorriu e mostrou a chave que segurava. — Mas a irmã do meu namorado namora o gerente do restaurante. Ele é responsável por mudar as lâmpadas que ficam por trás da cascata, nas pedras. Não há outra forma de

fazer a manutenção sem ser por esse lado.

— Muito obrigado, Erica — disse Rance, enquanto Deanie olhava boquiaberta para a mesa de jantar, exuberantemente preparada

— O prazer é meu.

— Tudo isso é fantástico, não sei como retribuir. — Ele levou a mão ao bolso e retirou a carteira.

— Não, por favor, não quero o seu dinheiro.

— Então, como posso retribuir?

— Gostaria que desse umas dicas sobre manobras radicais para o meu grupo de esportes aquáticos. Seria maravilhoso ter uma aula do maior *wakeboarder* dos Estados Unidos. Poderia nos encontrar amanhã de manhã?

— Estarei lá.

Ela sorriu e se retirou. Deanie estava de costas para ele, hipnotizada pela beleza da cortina de água.

— Nunca vi nada igual.

— Nunca a vi tão linda — ele murmurou ao se aproxima dela. — Você está incrível!

— É impressionante a diferença que um vestido novo faz. Se você tivesse me dito, cinco anos atrás, que eu estaria aqui agora, vestindo uma roupa dessas, teria te colocado para correr, com um chute no... — Ela fez uma pausa. — Quer dizer, teria mandado você embora.

— Por quê? Mulheres ultrafemininas não xingam?

— Só conheci uma mulher ultrafeminina na vida e ela teria lavado minha boca com sabão se tivesse me escutado dizendo vulgaridades.

Deanie sorriu.

— Minha avó era maravilhosa. Sinto muita saudade dela, e só me dei conta disso recentemente.

— Também sinto falta dos meus pais. — Ele não sabia bem por que estava dizendo isso, mas de alguma forma se sentia à vontade com Deanie.

De qualquer forma, mesmo quando ele não contava nada a ela, Deanie já sabia. Ela

o conhecia muito bem. Desde sempre.

— Também sente falta de casa — ela completou como se houvesse lido os pensamentos de Rance.

Ele ficou mudo por um longo período e finalmente deu de ombros.

— Às vezes.

— Também sinto saudade. Não o bastante para voltar, mas sinto. Sinto um pouco de culpa de ter deixado meus clientes e as pessoas de quem gosto.

— É só voltar para casa.

— Não posso. Preciso sair de lá

— Você quer dizer, precisa fugir.

— Não estou fugindo de nada. Estou mudando de vida. Para melhor. Bem melhor do que o que ficou para trás.

— Era o que achava quando daí de Romeo.

Fugir da indiferença do avô parecia a única solução para sua infelicidade. Assim que os três irmãos tiveram condições, não perderam tempo em sair de casa e ganhar a independência.

O mais velho dos trigêmeos, Josh, tinha tirado uma licença de piloto e aberto uma empresa de vôos *charter* no Arizona. Mason, o do meio, tinha fundado uma consultoria em serviços administrativos para fazendeiros endinheirados. E Rance havia se matado de trabalhar, praticando um esporte que não adorava, mas que era craque, para poder pagar a faculdade que quisesse e se mandar de Romeo.

Sabia que nunca conseguiria sair de Romeo apenas enlaçando gado, apesar de até render um bom dinheiro. Rance escolheu a segunda melhor opção: entrou para o time de futebol americano da escola. Havia sido difícil no início, mas com o tempo ele se resignou por não mais participar dos rodeios.

Pelo menos, aparentemente.

A onda de adrenalina que experimentava a cada competição estava se tornando menos freqüente e intensa. Contraditoriamente, os eventos se tornavam cada vez mais perigosos e exageradamente radicais. Como a competição da qual ia fazer parte em poucos dias, na Austrália, domando crocodilos.

E, em um futuro próximo, não ficaria surpreso se acabasse surfando no meio de um furacão. Não era o perigo que o incomodava. Ao contrário. Era o fato de que esse perigo já não fazia o coração bater mais forte como antes. Forte como batia naquele instante com Deanie tão perto. Tão quente. Com um perfume tão doce.

— Alguma vez pensou em voltar a morar em Romeo? — Ela fez a pergunta que o atormentava desde que tinha quebrado a perna.

Ele tinha voltado para casa propositalmente. Para acordar do lugar seco e chato em que tinha vivido e se lembrar de como ficava entediado ouvindo as histórias da tia-avó Lurline e do tio-avô Eutess.

Porém, tinha se enganado. Havia passado a tarde na varanda, vendo o sol se pôr no horizonte, ouvindo os grilos cantando por todas as partes, os tios implicando um com o outro na cozinha. Tudo parecia tão familiar! Verdadeiro. Acolhedor e gostoso.

Como agora.

— Já pensou? — ela insistiu. Ele deu de ombros.

— Já.

— Pois eu não. Não volto nunca mais.

Antes que ele tivesse tempo de perguntar qualquer coisa, mudou de assunto.

— E o que você está aprontando dessa vez?

— Bem, isso não tem nada a ver com comida. É uma aula para aprender a utilizar o ambiente ao seu redor — ele respondeu, repetindo o título do segundo workshop do acampamento E.D.E.N.

— Como criar uma atmosfera apropriada para melhorar sua experiência sexual.

A esperança iluminou os olhos de Deanie.

— Quer dizer que vamos ter uma experiência sexual?

Ele não pôde deixar de sorrir, divertindo-se com a reação dela.

— Primeiro, vamos comer.

Ele puxou a cadeira para que ela se sentasse.

— Apenas comer? — Ela o fitou antes de se sentar, com ar de decepção.

Ele continuou sorrindo, enquanto se sentava de frente para Deanie. Apanhou a garrafa de champanhe, retirou a rolha e serviu-o em duas taças.

— Sexo não é apenas para se chegar a um clímax. Também é para tornar seus sentidos mais vivos, vibrantes. E é para isso que serve esse lugar. Ele prepara o clima para o que vem a seguir.

Ele pôs uma fatia de abacaxi na boca e mastigou lentamente.

— Agora, nós vamos curtir esse momento — ele continuou. Lambeu os lábios sem tirar os olhos dela, — E, então, vamos passar para a próxima lição: "O poder do toque." E aí, sim, vamos nos curtir mais intimamente.

— Não sei, não — Deanie disse uma hora depois, quando Rance apanhou um guardanapo de pano para vendar os olhos dela.

— A aula número três é só com o toque. Não vai precisar ver nada, apenas sentir.

Após pôr a venda, Rance a segurou nos ombros. Desceu as mãos pelos braços e Deanie sentiu um frio na espinha.

A penumbra do lugar tornava o toque quente de Rance ainda mais intenso. Ele deslizou suas mãos pelas costas dela, e desabotoou o vestido. Desceu a roupa, deixando as costas de Deanie nuas. Abraçou-a, esquentando sua pele despida com seu corpo. As mãos de Rance traçaram as linhas das costelas dela e subiram, emoldurando os seios de Deanie. Ela se inclinou sobre ele e a cabeça apoiou-se nos ombros de Rance.

Os mamilos de Deanie agora estavam entre os dedos dele que os acariciavam com delicadeza. Deanie entreabriu os lábios, em um gemido curto. E então ele continuou, para baixo, tocando a barriga dela. Desceu ainda mais o vestido até os pés e a despiu totalmente.

— Quer dizer que resolveu seguir meu conselho —. ele murmurou, rouco de desejo, ao descobrir que ela estava sem calcinha.

Ela não podia enxergar por causa da venda, mas podia sentir o calor do corpo de Rance. Ele estava bem perto. Mas não o suficiente. Não tanto quanto gostaria.

O ar lhe faltou quando sentiu o dedo de Rance tocar o seu umbigo e descer rumo ao sul, pelo "caminho da felicidade", tão lentamente que deixou Deanie sem nenhum oxigênio nos pulmões. Apenas parou ao encontrar o triângulo úmido e

cacheado entre as pernas dela.

— Como se sente sem calcinha? — perguntou depois de um longo período torturando-a de prazer.

— Estranha. — As palavras foram pouco mais que um suspiro, pois quando ia responder, Rance deslizou os dedos para dentro dela. — Mas só no início.

— E depois?

— Achei excitante. — Deanie sentia a umidade entre as pernas, enquanto ele a tocava. Lambeu os lábios, perguntando-se quanto deveria ou poderia contar a ele. Porém, Rance pegou em seu ponto fraco naquele instante, tocando seu clitóris com maestria e a fazendo estremecer.

— Pude sentir o tecido do vestido tocando minha pele, o ar passando por entre minha minhas pernas.

— Fez uma pausa e lambeu os lábios. — A cada passo que dava, uma sensação nova surgia.

Enquanto ele brincava no sexo dela com uma das mãos, com a outra, acariciava sua coxa.

— Sentiu o tecido tocando aqui? Ela fez que sim com a cabeça.

— E aqui? — Ele descia e subia por entre as nádegas de Deanie. — O que sentiu?

— Senti muito desejo. Excitada. — Ela estava falando demais, se expondo demais. Porém, curiosamente, não estava nada preocupada. Não sentia qualquer arrependimento. Devia ser a venda nos olhos, pensou. Dava a sensação de anonimato. Ele não podia olhá-la nos olhos e ela não podia vê-lo. Desta forma, não havia constrangimento.

— Você é tão sexy, Deanie! Com ou sem calcinha.

Antes que o comentário tivesse sido inteiramente digerido, ele se afastou. Ela ouviu o barulho de louça e talheres e, então, ele a pegou pelas mãos. De repente, sentiu que se sentava sobre a madeira dura da mesa. As mãos quentes de Rance a deitaram.

Rance tocou os seios dela, as palmas friccionavam os bicos em movimento circular, deixando-os inchados e excitados. De repente, as mãos desapareceram e o Deanie sentiu o ar fresco da noite tocar seu corpo por vários segundos. Até

que sentiu algo frio e molhado sobre um de seus mamilos. O nariz identificou o cheiro doce e ácido de abacaxi.

Gotas meladas escorriam pelos seus seios e Rance as lambia em seguida.

— Você tem um gosto tão doce — ele murmurou.

— Achei que a aula fosse sobre toque e não paladar.

— É verdade. Mas não há nada de errado em utilizar o paladar de vez em quando.

Rance pressionou um pedaço do abacaxi no lábio inferior de Deanie e ela abriu a boca. Ela esperava que ele fosse deslizar o pedaço sobre os lábios dela. No entanto, ele lambeu e chupou o lábio de Deanie como se comesse a própria fruta.

Ela sentiu um leve aperto nos seios e um formigamento entre as pernas.

— Não vai me dar nem uma provinha? — Ela sussurrou, maravilhada com a própria voz que saía naturalmente sensual.

— Agora, só precisa se preocupar com seus sentidos. Deixe o paladar comigo.

Ele passou uma fatia de abacaxi sobre os lábios dela outra vez, antes de descer pelo pescoço. Os seios dela ficaram dormientes e rijos com a espera do que viria em seguida. Ele circulou cada mamilo com a fruta suculenta, antes de continuar o movimento descendente. Deanie sentiu algo frio descendo pela barriga, depois por uma das coxas, o lado interno do joelho e subindo novamente pela parte de dentro da coxa. A fruta passou brevemente pelo sexo de Deanie e seguiu para a outra coxa, recomeçando o mesmo percurso.

Deanie se preparava para sentir a frescura e a umidade da fruta no contorno de seu ponto mais íntimo, *mas*, quando chegava a hora, não acontecia. Rance ficou provocando o sexo de Deanie por longos segundos e só então abriu as pernas dela e enfiou superficialmente o pedaço do abacaxi por entre os lábios vaginais de Deanie. Uma carga elétrica inimaginável atíçou seus nervos e o corpo de Deanie se contorceu todo com a súbita, porém bem-vinda, pressão entre as pernas. Ele enfiou o pedaço um pouco mais.

— Mas você é linda demais! — ele murmurou. As palavras saíram com uma voz rouca e aveludada. — Tão linda!

Um calor estranho tomou seu peito e ela sentiu um súbito impulso de abraçá-lo, beijá-lo, amá-lo.

Bastou que aquele pensamento perturbador passasse pela cabeça para que Rance o apagasse na mesma hora, com um beijo molhado e selvagem na boca de Deanie. A língua era atrevida e provocante e aguçava ainda mais a ansiedade de Deanie que não via a hora de ver Rance levar a boca para onde tinha introduzido o pedaço do abacaxi.

Ele lambeu e chupou o pescoço, depois a garganta, descendo até entre os seios. A língua entrava e saía, atijando um dos bicos. Após alguns segundos, Rance colocou todo o mamilo na boca, chupando e lambendo. Trocou de lado torturando-a de volúpia.

Apesar da venda, Deanie era capaz de ver pequenas luzes brilhando a sua frente. A respiração estava entrecortada e hesitante. Os joelhos tremiam e o resto do corpo se contorcia, apertando ainda mais o pedaço de abacaxi que ele voltava a empurrar para dentro dela.

Ela levou as mãos até o cabelo de Rance, enquanto ele se encaminhava, com a boca, para a parte de baixo do corpo dela.

Lambeu seu umbigo e seguiu o mesmo percurso que o pedaço de abacaxi. De uma coxa a outra, passando pela linha divisória das pernas, onde Deanie fervia de desejo.

Mais uma vez, para outra coxa e... Sim!

Os lábios de Rance roçaram pelo clitóris e o desejo explodiu dentro de Deanie. As costas se arquearam e ela teria caído da mesa se ele não a houvesse puxado pelas coxas até a beirada do tampo, para bem junto dele. Com a língua, ele explorou sua feminilidade, lambendo tudo como se fosse uma fruta apetitosa com muitas camadas e que o melhor estava no centro.

Saboreou-a com vontade. Ao mesmo tempo em que sentia a umidade da boca e da língua de Rance, também podia sentir o pedaço do abacaxi que permanecia ali. Ele lambia o sexo de Deanie e a fruta ao mesmo tempo.

As luzes agora brilhavam e dançavam freneticamente até que, enfim, pareciam colidir em uma única e brilhante explosão de luz.

O clímax a atingiu em cheio. O corpo teve uma reação tão impetuosa e descontrolada que chegou a assustá-la. A sensação era de extremo deleite.

Enquanto tremia e se sacudia devido à intensidade do melhor orgasmo que já

havia tido nada vida, a fome nua e crua se refletia no olhar de Rance, juntamente com uma luz dura e possessiva que ela nunca havia visto antes.

Como se ele houvesse se dado conta de que ela era dele e que nunca a deixaria.

Durante todo o tempo que conviveram, crescendo juntos, ele nunca havia considerado que ela poderia ser sua mulher.

Certamente, não iria começar a considerar tal possibilidade em algumas horas. Deanie sabia que a atração que Rance estava sentindo por ela não tinha nada a ver com a súbita descoberta de novos sentimentos, e sim com o fato de que ela havia passado por uma transformação e se tornado uma mulher mais atraente e interessante.

Ele a desejava, sim, mas não do jeito que ela gostaria — a longo prazo. De qualquer forma, o que quer que ele sentisse era pela nova Deanie, uma versão sexy e ultrafeminina que ela tentava manter a todo custo. Ele não desejava a Deanie original.

Ela tentou conter sua frustração. *Sexo*, mentalizou para si mesma. *Apenas dezesseis horas, teria que esperar*, pensou. Aproveitaria as tentações da carne e não se apaixonaria novamente.

O problema era que Deanie estava começando a se dar conta de que nunca havia deixado de estar apaixonado por Rance.

E, quanto mais tempo passava com ele, era mais difícil controlar seus impulsos. Ficava mais difícil não tirar a roupa e se oferecer para ele. Cometer o mesmo erro novamente. Difícil, mas não impossível.

CAPÍTULO DEZ

Não ia tocar em um só fio de cabelo dela.

Race se fez tal promessa enquanto caminhava com Deanie de volta para o quarto de hotel depois do jantar no restaurante. Ela estava tão próxima! Em seu rosto, via-se uma expressão estranha.

Como se não conseguisse acreditar no que havia acontecido. E no que estava acontecendo.

Ele não a culpava. O coração estava acelerado e a respiração ofegante. Caminhava rapidamente para disfarçar o nervosismo. O gosto de Deanie, maduro e doce como uma fruta no ponto para ser comida, permanecia forte em sua língua. Os sentidos ainda estavam impregnados do perfume delicioso dela. Não conseguia apagar a imagem sensual de Deanie nua. Ainda sentia o sexo dela em sua boca.

Os gemidos ecoavam em sua mente e faziam o sangue pulsar com mais força e mais rapidez por todo o corpo

Mas não era a memória do que tinha acontecido que afetada seu autocontrole e o obrigava a ter um esforço sobre-humano para manter a distância de Deanie.

Em o desejo que sentia. A voracidade com que queria penetrá-la, estar dentro dela e sentir a contração quente e úmida de Deanie.

Queria fitá-la bem nos olhos e ver o desejo refletido neles. Sem cortinas ou máscaras para escondê-lo.

Nada de workshops para desculpar o incêndio que os queimava por dentro. Nada além dos dois se beijando, se tocando, se amando.

Lá estava aquela palavra novamente, provocando e o atormentando, enquanto Rance observava Deanie ao seu lado no elevador.

Ela mordeu o lábio inferior. As bochechas ainda estavam coradas e os olhos, de azul intenso, brilhavam de excitação e lascívia.

Ele agora a estudava minuciosamente, contemplando a possibilidade de que talvez amasse Deanie Codge. Seria realmente possível que tivesse se apaixonado por ela? De maneira tão forte e fulminante que não houvesse jeito de voltar atrás? Não, não podia ser, lhe dizia a razão. Ao mesmo tempo, o que sentia por ela era poderoso e especial demais para que fosse traduzido apenas como luxúria ou atração física. E queria que ela sentisse o mesmo por ele.

É apenas o seu ego, companheiro, seu orgulho. Era o que dizia para si mesmo no início.

Mas a verdade era que não dava a mínima para seu orgulho, naquele momento. Afinal, estava muito perto de erguê-la contra a parede do elevador e, finalmente,

penetrá-la com vontade e firmeza.

A única coisa que o detinha eram o olhar e a expressão de Deanie que mesclavam desejo veemente e impaciente com arrependimento.

Deanie tinha medo dele, pura e simplesmente. Estava claro.

Não de modo físico, mas sim emocionalmente.

Por essa razão, havia deixado que ele a tocasse, mais cedo, na piscina. Porque havia ficado de costas o tempo todo e não tivera que olhar para ele e assim revelar suas emoções nem ver o sentimento refletido no olhar de Rance. Sempre que estavam cara-a-cara, ela se acanhava, ficava assustada. Devia ter sido por esse motivo que o tinha jogado na piscina, pensou ele.

Naquela noite, ela levava uma armadura para protegê-la.

Não parecia amedrontada com a química explosiva que existia entre os dois. No entanto, parecia assustada com o que sentia por ele. Na verdade, a química era explosiva por causa dos sentimentos que ela nutria por ele. Porque esses sentimentos eram mais profundos que a atração física.

A porta do elevador se abriu e os dois saíram. Os braços se roçaram quando ela passou pela porta, causando uma pequena, porém intensa, descarga elétrica em Rance. Cada músculo do corpo tensionou-se de imediato. Ansiava poder puxá-la para si, acomodá-la em seus braços e beijá-la até que todas as barreiras tivessem sido transpostas e ela não pudesse mais conseguir negar o que sentia por ele.

Não para inflar o ego de Rance, nada disso. Rance queria que ela admitisse, porque, pela primeira vez na vida, desejava mais de uma mulher do que apenas sexo. Desejava conquistar o coração dela.

Ele queria o amor de Deanie.

E?

E, por essa razão, ele não voltaria a tocá-la. Ou pressioná-la. Ou dar qualquer motivo para que ela quisesse se afastar dele.

O próximo passo teria que ser dela.

Se pelo menos pudesse voltar a tocá-lo! O pensamento desesperado não saía da cabeça de Deanie, enquanto tentava abrir a maldita porta com o cartão

magnético. Rance estava perto demais, o corpo quente dele quase a tocava. Ela não conseguia se concentrar, muito menos fazer algo que prestasse. O cartão entrava, mas a luz verde não acendia.

As mãos tremiam levemente. Tentou mais uma vez e nada.

— Não se fazem mais chaves como antigamente — ela resmungou ao ver que a luz vermelha continuava brilhante e acesa.

— Essas são mais seguras — respondeu Rance. Rance apertou a mão de Deanie que segurava ao cartão e passou-o novamente. A luz verde piscou no mesmo instante. Ela pegou na maçaneta e abriu a porta.

O estômago contraiu-se quando entrou no quarto. Havia uma pequena divisória como se fossem dois em um. Rance tinha achado melhor pegar o quarto menor para não pressionar Deanie. Ela havia ficado com a suíte. Entrou no quarto, virou-se para ele e tentou disfarçar o nervosismo.

— Obrigada pela noite maravilhosa. — *E por ter me proporcionado o orgasmo mais incrível da minha vida, Pensou.*

As bochechas queimaram só de lembrar. Lambeu os lábios e ele acompanhou o ato com os olhos. Estavam escuros e enigmáticos. Ela sabia que não devia se demorar muito naqueles olhos ou poria tudo a perder e esqueceria da promessa que havia feito a si mesma.

Tinha que provocá-lo, fazer com que ele tomasse a iniciativa, pois, apesar da vontade de se jogar em cima dele, não faria isso novamente de jeito nenhum.

— Nos vemos mais tarde, então. Vou dar uma volta por aí. Estou sem sono.

— Espere — disse ela, de repente. Apoiou-se na porta e tentou uma pose sexy.

— Gostei muito do jantar. — A intenção tinha sido fazer uma voz rouca e sensual, mas as palavras acabaram saindo como se tivessem sido ditas por alguém com laringite. Limpou a garganta e disfarçou.

— Acho que nunca estive em um lugar tão bonito e impressionante.

Passou a mão pelo cabelo e olhou para o chão como se buscasse o momento ideal para escapar.

— É, o lugar é bem impressionante, mesmo.

— Mas você, realmente, foi a grande surpresa.

A declaração de Deanie chamou a atenção de Rance.

— Sinto que estou aprendendo muito. — Respirou fundo e estufou o peito sutilmente. O decote do vestido ficou mais apertado e os bicos dos seios marcaram o tecido. Rance, no entanto, permaneceu focado no rosto dela. Olhava-a bem nos olhos, tentando decifrar aquela repentina sinceridade.

Ignorou o medo que a consumia. Não estava pondo o orgulho de lado para ceder aos desejos da carne e pular em cima dele. Estava utilizando-se dos recém-descobertos atrativos femininos para fazer com que ele cedesse aos instintos da carne e a possuísse.

— Qual a próxima lição? Já estou livre de minhas inibições. Aprendi a usar o ambiente ao meu redor e já descobri o poder do toque.

— Na próxima aula, faremos as zonas erógenas.

— Aqui, por exemplo? — Deanie tocou um dos bicos do seio, contornando-o com o dedo.

Custava a acreditar no que estava fazendo. Já havia se masturbado várias vezes e se tocado inúmeras outras. Porém, nunca na frente de alguém. Era a primeira vez que sentia vontade de ser vista naquela situação.

O maxilar de Rance estava tenso e os olhos cor de mel agora se voltavam exclusivamente para os seios dela. Foi para o outro seio e apertou eroticamente o bico.

— E aqui?

— É. — Ele estava rouco de desejo e parecia louco para tocá-la também.

Mas não o fez, para desespero de Deanie.

— Aqui também? Ela ia descendo a mão quando ele apanhou-a no ar. Antes que ela tivesse tempo de piscar, ele a agarrou. Os lábios dele tomaram os de Deanie, a língua penetrou fundo, explorando cada centímetro de sua boca. Ela correspondeu assim que o susto passou. A língua mexia ardentemente e ela retribuiu com o mesmo ardor.

Os dedos dos pés se contraíram, o sangue pulsava e um calor dormiente lhe invadiu o corpo, começando pelos lábios e se espalhando como um vírus capaz de

destruir tudo e derreter cada membro de Deanie. E foi o que ela fez. Derreteu-se nos braços de Rance.

Deslizou as mãos ao redor do pescoço dele, apertando-o contra si. Inclinou-se e encaixou o seu quadril nos dele.

O membro de Rance estava duro contra o sexo de Deanie. Os seios, excitados e sensíveis, imploravam para se livrar do vestido que os aprisionava, que os impedia de sentir o calor da pele de Rance.

Ele ardia de desejo.

A pele parecia pegar fogo em cada lugar que ele o tocava. A cada toque, Deanie sentia uma resposta viva e eletrizante do corpo de Rance.

Aquela sensação afetou os nervos e depois de uma breve tonteira, sentia-se vibrante e cheia de vigor como o homem que a tocava.

Ele pousou a palma da mão sobre a coluna dela, pressionando-a, enquanto a outra mão levantava a barra do vestido de Deanie e sentia a carne quente de sua coxa. Beijou-a e a tocou até que ela já não tivesse qualquer dúvida de que ele, realmente, a desejava tanto quanto ele a ela.

Deanie interrompeu o beijo apenas para sentir, com os lábios e a língua, o queixo, o pescoço de Rance, indo e voltando, lambendo-o por onde passava. Desceu mais um pouco até o peito de Rance, explorando o mamilo vigoroso e em seguida descendo ainda mais para o abdômen de Rance. Ele gemeu demorada e profundamente, mas baixinho. Deanie teve o impulso de se ajoelhar e acariciar com a boca o sexo de Rance, com a mesma dedicação e perfeição com que ele havia feito mais cedo com ela. Estava totalmente louca de desejo e não via a hora de sentir o membro delicioso e grosso que insistia em aparecer por debaixo da bermuda de Rance.

No entanto, a explosão de excitação a assustou. Era algo novo e perturbador. Deanie recuou tão logo resvalou a mão por dentro da bermuda dele. Ficou estática e atônita. Ele pegou na mão dela, como se pedisse que continuasse. E era o que ele queria: que ela tomasse a decisão por ele. A responsabilidade também. E a culpa.

Ele, no entanto, deixou cair a mão e, simplesmente, ficou observando-a por alguns momentos angustiantes. Olhos dourados e duros a examinavam com atenção,

enquanto aguardava que ela fizesse sua escolha e agisse. Ela também queria.

— Está ficando muito tarde — ela falou de repente. Retirou a mão da bermuda abruptamente e deu um passo atrás, apesar de o corpo pedir para ir na direção contrária e continuar o que estava fazendo. Voltar aos braços dele. De repente, o celular de Rance começou a tocar na cabeceira, onde ele o havia deixado.

A dor de ter sido rejeitada por ele antes e a lembrança das noites mal dormidas depois da partida de Rance a invadiram repentinamente. Voltou a se advertir que nunca mais iria querer sentir algo tão forte e intenso por alguém e lutou contra o desejo que a consumia por dentro.

O celular continuou tocando.

— É melhor você ir embora — disse a ela.

— Se é isso que quer. — Ele a fitava com intensidade, enquanto tocava-lhe o queixo. — É isso que quer, Deanie? O que realmente quer?

— É. — Naquele exato momento, era exatamente o que queria. Precisava que ele fosse embora antes que acabasse perdendo o controle sobre si mesma e se atilasse nos braços de Rance.

— Tudo bem. — No entanto, a resposta não soou nada convincente. Ele parecia contrariado e frustrado e, curiosamente, magoado. Inclinou-se, deu um singelo beijo em Deanie e foi embora.

E por que não se sentia melhor com a partida dele? Não estava nem perto de aliviada como havia imaginá-lo que estaria. Em vez disso, sentia-se solitária.

Mas não se deu a chance de refletir sobre o assunto. Tomou um banho frio, vestiu um conjunto de short e blusa de algodão para ficar bem confortável e se espreguiçou na cama. Era esse o momento de curtir e relaxar.

Pena que não conseguisse. Agora comia biscoitos de chocolate que tinha encontrado no mini-bar do quarto e via televisão.

Olhou para o controle remoto em um das mãos e o biscoito na outra. Mais uma sexta-feira à noite como muitas outras. Havia desperdiçado a oportunidade de ter tido um programa interessante e um orgasmo. E se comportava exatamente como a velha Deanie. A única diferença era que agora não apenas ela queria e desejava Rance. O sentimento era recíproco.

Caso conseguisse separar o ato sexual do emocional e mantivesse os sentimentos guardados em um lugar seguro, conseguiria, então, realmente desfrutar das próximas treze horas. Não?

Claro que sim.

Estava cansada de fantasiar e viver de ilusão. Queria o real, o homem de verdade, mesmo que fosse por pouco tempo.

No fundo, sabia que não importava para onde ela fosse ou o quanto se esforçasse ou quantos vestidos curtos vestisse, nunca encontraria um homem como Rance MacGraw.

Seu primeiro amor.

E último.

Ignorou a idéia e virou-se de lado na cama. Isso não tinha nada a ver com amor. Era apenas sexo. Puro e simples.

Deanie despiu o conjuntinho, voltou a vestir o vestido de verão, sem a calcinha, e buscou as sandálias. Olhou o relógio e experimentou uma onda de ansiedade que rapidamente a encheu de determinação.

Apanhou a chave do quarto, guardou-a no bolso e saiu em busca de Rance.

Deanie levou quase uma hora para encontrá-lo. Ele estava em um ponto deserto da praia, distante do hotel. Ao chegar lá, Deanie estava ofegante devido à caminhada. Havia percorrido todo o *resort* antes de encontrar a loura que os tinha levado até a cachoeira do restaurante. A menina, então, comentou que Rance havia ido na direção da praia. Ele vestia apenas uma bermuda e o chapéu de caubói.

Estavam à mostra o peito musculoso e os ombros largos. A camisa e os chinelos encontravam-se ao lado, na areia. Absorto em seus pensamentos, Rance jogava conchinhas nas ondas.

O silêncio era quebrado apenas pelo som do mar batendo na praia e pelo bater frenético do coração de Deanie.

Espantou todos os vestígios de dúvida que a importunavam e parou em frente a ele.

— Estive procurando você por toda a parte. O que está fazendo aqui?

Quando ele a olhou, a íris dourada brilhava ainda mais pela lua luminosa.

— Precisa de um pouco de ar fresco. E você? Não consegue dormir?

— Na verdade... — Ela fez uma pausa e reuniu as forças e a coragem que a tinham levado até lá. — Não consigo parar de pensar. Em você. — Deu um passo a mais na direção dele. — Em nós. — Ela se ajoelhou em frente a ele. — Nisso.

Inclinou-se e beijou-o, com suavidade, porém de forma intensa e vagarosa, acabando com qualquer dúvida que pudesse haver de que ela o queria mais do que tudo naquele momento.

Ele retribuiu o beijo, mas foi apenas isso. Não a tocou ou inclinou-se na direção dela. Foi então que Deanie murmurou.

— Quero você, agora, Rance.

E deu mais um beijo provocante e intenso nos lábios dele.

Esperou pelas mãos de Rance em sua cintura, apertando-a e a puxando contra ele, mas Rance não a tocava. E não parecia nem perto de fazê-lo.

Deanie precisava que ele a desejasse, que iniciasse os primeiros toques. Queria que fizesse a mesma oferta do passado. A oferta que ele tinha declinado na noite à beira do lago.

Sentia frio. As palmas das mãos tocaram os ombros nus de Rance. A pele dele estava quente, os músculos enrijecidos pela tensão sexual, enquanto esperava para descobrir o que ela faria em seguida.

Não tinha qualquer intenção de desapontá-lo.

Nem a si mesma.

Deanie lutou contra a última onda de medo que ainda restava no oceano de incertezas que era sua cabeça naquele instante.

E foi então que partiu para cima de Rance e montou sobre dele.

CAPITULO ONZE

Rance piscou, incrédulo. Deanie não desaparecia como em seus sonhos.

Porque o que vivia não era uma fantasia.

Ela era real. Estava ali, mesmo. Quente.

Sentou-se ao lado dele. A pele alva e macia estava iluminada pela luz do luar. Sacudiu o corpo e levantou o vestido até a cintura para que as pernas ficassem livres. Ela se esticou bem, afastou as pernas e se encaixou melhor em Rance. O sexo nu estava bem em cima do membro de Rance, duro sob a bermuda que o cobria. Ela ergueu os ombros, encarou-o e começou a esfregar seu corpo no dele.

Em seguida, inclinou a cabeça e fechou os olhos como se estivesse se concentrando para um ritual erótico. Rance fez o impossível para não agarrar aquelas coxas maravilhosas. Também queria tocar e excitar ainda mais o sexo selvagem e úmido dela, que molhava sua bermuda de gozo doce.

Mas Rance esperava por aquele momento desde a noite em que a viu nua nas margens do rio. Havia sonhado com isso várias vezes, e não ia apressar as coisas. Para quem já havia esperado tanto, não custava esperar mais um pouco. Apanhou um punhado de areia e se segurou, tentando controlar o tesão, enquanto ela se "aquecia".

— É tão bom estar com você.

Ela hesitou e o olhou nos olhos. Aquele olhar o incitava a tomá-la nos braços e mostrar que ele sentia o mesmo.

— Você também gosta de estar comigo?

— Querida, não sabe o quanto. — As palavras foram reconfortantes e ela sorriu. Um lindo flash de luz no meio da escuridão. O peito de Rance ficou apertado e a respiração lhe falhou.

— Você é tão linda, Deanie!

— Você também — ela murmurou, o sorriso fundindo-se em algo mais primitivo e determinado.

Ela continuou o movimento de cavalcada, esfregando-se nele para frente e para

trás, fazendo uma fricção deliciosa até que, finalmente, alcançou a braguilha da bermuda de Rance. Estava tão excitado que o zíper emperrou. Rance então pôs a mão por cima da de Deanie e deu a entender que resolveria o problema rapidamente. Levantou o quadril e juntos os dois retiraram o short sem precisar abrir o zíper. A ereção forte e abundante de Rance agora estava à mostra para ela, para a lua e para o mar.

Deanie não perdeu tempo. Com os dedos quentes e provocantes traçou as veias que saltavam do pênis ereto até chegar à ponta macia como seda.

Não havia visto muitos membros masculinos na vida, mas nenhum havia sido tão impressionante como o de Rance. Lindo, liso, grande, mas sem exagero e completamente excitado pelo toque dela. Ela circulou e massageou a cabeça do pênis e ele suspirou sofregamente. O som encheu-a de confiança e a encorajou a ir adiante. Envolveu o sexo todo de Rance com a mão e o masturbou. Rance arqueou as costas e gemeu. Os dedos afundaram na areia, como se quisessem agarrá-la, Mas ele não tocou em Deanie.

Ela agora olhava o abdômen rígido e o peito com pêlos na medida certa, macio e másculo. Voltou-se para o pescoço, os traços perfeitos do rosto, parcialmente cobertos pela sombra do chapéu de abas.

Ela tirou o chapéu e o deixou na areia. Queria ver bem os olhos cor de mel de Rance. E foi o que fez. Neles pôde ver o indubitável desejo que o atormentava. Porém, também podia ver uma ponta de incerteza. E de arrependimento.

— Desculpe por ter ido embora naquela noite. Nunca quis magoar você.

— Você fez a coisa certa. — As palavras saíram da boca de Deanie sem que tivesse tido tempo de pensar. Mas a verdade era que acreditava naquelas palavras, mesmo com toda a dor e sofrimento que elas significassem. — Na época não pensava assim, mas hoje entendo por que fez isso.

— Se a tivesse tocado, beijado, possuído, não teria tido coragem de ir embora. E precisava partir. Não podia ficar naquela cidade. Meu avô não me queria por perto e eu não podia continuar sentindo aquele tormento, o sentimento de rejeição. Doía demais ter que conviver com ele.

— Eu sei que tinha que ir embora.

Deanie sentiu as lágrimas ardendo no canto dos olhos e piscou, tentando contê-

las.

— Mas, na época, não conseguia aceitar a idéia de não ver você mais todos os dias. Era jovem e boba e me ofereci para você por um motivo equivocado.

Não que ela não o tivesse amado. Claro que tinha. Mas não havia se despedido porque estava louca para dar o próximo passo na sua jornada para a maturidade. Na verdade, havia sido um último esforço para manter Rance em sua vida.

— Fiz aquilo porque queria que você ficasse comigo. O olhar de Rance tornou-se mais claro, mais quente.

— E agora, por que está fazendo isso?

— Porque quero você, agora.

Antes que ela tivesse tempo de respirar, os lábios de Rance cobriu sua boca e a língua dele partiu seus lábios. O beijo parecia que não teria fim até que ele se afastou, deixando Deanie completamente sem fôlego. Lutou para respirar, enquanto ele enfiava as mãos nos bolsos à procura de algo. Retirou de um deles um pacote de camisinhas.

Segundos depois, vestia uma, cobrindo o pênis sempre ereto para, em seguida, agarrar Deanie pela cintura e trazê-la para mais perto.

Pressionou o membro duro entre as pernas dela. A sensação fez com que Deanie estremecesse dos pés ao último fio de cabelo. Os mamilos ficaram duros, marcando o fino tecido do vestido. As coxas tremiam de vontade.

Ele a beijou lentamente antes de voltar a se afastar. O olhar quente deteve-se no rosto doce e excitado de Deanie, enquanto erguia o quadril outra vez, pressionando o sexo.

No entanto, não era suficiente. Queria mais. Tinha que ir mais fundo. Ela apoiou as mãos no peito dele e se pôs de pé. Despiu-se completamente e jogou o vestido longe. Os seios ficaram arrepiados pela brisa fresca da noite.

Rance a observava como um lobo faminto à espreita da presa. Não havia qualquer dúvida de que a emoção dominava a íris alaranjada de seus olhos — uma mistura de voracidade e sentimento de posse que dizia a ela que, desta vez, ele não iria rejeitá-la.

Não era nenhuma idiota para acreditar que houvesse um "felizes para sempre"

naquela aventura entre ela e Rance. Hoje eram muito mais diferentes um do outro do que quando conviviam. Tinham vidas muito distintas e planos diferentes para o futuro. Nunca dariam certo juntos. No entanto, pensou ela, não ia preocupar-se com o amanhã, mas, sim, com o agora.

— Venha cá — ele murmurou roucamente.

A ansiedade arrepiou a espinha de Deanie e cada nervo de seu corpo eletrizou-se. Voltou a ficar por cima dele.

Esfregou o clitóris intumescido como um botão de rosa contra o sexo até encontrar a extremidade. Massageou de um lado ao outro, sentindo a pulsação de Rance sobre o ponto mais sensível de sua feminilidade. Gemeu quando ele mordeu levemente um dos bicos do seio. Ele mergulhou a boca no mamilo e chupou com tanta avidez que Deanie sentiu uma pressão entre as pernas.

Moveu-se um pouco mais para cima e pressionou a carne inchada entre as pernas contra a ereção de Rance, deixando que ele entrasse devagarinho. O movimento fez com que ele desse um gemido sequioso e deixasse escapar o mamilo dos lábios. Ela continuou o movimento para baixo, forçando deleitosamente a penetração. Quando sentiu que não agüentaria mais, afastou-se um pouco, porém, sem perder o contato com o sexo quente dele.

Rance a agarrou pela cintura e os dedos largos fixaram-se nas nádegas delas. Ele parecia determinado a puxá-la para baixo e penetrá-la com força.

Mas não o fez. Estava bem mais interativo, mas aquele era o momento dela e, obviamente, ele fazia questão que ela continuasse a dar as cartas e determinar o ritmo da viagem.

Deanie o beijou, chupando-lhe a língua da mesma forma que seu corpo se deliciava com a ponta do sexo de Rance. Ambos sabiam que não podiam agüentar nem mais um segundo com aquele jogo de provocações e tentações.

Pequenas contrações tensionaram a pele e os músculos de Deanie, quando deslizou seu corpo para baixo até sentir que ele estava completamente dentro dela. Ele pulsava ardentemente. Agarrou-a com força pela cintura e levantou-a para, em seguida, penetrá-la outra vez profundamente. A sensação do membro másculo e quente de Rance entrando em seu corpo por inteiro deixou Deanie sem fôlego por alguns segundos que pareceram intermináveis,

A pressão entre as pernas era, ao mesmo tempo, incisiva e doce. Mas não tão incisiva e doce quanto o aperto que sentia no peito quando ele a fitava, com um olhar forte e dominador; um olhar que revelava sentimento de posse, como se ele estivesse determinado a nunca deixá-la ir embora ou jamais abandoná-la.

Deanie afugentou a impressão que teve e buscou fixar a atenção no sexo duro de Rance excitando-a em um movimento circular. Enquanto ele movia a cintura circularmente, ela subia e descia, como se estivesse montando em um garanhão selvagem e indomável. O coração batia devido à palpitação acelerada e ao corpo entorpecido de emoção.

Ela se detinha no olhar de Rance a todo o instante, decidida a registrar cada expressão dele e guardar para sempre cada detalhe.

De repente, as emoções ficaram intensas e delirantes demais e Deanie chegou a achar que havia perdido os sentidos. A respiração estava falha e o coração ameaçava parar. Queria observar tudo, mas a única coisa que se via capaz de fazer, naquele instante, era entregar-se ao mundo dos sentidos.

Fechou os olhos e jogou a cabeça para trás.

O corpo liberou um líquido quente e erótico. Ao sentir o gozo de Deanie, Rance soltou um gemido. Os olhos ardiam, como um incêndio sem controle. Os músculos do pescoço estavam tensionados e, por mais uma e última vez, ele a segurou pelo quadril e aprofundou seu sexo faminto dentro dela, gozando em seguida.

Gozaram juntos. Segundos depois, ela desabava sobre ele, pousando a cabeça sobre o ombro dele, enquanto tentava recuperar o fôlego. Os braços de Rance cingiram-na com ardor. Uma das mãos tocava suas costas e a outra sua nádega. Aos poucos, o coração de Deanie foi voltando ao normal.

Curiosamente, foi esse o momento tranquilizador e aconchegante que permaneceu em sua mente, bem depois, quando Rance já a tinha ajudado a se levantar e se vestir, guiando-a, em seguida, para o quarto do hotel. O orgasmo havia sido um verdadeiro terremoto de emoções. Mas o que veio depois iria representar uma mudança radical em sua vida.

Porque Deanie nunca havia se sentido tão bonita, desejada e amada como quando Rance a abraçou na praia enluarada ao som das ondas do mar. Não queria acreditar, mas uma voz em seu interior lhe dizia que nunca mais experimentaria

algo parecido com outro homem. De qualquer forma, não iria ficar se preocupando com o futuro. O que tinha a fazer agora era aproveitar ao máximo as próximas horas e depois guardar na memória as lembranças daquele momento. Lembranças que iriam alimentar seus sonhos para o resto da vida.

Mal abriu a porta do quarto e Deanie empurrou Rance contra a parede mais próxima, ajoelhou-se e abaixou a bermuda dele. A porta se fechou e o quarto ficou às escuras. A única luz quebrando a penumbra do lugar vinha das frestas da persiana da varanda.

Rance queria mais luz. Queria poder enxergar cada detalhe do corpo e da expressão de Deanie. Cada reação, cada gesto.

Tateou a parede até encontrar um interruptor. A lâmpada da mesinha de cabeceira acendeu. O telefone ao lado piscava, mostrando que havia mensagens de voz. *Só podia ser Shank*, pensou Rance, com sentimento de culpa. Com certeza, o sócio o estava lembrando do dia seguinte. O vôo para a Austrália sairia ao meio-dia. Tinha que ligar de volta e confirmar tudo. Não podia deixar a empresa na mão. Mesmo que estivesse louco de vontade de jogar tudo para o alto.

A promessa de que ligaria para Shank assim que acordasse foi apagada da memória, pois sua atenção estava completamente voltada para Deanie.

Ela não se agüentava de ansiedade. Já havia desabo-toado a bermuda e aberto o zíper.

O pênis endurecido de Rance logo ficou à mostra. Com uma das mãos, Deanie começou a masturbá-lo. Sorriu para ele e trocou a mão pela boca, chupando-o e o lambendo como um sorvete irresistível.

Rance estava pegando fogo por dentro. Ela o estava enlouquecendo. Nunca uma mulher tinha conseguido deixá-lo tão fora de controle em tão pouco tempo. Ele agora era um vulcão em erupção...

— Não! — Ele grunhiu e contraiu o corpo todo, esticando a coluna para trás.

Estava pronto para se deixar levar, mas Rance relutava, buscava o que ainda lhe restava de força para resistir. Afastou-a um pouco e a encarou.

Ela não desviou o olhar, que era ardente e luminoso e espelhava o desespero que o próprio Rance estava sentindo naquele momento. No entanto, havia algo mais se escondendo no canto daqueles olhos. Era a insegurança que ela tentava camuflar

com tanto esforço. Apesar da maquiagem, da roupa nova e dos sapatos altos. A ingenuidade doce permanecia lá, porque ela continuava lá, mesmo que nos bastidores.

A Deanie de sempre. Desesperada e incorrigivelmente apaixonada por ele.

A conclusão caiu como um raio em sua cabeça e o coração esqueceu por um segundo que precisava continuar batendo.

Amanhã ela vai estar longe daqui e não há porcaria nenhuma que você possa fazer para mudar isso.

Droga. Poderia fazê-la mudar de idéia se quisesse. No entanto, Rance também tinha seus próprios compromissos e problemas para resolver. Não podia abandonar tudo. Sabia disso, mas isso não o impediu de agarrá-la pelos braços e carregá-la no colo até o enorme banheiro.

Queria tocar cada centímetro daquele corpo sensual de formas e jeitos que nenhum homem jamais havia nem jamais iria tocar. Porque Deanie Codge era sua. Pelo menos naquela noite.

Sem dizer uma palavra, ele a guiou para o banheiro. Abriu a torneira do chuveiro e, logo, o vapor da água quente cobriu o mármore e o vidro do boxe. Mas o calor não chegou perto da temperatura que subia velozmente pelo corpo de Rance.

— Já estou bem excitada — disse ela, com um sorriso.

Ele sorriu também.

— Ainda temos uma aula faltando — lembrou, enquanto tocava provocadoramente a alça do vestido de Deanie. — Como já deve saber, o corpo feminino tem várias zonas erógenas.

— E você sabe disso, porque tem uma vasta experiência, não é?

— Por isso também. E porque li a descrição do curso na internet. Eles dão vários exemplos.

Ele sabia que ela provavelmente havia lido o mesmo texto, mas Deanie entrou no jogo e se fez de ingênua. Ergueu uma das sobrancelhas.

— Me dê um exemplo.

— Seu pescoço é um exemplo de como começar. Ele soltou a alça do vestido e o

abaixou até a cintura

de Deanie, expondo os seios fartos e os mamilos levemente avermelhados. Ele não deixou de fitá-la bem nos olhos por um segundo sequer, enquanto acariciava o pescoço e ombros dela. Ela estremeceu de excitação.

— O que mais?

— Bem, existem os locais mais conhecidos pela sensibilidade aguçada.

Ele apertou sensualmente o bico do peito dela e Deanie emitiu um gemido curto. Rance apalpou um dos seios e o lambeu com vontade. Enquanto a lambia descia o vestido dela todo, deixando-a completamente nua.

— Também há os pontos não tão óbvios.

Ele se ajoelhou, então, e tirou as sandálias de Deanie.

— Pode acreditar, os pés estão cheios de nervos que podem proporcionar muito prazer se acariciados no lugar certo.

Começou a massagear os dedos e terminou no calcanhar.

— Acho muito gostoso.

— Apenas gostoso? — Ele continuou seu caminho pelas panturrilhas, a parte de trás dos joelhos, as coxas.

— Já pensei em tocar você assim tantas vezes desde aquela noite no rio! — confessou Rance. — Tantas que já até perdi a conta.

— Também já pensei sobre isso.

Ele a olhou bem nos olhos. Eram cintilantemente azuis, cheios de desejo e uma dúzia de outras emoções que não conseguia nomear.

Queria saber no que ela estava pensando. Ler todos os pensamentos dela.

— Se estivesse sonhando, neste exato momento, que fantasia gostaria de sonhar? O que gostaria que acontecesse agora?

— Achei que fôssemos trabalhar as zonas erógenas. — Deanie fez cara de ingênua e safada ao mesmo tempo. Como uma Lolita sem vergonha.

— Confie em mim. Não vão faltar zonas erógenas nessa aula.

— E o que você vai fazer comigo?

— É você quem decide. — Ele a tocou no rosto com delicadeza. — Nos seus sonhos mais eróticos, qual a próxima etapa?

Ela não precisou pensar muito sobre a resposta.

— Você me pega no colo e me leva para o chuveiro. A gente se ensaboa e se beija. Ou se beija e depois se ensaboa. Ou os dois.

Rance lhe lançou um sorriso malicioso e sexy que a fez corar.

— Vou ver o que posso fazer.

Ele fez exatamente o que ela havia descrito: pegou-a no colo e entrou no chuveiro. A porta se fechou e o vapor os envolveu.

A água quente bateu nas costas de Rance. Ao colocá-la no chão, desfrutou do corpo nu de Deanie deslizando sobre o seu.

— Vire-se.

Ela o olhou de cima a baixo. Os ombros largos e o peito musculoso eram uma visão do paraíso. Uma relva escura de pêlos formava o caminho da felicidade que ia descendo desde os mamilos, formando um "v", passando pelo abdômen definido até desembocar no sexo rijo e lascivo.

As pernas estavam levemente separadas, os músculos das pernas, também cobertos por uma suave camada de pêlos, estavam tensionados, definindo deliciosamente as coxas naturalmente musculosas por anos de esporte e atividades físicas. Deanie ergueu o olhar para o rosto de Rance e lá encontrou o mesmo olhar sedutor e paralisante.

Não se moveu, apenas observou-o apanhar o sabonete. Esfregou-o entre as mãos largas.

— Vire-se — disse ele outra vez.

Desta vez, obedeceu e ele ficou atrás dela.

Abraçando-a por trás, ele espalhou com as mãos morenas e experientes o líquido branco pelo ventre alvo de Deanie. Em seguida, apanhou um seio em cada mão e acariciou os mamilos. Deanie soltou um gemido curto.

— Viu? Disse que não íamos esquecer as zonas erógenas. — Ele apertou com os dedos polegares e indicadores os bicos, suavemente, porém com força o

suficiente para fazê-la estremecer de excitação.

Rance fez uma pausa apenas para voltar a pegar o sabão. Desta vez, não o espalhou nas mãos, mas, sim, o passou inteiro pela barriga de Deanie, descendo até o sexo.

— Você é tão macia e gostosa! — ele murmurou, a voz era carregada de vontade. O pênis endurecido tocava intimamente o bumbum dela. Massageou-a em movimentos circulares com a barra do sabonete e, em seguida, foi para entre as coxas de Deanie.

— Abra as pernas para mim. — Ela obedeceu na mesma hora, abrindo-se para que ele tivesse um acesso Privilegiado aos seus lábios internos. O sabão deslizou com brandura pelas camadas escondidas por entre as pernas de Deanie. Um prazer intenso correu por ela.

— É isso o que acontece na sua fantasia sexual?

— Não. É muito melhor que a fantasia. Mais doce. Mais audacioso. Muito mais intenso.

Ele a ensaboou dos pés à cabeça, dando especial atenção aos pontos mais sensíveis e erógenos. Todo o corpo de Deanie estremeceu como se tivesse sofrendo uma descarga elétrica de alta voltagem. Virou-se e o abraçou, desesperada por sentir Rance por inteiro.

Tocou tudo o que podia, deslizou as mãos pelas largas costas, pela cintura definida e pelo bumbum musculoso dele. Quando tocou e apalpou seus membros, Rance grunhiu.

Ele se virou e fechou a água. Apanhou uma toalha e envolveu Deanie como se embrulhasse um presente. Depois, se enxugou e jogou a toalha no chão. Sem perder tempo, abraçou-a, apertando o membro enrijecido contra o ventre dela e devorando-a com um beijo sôfrego e sensual.

Ele a levantou, agarrando-a pelas nádegas. Deanie entrelaçou as pernas ao redor da cintura de Rance e contornou o pescoço dele com os braços. A carne dura e pulsante dele roçou sobre a área sensível, entre as pernas de Deanie. Ele passou toda sua extremidade ereta pelos lábios inchados e sedentos que protegiam o botão mais íntimo de Deanie. Indo e voltando. Com ela no colo, saiu do chuveiro.

Continuou a beijá-la, enquanto a carregava do banheiro para o quarto. Lá,

acomodou-a na cama gigantesca.

Ele, então, contornou a cama e apanhou a bermuda no chão. Os ombros arquearam-se e os músculos ficaram rijos, quando se inclinou e apanhou uma camisinha no bolso. Voltou para a beirada da cama, onde Deanie estava e subiu por cima dela. Segundos depois, já havia colocado a camisinha sobre o membro másculo, com uma rapidez que impressionou Deanie.

No instante seguinte, ele estava exatamente onde ela queria: entre suas pernas, com o peso todo sobre ela. O sexo maravilhoso a penetrou como se nunca houvesse saído, como se o interior de Deanie fosse seu habitat natural. A carne úmida e íntima de Deanie pulsou de prazer, fazendo-a gemer, tremer. As costas se arquearam, devido à descarga elétrica que passou por sua espinha. Rance deslizou as mãos por debaixo dela, agarrou-a pelas nádegas e apertou-a ainda mais contra si.

A sensação deslumbrante deixou-a arrepiado e foi potencializada quando ela o tocou. Depois, puxou-o para mais perto, como se quisesse que ele a penetrasse ainda mais.

Como provocação, ele ameaçou sair e o corpo dela agitou-se. Mas não saiu completamente. Apenas se afastou para entrar com mais pressão e intensidade. E assim o fez repetidas vezes, como se estivesse em um balanço, em câmera lenta. Enquanto a possuía, com os dedos da mão direita foi até o clitóris rijo e vermelho e o excitou e atigou até que, finalmente, Deanie chegou ao seu limite e ao clímax. O corpo era puro espasmo.

Gemeu e gritou o nome de Rance, cravando as unhas na pele e músculos dele, enquanto sentia a onda de êxtase devastando-a, lavando todo o seu corpo. Foi um verdadeiro dilúvio de emoções, uma tempestade que inundou seus sentidos e a deixou flutuando.

Abriu os olhos e encontrou os de Rance ainda sobre ela, fitando-a intensamente. Aquele olhar tocou em cheio o coração de Deanie.

Quando ela lhe sorriu, Rance, então, se entregou ao êxtase e a penetrou uma última vez, liberando seu líquido dentro dela. Com movimentos espasmódicos, todos os músculos do corpo ficaram rígidos e Rance liberou um gemido rouco e selvagem que ecoou por todo o ambiente e encheu Deanie de plenitude e

satisfação.

Ele se virou, deitando-se ao lado dela, porém, sem perder o contato íntimo com Deanie. Abraçou-a, acomodando-se para que ela apoiasse a cabeça sobre seu ombro. Mãos largas acariciavam-lhe as costas, de um jeito tão terno e envolvente que emocionou Deanie a ponto de deixá-la com os olhos cheios d'água.

Mas não chorou. Haveria bastante tempo para isso, no dia seguinte, quando teria de dizer adeus e se separar de Rance.

Por enquanto, apegou-se a alegria do momento, ao frenesi e à plenitude de se sentir a mulher mais especial do mundo. E concentrou-se no homem ao lado dela. Ou melhor, debaixo dela. Sentiu intensamente o calor do pescoço de Rance sobre sua face, o bater do coração pulsando sobre seu peito e os braços fortes dele que a envolviam com solidez como um cadeado protegendo algo bem valioso.

Iria desfrutar daquele homem, naquele momento, como se cada segundo fosse uma fração de eternidade, e, quando acabasse, permaneceria para sempre. Mesmo que em sua memória.

O sol estava nascendo, quando Rance abriu os olhos. Sentiu o calor de Deanie ao seu lado. Os dois estavam deitados em conchinha, e o bumbum dela estava aconchegado contra seu quadril, as costas tocavam-lhe o peito e os braços de Rance envolviam-na, na altura dos seios. Ela suspirou, recolhendo-se ainda mais contra o corpo de Rance, como se fosse um filhote de passarinho, quente e seguro, em seu ninho. O som de Deanie ecoou no cérebro de Rance e fez o sangue correr com mais rapidez e o coração bater mais forte. Os sentidos estavam à flor da pele devido à visão, ao som, ao sabor e à textura de Deanie.

Sentia-se vivo. Uma onda de pura satisfação o invadiu.

Era uma sensação nova, uma experiência nunca vivida. Com mulher alguma. Ou em nenhuma competição.

Droga!

Rance se desvencilhou, delicadamente, para que ela não acordasse e saiu da cama. Os músculos estavam doloridos e o seu membro ainda ereto pela lembrança da noite passada e do sexo magnífico.

Apesar do cansaço, queria mais. Muito mais.

O que estava acontecendo? Depois do sexo, ele achava que seria fácil tirá-la de seu sistema nervoso e da cabeça.

Passou a mão pelos cabelos e fixou o olhar naquela imagem de tirar o fôlego. Em seguida, olhou pela janela. O horizonte estava alaranjado pelos primeiros raios do sol e a água azul e límpida no oceano estava tranqüila, como se acordando com a luz da manhã. A praia estava praticamente deserta, não fosse por um grupo de jovens com pranchas no outro lado da marina.

Não tinha nenhuma vontade de sair daquela cama, de se afastar de Deanie. Queria abraçá-la inteira e beijar cada centímetro de seu corpo doce e excitante, até que ela acordasse e sorrisse para ele. Vestiu uma bermuda de praia e fez o possível para ignorar a imagem convidativa de Deanie encolhida entre os lençóis.

Ela se moveu e com ela os lençóis, deixando à mostra a cintura harmoniosa e os seios alvos e duros, com mamilos rosados como botões de rosa. Os cabelos brilhantemente escuros se espalhavam pelo travesseiro branco. Os olhos fechados deixavam a face de Deanie ainda mais serena. Os lábios estavam vermelhos e inchados por causa dos inúmeros e sôfregos beijos de Rance. Ela estava simplesmente linda e sensual naquela cama.

Rance tentou ignorar o magnetismo que ela lhe causava e vestiu a camiseta apressadamente. Buscou os chinelos e, então, fez a única coisa da qual Deanie Codge tinha medo. Foi embora.

— Eu disse que ele viria. — Erica sorriu para Rance quando o viu se aproximar do grupo no deque principal da praia. Todos os olhares se voltaram para ele e os sorrisos se formaram nos semblantes admirados e entusiasmados com a chegada de Rance.

— Essa é a Rachel e esse é o Buster. — Os amigos de Erica eram jovens como ela e tinham a aparência típica de esportistas radicais, com cortes de cabelo arrojados e múltiplos *piercings* espalhados pelo corpo.

— Aquelas são Carrie e Sue. — Ela apontou para duas mulheres com roupas de mergulho. Uma tinha o cabelo raspado e uma dúzia de brincos na orelha. A outra tinha várias pequenas trancas e um *piercing* brilhante no nariz.

— E esse é meu namorado, Zee — disse Érica, apontando para o jovem ao lado

dela: — É o melhor *wake-boarder* da ilha — continuou Erica. — Quer dizer, até você chegar — disse ela com uma risada brincalhona.

— É um prazer te conhecer, cara — disse Buster, aproximando-se. — Você é meu ídolo, irmão. Vi você mergulhando no meio daqueles tubarões no ano passado e quando improvisou naquela competição no Havaí, de esqui na água. Cara, irado. Maneiro demais.

— Não faltam tubarões nestas águas daqui — lembrou Zee, fechando o zíper de sua roupa de mergulho. — Volta e meia a gente dá de cara com um.

— Você arrebentou nas finais do *bungee jump* no Peru. — O comentário veio de uma mulher.

— Obrigado — agradeceu Rance.

— A gente vai ficar parado aqui no deque de papo furado ou vamos quebrar umas ondas? — interrompeu Zee, claramente incomodado e nem um pouco interessado nas histórias de Rance.

— Ele leva as ondas dele muito a sério — Erica disse a Rance assim que Zee se afastou para entrar no barco.

— E deve, mesmo. É o que faz de alguém um vencedor.

Pensou em Deanie, mas espantou a imagem dela da cabeça. Não podia arruinar anos de carreira, construídos com tanto esforço por causa de um momento de incerteza.

Rance concentrou-se em sua natureza competitiva e entrou no barco. Vestiu a roupa térmica que Erica havia separado para ele e foi para a cabine trocar-se. Minutos depois, estava pronto para mais uma aventura.

Sim, estava pronto, disse a si mesmo. Mesmo que a idéia de entrar em um barco e cair na água não incitasse um quarto do entusiasmo e da adrenalina que já havia sentido antes.

Estava exausto. Por uma boa razão, claro. As horas de amor com Deanie haviam sido incríveis. Porém, mesmo assim, estava exausto.

Quinze minutos depois, estavam em mar aberto, onde as enormes ondas se formavam.

Zee saltou do barco com sua prancha de *wakeboard*. Erica se posicionou no remo,

ligou o motor e a lancha começou seu percurso rumo ao mar aberto.

Atrás, Zee já estava a postos, com os pés encaixados na prancha, joelhos dobrados, braços tensionados e mãos firmes, segurando a corda que o ligava ao barco. Rapidamente, a lancha ganhou velocidade e a corda esticou-se com violência. As ondas batiam e sacudiam, assim como Zee.

A velocidade aumentou ainda mais e Zee entrou em ação.

Pulava e cortava as ondas como se brincasse em uma superfície de algodão. De repente, deu uma pirueta no ar e caiu paradinho em pé como se nunca houvesse saído do mar. Outra pirueta provou porque os nativos o consideravam o melhor da ilha. O rapaz parecia ter pés voadores. Era tão bom quanto Rance já havia sido um dia.

O pensamento recaiu sobre Rance, em um momento de lucidez única. Deu-se conta de que aquilo já não era para ele. Não era mais sua paixão. Talvez nunca tivesse sido. Não, com certeza, nunca havia sido, concluiu.

A verdade o atingiu em cheio, enquanto o barco diminuía a velocidade. Zee ergueu o braço em uma atitude de vitória antes de pular da prancha nas águas já calmas, perto da margem. O grupo gritava e assoviava em reverência ao amigo.

— Ele é bom, não é? — perguntou Erica ao parar a lancha ao lado do barco de Rance.

— Muito bom.

Rance olhou para o rapaz e de repente teve uma idéia louca.

Uma idéia radical que, em seguida, ignorou.

Zee voltou para o barco e olhou para Rance desafiadoramente, com um sorriso nos lábios.

— Não vai cair na água? Estamos loucos para ver você em ação. — Os olhos de Erica brilhavam de entusiasmo, enquanto convidava seu ídolo para a aventura.

— Prefiro ver vocês fazendo suas manobras. Não estou no clima hoje.

Nem hoje nem nunca mais. O coração já não batia mais por esportes daquele tipo. Talvez como hobby, de vez em quando, mas não mais como uma profissão. Como obrigação. A Austrália teria que esperar por ele sentada. O coração agora batia por Deanie. E sentia falta da torta de amora da tia Lurline. Precisava falar com o

parceiro e amigo o mais breve possível.

— Então é assim? Vai cair fora sem mais nem menos? — Shank perguntou quando Rance ligou um pouco mais tarde.

Passava das dez da manhã e Rance estava sentado no lobby do hotel de onde tentava, havia algumas horas, acertar os detalhes da idéia maluca que tinha tido mais cedo enquanto observava as manobras radicais de Zee e dos amigos.

Deanie devia estar ainda na cama, dormindo com um anjo, pensou.

Já havia subido ao apartamento para vê-la, depois de voltar do passeio com Erica e Zee. Estava ansioso para compartilhar com ela seus planos e devaneios, mas Deanie dormia tão tranqüila e relaxadamente que Rance não tinha tido coragem de acordá-la. Apenas ajeitou o lençol e a cobriu melhor, antes de beijá-la de leve no rosto e sair.

Teriam tempo de sobra para conversar, depois que eleja tivesse resolvido tudo.

— Não estou abandonando o barco — Rance respondeu ao parceiro. — Estou apenas deixando de ser o garoto-propaganda da Sonho Radical e deixando o controle da empresa todo para você. Eu serei apenas *m* um sócio minoritário e silencioso.

Ele abaixou o tom de voz, como se estivesse digerindo as próprias palavras. Ficou ainda mais sério.

— Não posso continuar, Shank. Não quero mais. Quero voltar para casa.

Houve silêncio na linha por alguns segundos e, então, Shank se pronunciou.

— Bem, já estava na hora, mesmo.

— Não vou deixar você na mão. Já arranjei um substituto à altura. Na verdade, um time inteiro. Como? O que foi que disse?

Rance estava tão frenético que não havia prestado completa atenção ao que o sócio havia dito.

— Disse que já era hora. Como sócio, acho que você é perfeito para os negócios. Mas como seu amigo, já perdi a conta de quantas vezes pensei em mandar você embora e arranjar outra pessoa. Meu velho, você estava ficando cada vez mais cabeça-dura e não sabia a hora de parar, de diminuir o ritmo.

— E por que nunca disse nada?

— Teria feito alguma diferença? — Sem esperar por uma resposta, Shank prosseguiu: — Se esquece de que conheço você há tempo demais? Agora, me conta sobre esse seu time dos sonhos que vai nos deixar ainda mais ricos.

Quando Deanie finalmente conseguiu abrir os olhos, a primeira coisa que viu foi um fio de luz solar atravessando o vidro da janela. As coxas estavam doloridas e os bicos do peito bastante sensíveis. Fez um certo esforço para conseguir se sentar na cama. Piscou os olhos para tentar acostumar-se a luminosidade do ambiente e então olhou o relógio na mesa de cabeceira. Ao lado, estava o chapéu de caubói de Rance. A noite anterior passou por sua cabeça como um trem a toda velocidade. As imagens vinham como um filme acelerado.

O coração estava acelerado devido às lembranças do sexo magnífico que tinha tido horas antes.

Deanie pulou para fora da cama e foi atrás das roupas espalhadas pelo chão. Afugentou as lágrimas e se esforçou para não perder o controle e se deixar levar pela emoção que ameaçava tomar conta. Não ia passar pela mesma situação outra vez.

Não ia se deixar abater. Nada de ficar se lamentando, sentindo pena de se mesma ou deixar que o coração se despedaçasse em mil pedacinhos. Desta vez, assegurou-se, o coração não estava afetado, comprometido com ninguém. A noite passada havia sido maravilhosa, mas tinha acabado. Ia ter que lidar com aquela realidade de forma madura, adulta. Ia se recompor e sair dali antes que Rance voltasse e tornasse as coisas ainda mais difíceis.

Quando ele a tocava, incitava memórias demais na cabeça de Deanie e a confundia, fazendo-a achar que estava voltando a se apaixonar por ele novamente.

Tinha que sair dali o mais rápido possível. Vestiu-se rapidamente e saiu apressadamente do quarto.

Ao apertar o botão para chamar o elevador, torceu Para que ao abrir das portas não se deparasse com Rance. Havia uma pessoa dentro do elevador, mas não era Rance. E sim um senhor completamente nu.

Rance nunca havia se sentido tão pleno e feliz em toda sua vida.

Havia desligado o telefone com o único corretor de imóveis de Romeo. Rance não apenas tinha encontrado a mulher dos seus sonhos, ou reencontrado, como também havia oferecido uma quantia exorbitante de dinheiro para o novo dono da arena de rodeios de Romeo e dado o primeiro passo de volta para casa.

Sentia uma onda de entusiasmo e excitação. Não via a hora de encontrar Deanie. Antes de subir para o quarto, passou pela loja de presentes para comprar algo para ela.

Quando estava entrando na loja, ouviu um grito. Ao se virar, viu uma mulher passar correndo a sua frente. Tinha os cabelos brancos e a pele pálida.

Muita pele branca.

Da cabeça aos pés. E pôde ver bem, pois ela estava completamente nua.

— É ela! — gritou alguém.

Uma meia dúzia de seguranças saiu correndo pelo corredor atrás da mulher, mas ela já não estava lá. Havia desaparecido pela porta de vidro.

Um dos seguranças chamou Rance para ser uma das testemunhas e o encaminhou para a sala de segurança

Ao abrir a porta da sala, deu de cara com Deanie.

— Deanie.

Ao ouvir o próprio nome, ela deu um pulo e os olhares dos dois se detiveram. Rance sentiu o pulso disparar e o coração bombear mais sangue do que o normal.

— O que está fazendo aqui? — ela perguntou.

— Vim fazer uma queixa sobre uma pessoa que quase me derrubou, correndo nua no lobby do hotel.

— Eu também vi o homem. Mas foi no elevador. Já dei a descrição dele para a polícia.

— Ele? Mas era uma mulher.

Na verdade, isso não tinha a menor importância. A única coisa que tinha importância naquele momento era a mulher parada à sua frente.

— Preciso muito falar com você.

— Será que podem deixar a conversa para depois? — O homem de rosto redondo e corpanzil o interrompeu. — Ainda tenho várias outras pessoas com quem falar.

— Um segundo — Rance disse ao homem. — É importante. Deanie. — Ele se virou para ela. — Sobre ontem à noite...

— É melhor você resolver isso logo — ela disse de forma alterada. — Quanto mais rápido pegarem esse homem, melhor para todos.

— Homem? É uma mulher, querida.

— Não importa, é melhor você ir logo terminar o que veio fazer.

— Mas é que queria dizer que...

— Conversamos mais tarde — ela o interrompeu. — Também preciso ir. Tenho algumas coisas para resolver.

Ela passou rapidamente por ele e foi para o elevador.

— Me encontra no quarto do hotel.

Ela não respondeu nem olhou para trás.

Uma sensação estranha embrulhou o estômago de Rance. Sentiu uma vontade louca de sair correndo atrás de Deanie, envolvê-la nos braços e dar um beijo delicioso de despedida naqueles lábios tão doces e deliciosos.

Mas aquele não era um momento de adeus. Rance McGraw não ia a lugar nenhum, exceto de volta para casa, e levaria Deanie Codge com ele.

Depois da noite passada, já não tinha dúvidas de que ela ainda nutria sentimentos fortes por ele. E, agora, ela sabia que ele a queria também. Bastava que acertassem alguns detalhes e esclarecessem algumas dúvidas e mal entendidos.

Deanie estava sendo consumida pela culpa. O coração havia quase saído pela boca ao esbarrar com Rance.

Bem, ela não havia dito exatamente que iria se encontrar com ele, lembrou, tentando se livrar do peso da consciência. Não havia dito nada, para ser mais exata. Apenas havia saído apressadamente, arrumado seus pertences e deixado o quarto como uma fugitiva. Fechou a conta do hotel antes que Rance tivesse tempo de sair da sala de segurança onde dava seu depoimento.

Covarde.

Podia ser. No entanto, preferia o termo precavida.

Olhou o relógio antes de verificar os arredores. Nada de Rance.

Apenas uma mulher que parecia muito triste e que, por acaso, era Savannah Sierra Ellington.

A jovem estava sentada no sofá do lobby. Os olhos estavam vermelhos e inchados. Pequenos respingos de rimei manchavam seu rosto.

— Savannah? — Deanie sentou-se ao lado dela. Ao fitar Deanie, os olhos azuis estavam úmidos. Ela

sorriu e esfregou o rosto nervosamente.

— Olá... Deanie, não é? Deanie concordou com a cabeça.

— Você está bem?

— Tudo ótimo.

Ela guardou o celular que estava segurando e apanhou um lenço de papel na bolsa.

— Estou apenas um pouco cansada.

— A noite foi agitada?

— Demais. — Ela pegou um estojo de maquiagem e o abriu. — É impressionante o que uma dúzia de margueritas e uma noite inteira dançando podem fazer com uma pessoa.

— Então quer dizer que se divertiu bastante?

— E por que não me divertiria? — Ela hesitou e se olhou no espelho. — Sou livre e desimpedida e dancei com um monte de homens ontem à noite. Certamente, não preciso do salafrário, insensível e infiel do meu namorado.

— O que cancelou o encontro com você na última hora?

— Esse mesmo. — A expressão do rosto mudou e ela ficou observando as mãos. — Na verdade, não foi na última hora. Ele não liga há duas semanas. Devia ter desconfiado que ele não estava nem aí para mim. Mas continuei me enganando, dizendo a mim mesma que ele estava apenas ocupado demais. No final das contas, ele era um idiota, mesmo.

— Sinto muito.

Ela deu de ombros e tentou sorrir.

— Que se dane, não é? O que vem fácil, vai fácil. Não vou deixar que estraguem minhas férias. Iguais a ele existem vários, iguais e melhores.

Esse era o problema, pensou Deanie ao ver Savannah apanhar um lenço de papel da bolsa, limpar as bochechas e se dirigir para o banheiro feminino. Havia homens idiotas e calhordas demais dando sopa, e Savannah acabaria encontrando outro igual antes que tivesse tempo de pedir outra taça de marguerita.

E esse outro a trataria mal também, porque era assim que ela esperava que fosse tratada. Apesar da atitude e segura de si, com suas roupas sensuais e olhares provocantes, Savannah não parecia se sentir assim por dentro.

Deanie podia ver a insegurança reinando nos olhos da loura e entendia perfeitamente, pois por muito tempo havia tido a mesma sensação de desconforto e até certo constrangimento.

Como se nunca fosse conseguir ser boa o bastante, bonita o bastante. Mulher o bastante.

— Seu táxi já chegou, senhora. — A voz do atendente trouxe Deanie de volta à realidade. Encaminhou-se para a portaria do hotel e outro funcionário lhe abriu a porta.

Um belo homem de uns sessenta anos, impecavelmente vestido, saiu do táxi que iria levá-la ao aeroporto e retirou da carteira um bolo de dinheiro. Retirou cem dólares e pediu ao taxista que guardasse o troco. Estava completamente distraído e apressado, pois se chocou contra Deanie.

— Perdoe-me! — ele exclamou.

A bolsa e sacola de roupas que ela havia comprado no dia anterior caíram no chão.

— Eu não a vi. — Ele se ajoelhou ao mesmo tempo em que Deanie e a ajudou a apanhar os pertences dela.

— Costumo ser mais cuidadoso, mas estou muito atrasado.

— Reunião de negócios? — perguntou Deanie, enquanto apanhava o porta-batom que havia caído da bolsa.

— Não, vou me encontrar com a mulher mais maravilhosa do mundo. E a mais paciente também. Juro, não mereço uma mulher como Mavoreen.

— Mavoreen Rosenbaum? — Quando ele fez que sim com a cabeça, Deanie arregalou os olhos. — Você é o milionário!

Os olhos dele brilharam.

— Você a conhece?

— Nos conhecemos no avião.

— E ela falou de mim?

Deanie fez um gesto confirmando a pergunta e ele sorriu.

— Ela não é uma mulher extraordinária?

— Mavoreen?

Ele a olhava com seriedade.

— Sei que não é a mulher mais linda do mundo à primeira vista, mas é autoconfiante e cheia de vida. Sabe, já namorei modelos. Atrizes. Mulheres ricas que não dispensavam os melhores cirurgiões plásticos. Todas eram muito bonitas, mas tinham pouco a me acrescentar. Mavoreen é tão interessante que acaba se tornando linda. Ele sacudiu a cabeça, como se lembrasse de algo.

— Preciso ir. Não quero deixá-la esperando. Escrevi um poema inspirado nela e não vejo a hora de ler para ela.

Deanie sorria enquanto observava o homem se afastando até desaparecer por um dos corredores do hotel.

Pelo visto, Mavoreen não era nenhuma louca, afinal de contas.

— Está pronta senhora?

Deanie se virou, viu que o taxista falava com ela e entrou no táxi.

O desconforto que Rance havia sentido permaneceu com ele enquanto dava o depoimento ao responsável pela segurança do hotel e recebia inúmeras ligações de Shank e do corretor de imóveis. Demorou meia hora para resolver tudo e voltar para o quarto do hotel. Cada minuto havia passado de forma angustiante,

pois não via a hora de olhar o rostinho lindo de Deanie e beijar aquela boca suculenta.

— Feliz Dia dos Namorados! — disse em voz alta ao abrir a porta do quarto.

Ao entrar, viu que se encontrava só. O quarto estava friamente vazio.

O chapéu permanecia na mesinha de cabeceira ao lado da cama. Rance deixou o buquê de rosas que havia comprado sobre os lençóis ainda bagunçados. A imagem dos braços sedosos e as pernas longas de Deanie enroscadas sobre ele permaneciam vivida na mente de Rance. O calor lhe subiu pelo corpo, mas não foi suficiente para aquecer o estômago que ainda sentia calafrios pela certeza de que ela não estava lá esperando por ele.

Rance se virou e voltou a olhar ao redor do quarto, recusando-se a acreditar no óbvio.

Ela havia ido embora. Talvez não. Talvez ela esteja no quarto esperando por você, pensou Rance.

No entanto, ele já sabia que ela tinha ido embora mesmo antes de ligar para a recepção do hotel. Algo instintivo que vinha direto do coração chegou a apertar a garganta de Rance. A solidão invadiu seu ser em cheio.

— Ela acabou de partir, sr. McGraw — informou o recepcionista. — Acabei de deixá-la no táxi. Deve estar na metade do caminho para o aeroporto.

Rance pôs o telefone lentamente no gancho. Sentia os braços e o corpo pesados, como se tivesse perdido todas as forças. Tentou engolir a saliva, mas a garganta estava apertada, como se um nó a estivesse obstruindo. O estômago, agora, doía e o ar lhe faltava. Pela primeira vez, entendia como Deanie havia se sentido quando ele a deixou para trás.

Sentiu a mesma dor e o mesmo desapontamento. Foi como se houvessem tirado uma venda de seus olhos, como se enxergasse com clareza como nunca antes. O coração batia acelerado a cada constatação dos erros cometidos com Deanie. E, então, ele fez algo que ela não havia feito durante todos esses anos, nas vezes que o tinha visto partir: foi atrás dela.

CAPÍTULO TREZE

— Aonde vai? — Rance a interpelou no mesmo instante em que Deanie apanhava o cartão de embarque no *check in*.

— Para E.D.E.N., como havia planejado. — Ela não se deteve e continuou seu caminho até o portão de embarque.

O aeroporto era bem pequeno e o avião se encontrava a poucos metros de onde os dois estavam. Ele a seguiu e ninguém o deteve. Não havia muita segurança no local. As escadas do avião foram acopladas à única entrada da aeronave, a porta se abriu e as pessoas começaram a subir. O vôo fazia conexão em Éden e, então, seguia rumo a Miami.

— Deanie. — Seu nome soou em seu ouvido um segundo antes que Rance a tomasse firme pelo braço e a fizesse se virar para ele. — Pare! Apenas pare um momento, por favor.

— Não posso. — Ela fez de tudo para desviar o olhar, focar em qualquer lugar apenas para não ter que enfrentar os olhos avassaladores de Rance. — Já estão embarcando.

Rance emoldurou o rosto dela com as mãos.

— Precisamos conversar. — Em seus olhos, ela podia ver determinação e outro elemento que não conseguiu identificar.

Algo que lembrava sentimento de posse e...

Não.

Não poderia ser.

Deanie lutou contra a esperança que florescia por dentro. Preferiu aferrar-se à raiva e à humilhação que havia sentido no dia em que Rance encheu a caçamba da velha caminhonete de Clay, entrou no banco do carona e partiu, com apenas um olhar de relance para trás.

O irmão de Deanie havia levado Rance ao aeroporto naquele mesmo dia. De lá, um avião o levava para o Texas, onde tinha conseguido uma bolsa na universidade pelo ótimo desempenho no futebol americano.

Ela presenciou tudo. Viu a caminhonete desaparecendo entre a fumaça de poeira até sumir no horizonte. Deanie havia chorado tanto que o rosto ficou inchado durante dias.

O coração havia sofrido por muito tempo. E agora sentia como se nunca tivesse cessado de sofrer.

Porque havia permitido, culpou-se.

Havia oferecido o corpo na noite passada, mas o coração continuava sendo apenas seu e pretendia conservá-lo desta forma. Iria lutar para que continuasse assim.

— Rance, não precisa se preocupar comigo. Já estou bem grandinha. Sei que o que aconteceu ontem foi apenas sexo.

— Tudo bem, foi apenas sexo. — Ele afastou as mãos do rosto de Deanie para apanhar a mão que ela tinha livre. — Mas foi o sexo mais incrível da minha vida.

— E o que quer dizer com isso?

— Você não pode pegar esse avião.

Ela ia protestar e ele a tomou pelas mãos entrelaçando seus dedos nos dela. — Não precisa desse tal de acampamento E.D.E.N.. Você já é sexy, linda e desejável o suficiente. As últimas vinte quatro horas foram uma boa prova do que estou falando.

— Pode ser, mas as vinte e quatro horas acabaram. Você continua sua vida e eu com a minha. Não era isso que tinha em mente ontem?

— Sim, mas...

— Mas o quê?

— Já não é tão simples assim.

— É, sim. — Ela afugentou as lágrimas que ameaçavam cair para sua surpresa. — Me solta. Por favor.

Ele parou de apertá-la, mas não a soltou.

— Não vou para a Austrália. Estou voltando para Romeo.

— E? — Ela lutou contra o vestígio de esperança que se negava a abandoná-la.

Ele estava indo para casa. Agora. Finalmente.

Enquanto isso, Deanie estava a caminho de Dallas para viver sua nova vida.

— Não está me ouvindo? — Ele tocou o rosto dela com as mãos. — Estou voltando para Romeo.

Os dedos firmes de Rance acariciavam as bochechas de Deanie e ela mal conseguia resistir a tanto encanto.

Queria apoiar todo o rosto nas palmas das mãos dele e se entregar às carícias.

— Mas e sua empresa?

— Vou continuar sendo sócio do Sonho Radical. Mas agora vou ficar nos bastidores.

Ele se afastou um pouco de Deanie e balançou a cabeça.

— Não posso mais continuar nessa vida louca. Lutar com crocodilos não é meu negócio. Futebol americano também não era. Sei que era bom no que fazia, mas apenas porque era forte e determinado. Era capaz de derrubar um adversário em segundos. Mas nunca tive paixão por esse tipo de atividades. Tudo o que aprendi foi na arena dos rodeios durante todos aqueles anos, durante minha adolescência.

Ele a encarou com seriedade.

— Foi a forma que encontrei de mudar de vida. Mas nunca foi minha paixão.

— Rodeio? — ela perguntou e ele fez que sim com a cabeça. — Está voltando para Romeo para voltar a competir em rodeios?

— Mais ou menos. Fiz algumas ligações hoje de manhã e comprei a velha arena da cidade.

— Mas estavam construindo um shopping lá.

— Não mais. O novo dono já aceitou minha proposta.

Os olhos de Rance brilhavam intensamente. Uma luz passional e selvagem da qual ela se lembrava tão bem, desde a época da adolescência.

— Vou reformar tudo e patrocinar campeonatos de rodeios. Durante a baixa temporada e nos dias livres, vou organizar treinos e cursos para caubóis de todas as idades, oferecer o espaço para diferentes eventos.

Ele sorriu e o coração de Deanie amoleceu ainda mais.

— As crianças vão poder ir para lá praticar, assim como eu e o Clay fazíamos.

Deanie pôde visualizar a si mesma pequenina, sentada na cerca, observando Rance saltando e trotando em cima de um cavalo destemidamente e cheio de energia. E ela, cheia de esperanças de que ele fosse acenar ou sorrir para ela mesmo que de forma fraternal.

Deanie podia imaginar a si mesma, agora, mais velha, sentada na cerca, com seu vestidinho da moda e sapatos tão altos que deveriam ser proibidos de ser usados. Mesmo depois de ter se transformado em uma mulher e se sentir diferente, continuava com o mesmo olhar desesperado de alguém perdidamente apaixonada por um homem.

Um homem que não a amava, de volta.

— Boa sorte — disse ela, engolindo o nó que havia se formado na garganta. — Desejo que tudo corra bem.

Ele balançou a cabeça, perplexo.

— Por acaso, você não me ouviu? Estou voltando para casa. Estou voltando para Romeo, de vez. A gente vai poder se encontrar todos os dias.

— Não, não vamos, porque estou indo para Dallas. Consegui um emprego lá e até já aluguei um apartamento.

— Qual o problema? Pode muito bem cancelar o contrato e sair do emprego. Você não pertence a Dallas. Esse não é o seu lugar. Você odeia trânsito, asfalto e shopping e Dallas está cheio dessas três coisas.

— Tenho certeza de que é só uma questão de tempo para me acostumar. No final, sei que vou acabar fã de shopping e que o asfalto e o trânsito nem vão me incomodar mais. De qualquer forma, estou atrasada. Tenho mesmo que ir. — Ela se desvencilhou dele e continuou caminhando pela pista que dava nas escadas que a levariam até o avião.

— Não faça isso, Deanie. Não entre nesse avião, por favor.

Ele falou com delicadeza, mas as palavras estavam carregadas de uma força imperativa que impactou Deanie.

— Seu lugar é em Romeo.

Bem lá no fundo, ela sabia disso e apertou o passo, cheia de medo e de pânico de

vacilar. Pois Deanie não queria voltar para o antigo estilo de vida que levava. Não queria voltar para Romeo e continuar apaixonada e esperando por um homem que não a amava.

— Seu lugar é ao meu lado.

A voz era de alguém atormentado, desolado e mexeu com Deanie, a fez hesitar. Os dedos cravaram no corrimão da escada e a respiração ficou árdua. Pressentiu que ele ia dizer as palavras pelas quais tinha esperado ouvir de Rance por toda a vida. E a suspeita se confirmou.

— Amo você.

— Amor? — Ela se virou para ele. — Estivemos juntos por pouco mais de vinte e quatro horas e agora você acha que me ama?

— Estivemos juntos toda a vida e eu sei que te amo. — O olhar rígido e decidido estava completamente focado nos olhos de Deanie. — Sempre a amei, apenas não tinha me dado conta disso. Não queria enxergar algo que era óbvio.

Ele foi até ela e ficou tão próximo que bloqueou o sol.

— Estava perdido demais, absorto nos meus problemas pessoais. Louco de raiva com o mundo, por ter perdido meus pais, minha casa. Mesmo assim, ainda tinha você. Por sua causa, tinha ânimo para acordar todas as manhãs, porque sabia que encontraria você no ônibus. Sabia que estaria lá.

A dor e a mágoa que havia sentido, durante todos aqueles anos, perderam força comparadas ao sentimento de pura alegria que experimentava naquele instante. Preferia acreditar que ele estivesse dizendo tudo aquilo para que ela não entrasse no avião. E assim, Rance cumpriria a promessa que havia feito ao irmão, Clay.

Mas não era ingênua. A prova de que o que ele dizia era verdade estava na forma como ele a tinha envolvido, durante o ato de amor. Com abraços passionais e superprotetores. Também via a prova, naquele instante, refletida nos olhos de Rance.

Ele a amava verdadeira e completamente. E Deanie o amava.

Nunca havia deixado de amar Rance. Amava-o mais que tudo e todos. O que sentia por ele era mais forte que o próprio orgulho, o próprio ego, mais que a si mesma.

A constatação a assustou.

— Também amo você — ela disse e então se virou e continuou subindo as escadas do avião.

— Mas está fugindo desse amor — rebateu ele, mas não saiu correndo atrás dela para detê-la. — Está com medo e está fugindo.

Ele tinha razão. Era verdade.

Mas não fugia dele.

Fugia de si mesma. Da menina sem graça e masculina que não era boa o suficiente sexual, pessoal ou profissionalmente.

Viveria fugindo enquanto não conseguisse mudar por dentro, desmistificar a imagem que havia criado de si mesma e da qual não conseguia se livrar. Agora, tinha que ir até o fim. Terminar o que havia começado.

Enxugou nervosamente a lágrima que estava prestes a cair e ignorou o olhar preocupado da aeromoça ao vê-la entrar no avião. Alguns minutos depois, afundou o corpo na poltrona e deu um longo e angustiado suspiro.

Ela havia realmente partido. Havia sido corajosa e forte e dado a volta por cima.

Então, por que sentia como se faltasse uma parte sua?

Enxugou um rio de lágrimas repentinas que escorreram sem pedir licença, piscou várias vezes e tentou concentrar-se no ambiente ao redor. O avião permanecia igual ao que havia tomado no dia anterior. Até os corações cafonas continuavam como enfeites. Assim como os laçarotes vermelhos em homenagem ao Dia dos Namorados.

Que, para o azar de Deanie, era naquele dia.

Aquele, sem dúvida, era o pior Dia dos Namorados de toda sua vida. Sentia-se vazia, mais solitária do que das outras vezes.

De qualquer forma, pensou, era melhor amar e perder do que nunca ter amado...

Olhou de soslaio pela janelinha da aeronave e viu que Rance permanecia no mesmo lugar onde ela o havia deixado. Os punhos estavam cerrados, o corpo re-tesado como se estivesse se controlando para não subir até o avião e tirá-la à força de lá.

Foi a imagem que ficou cristalizada em sua mente, enquanto apertava o cinto de segurança e esperava pela partida.

— Se incomoda se sentar ao seu lado?

A pergunta trouxe Deanie de volta à terra. Vinha de uma senhora elegantemente vestida, com calça e terno ; bege de poliéster e um xale de seda combinando.

O avião já tinha começado a se mover em direção à pista de decolagem.

— Eu e meu marido somos muito alérgicos — continuou a senhora simpática. — E a mulher sentada na nossa fileira tem pêlo de gato por toda a roupa.

— Imagina, não me importo nem um pouco — respondeu Deanie.

— Obrigada. Agora, sim, posso respirar. — Ela se sentou e olhou para Deanie. — Está indo para Éden ou de volta a Miami?

— Éden. Desci do avião ontem para tomar um ar no aeroporto de Escapades e acabei perdendo o vôo para a ilha.

— Que pena. Espero que tenha, pelo menos, aproveitado as horas em Escapades. É uma bela ilha. Eu e meu marido sempre fazemos uma paradinha lá antes de ir para Éden.

— Não sabia que aceitavam casais em Éden. Achei que fosse só para solteiros.

— E é. Não somos alunos, querida. Somos instrutores. Tenho mestrado em psicologia social da Universidade da Califórnia em Berkeley e Marvin, meu marido, tem doutorado em sexualidade. Damos um seminário sobre excitação sexual através da exposição em público.

— O que foi que disse?

— *Strip-tease*, querida. Nosso seminário é sobre *Strip-tease*

Ela mal terminou as palavras e Marvin, o marido, sentou-se ao lado delas.

Deanie ficou olhando, espantada, para o rosto familiar — o rosto que havia visto horas antes, junto com todo o resto — e, então, a ficha caiu.

Eram as duas pessoas que corriam peladas pelo hotel. E elas agora estavam sentadas ao lado de Deanie.

— E o que, exatamente, isso tem a ver com a idéia de entrar em contato com a própria sexualidade?

— Para alguns indivíduos, não existe prazer no ato sexual em si. Algumas pessoas são tímidas demais para conseguir se soltar com um parceiro. Ou simplesmente não têm um parceiro. Ou, em alguns casos, são velhos demais para desfrutar do sexo tradicional. Marvin, meu marido, não tem uma ereção há muito tempo. O meu caso não é muito diferente: não me lembro do último orgasmo que tive. Nem sei mais como é a sensação. Mas isso não significa que temos que levar uma vida sexual entediante, entende? Podemos continuar sentindo aquela onda de excitação que move todos os indivíduos, sem precisar, efetivamente, de penetração.

— E é aí que entra se despir em público?

— Exatamente, querida. O frio na barriga que sentimos em estar completamente nuas no meio de outras pessoas é incrível. É uma experiência estimulante e faz muito bem para a circulação e para o coração. Quimicamente, o corpo libera a mesma quantidade de energia e hormônios que durante o ato sexual. Sem contar com a vantagem — a senhora não parava de falar — de que você pode ter uma experiência única com mais de uma pessoa. Encontros grupais podem ser muito saudáveis e reveladores. Vai aprender mais sobre isso quando chegar a E.D.E.N..

De repente, Deanie sentiu um frio na barriga e uma pontada no peito. Se entrar em contato com seu "eu-sexual" significava sair correndo pelada na frente dos outros, pensou, então, preferia nunca ter que se conhecer a esse extremo.

Não havia a menor chance de se despir no meio de uma sala de aula, na frente de um bando de estranhos. Mesmo que fosse para se enriquecer sexualmente e ultrapassar barreiras afetivas.

Não se importava se a chamassem de ingênua e caipira. Talvez fosse assim mesmo, não tinha vergonha. Acreditava no amor e no romance. E, lá no fundo, sabia que, por mais que mudasse radicalmente, esse lado seu permaneceria intacto.

O vôo não tardou mais que vinte minutos. O casal se levantou pouco depois de o pequeno avião pousar, mas Deanie permaneceu sentada olhando através da janela.

— Não vai desembarcar? — perguntou a professora.

— Não, senhora. — Deanie voltou a fechar a fivela do cinto. — Vou voltar para casa.

Era fevereiro e a temperatura estava quente e agradável. Uma gota de suor caiu da testa de Rance, mas o calor que sentia não tinha nada a ver com o clima, mas sim com a mulher que acabava de entrar na loja do prédio recém-inaugurado do outro lado da rua. Não por acaso, o edifício estava bem na sua linha de visão.

Havia um novo letreiro, instalado naquela mesma tarde. As fiéis clientes de Deanie haviam feito uma surpresa e presenteado a única mecânica da cidade com o mais novo negócio de Romeo. Na verdade, era um empréstimo para que fosse pago a longo prazo. Rance leu o letreiro verde, com um sorriso no canto dos lábios: *Deanie's Safe Car*.

Ajeitou a ponta do chapéu e procurou pela dona do local. Nas duas últimas semanas, havia estado espreitando-a todos os dias. Duas semanas depois do Dia dos Namorados e das vinte e quatro horas de puro êxtase entre ele e Deanie.

As semanas mais longas da vida de Rance.

Ele a desejava com tanta intensidade que a primeira reação ao descobrir que ela havia voltado para casa foi pegar o carro e ir direto para a casa dela, levá-la nos braços para dentro do quarto e fazer amor com ela até que Deanie aceitasse, de corpo e alma, o amor que sentia por ele.

O elemento que faltava era apenas confiança, pois apesar de amá-lo, ela não confiava em Rance o suficiente para acreditar que ele também a amava. Sabia que ele tinha uma forte atração por ela. Tinha certeza de que se fizessem amor, poderia mostrar a ela o tamanho de seu sentimento.

Manteve a distância e preferiu ganhar tempo até que descobrisse a melhor forma de se aproximar. Enquanto isso, ocupou seu tempo com a renovação da velha arena de rodeios, desejando desesperadamente que ela caísse em si e descobrisse a besteira que estava fazendo ao rejeitá-lo. Ele estava dormindo no escritório do edifício da arena, enquanto procurava um lugar para morar. Suas preces tinham sido ouvidas quando soube que ela estava de volta na cidade.

Foi então que resolveu entrar em ação, pois já havia atingido seu limite.

Bisbilhotou pela vitrine e olhou na direção da janela que circundava o escritório da oficina. O coração de Rance quase saiu pela boca ao vê-la sentada em sua mesa. Como se tivesse sentido a presença dele, Deanie se virou e o avistou.

Por pouco, Rance não abriu a porta da oficina e entrou. Mas achou melhor ficar

onde estava. Apenas acenou com o chapéu. Não podia pôr tudo a perder e se precipitar. Já tinha um plano arquitetado. Algo muito romântico. Algo que uma mulher como Deanie Codge não resistiria.

Era o que dizia a si mesmo. Torcia com todas as forças para que o plano funcionasse e que ela realmente fosse se derreter com a surpresa.

Deanie estava parada na enorme garagem que agora era sua. Porém, em vez de carros, pneus e ferramentas, o lugar estava repleto de... flores. Piscou uma, duas, três vezes. Mas elas não desapareciam.

Eram flores de todos os tipos. Todas vermelhas. Principalmente rosas vermelhas. Em todo lugar que olhasse, elas estavam lá, decorando e colorindo o ambiente.

— Feliz Dia dos Namorados.

A voz rouca e grave chamou a atenção de Deanie. Ela seguiu o som e viu que não estava sozinha. Lá, estava também Rance parado a poucos passos de distância. Vestia uma calça jeans surrada, camisa branca e botas sujas de lama. Um genuíno caubói, agora que havia voltado para casa.

Piscou para ter certeza de que era ele mesmo, porque já o tinha visto em seus sonhos e pensamentos vezes demais nas últimas semanas. Poderia muito bem estar tendo alucinações. *Devia ser isso*, pensou, seu inconsciente estava lhe pregando uma peça.

Mas, desta vez, ele não desapareceu.

Ela já tinha visto Rance passar pelo Centro, mas ambos haviam mantido a distância. Supôs que ele estivesse tendo aquele tipo de comportamento porque, para ele, as vinte e quatro horas em Escapades não haviam sido nada além de atração física e desejo carnal. Nada tinha a ver com amor.

No entanto, agora, como ele tão perto, já não tinha tanta certeza.

— Você está com uma cara horrível.

Deanie notou as olheiras e o rosto pálido, como se ele não houvesse dormido em dias. Duas semanas, para ser mais exato.

— E você está tão gostosa que dá vontade de comer.

Ele a olhava com lascívia da cabeça aos pés, fazendo pausas nos lugares que mais lhe agradavam.

Deanie se sentiu nua. Porém, vestia uma camisa velha, uma calça jeans e o cabelo preso com um boné de beisebol.

Havia aprendido a se amar e a se aceitar do jeito que fosse. Não era perfeita ou sensual e linda como várias outras mulheres, mas isso já não a incomodava. Ser linda, sexy e perfeita não era garantia de felicidade ou sucesso nas relações amorosas. Savannah Sierra Ellington era um exemplo vivo disso. A chave para o sucesso, havia percebido Deanie, era ser feliz com o que se tinha. Isso não significava resignação, mas saber valorizar os atributos e singularidades que a tornavam especial. Pois todos eram especiais.

Deanie nunca mais iria aceitar um homem que não fosse capaz de vê-la além das aparências. Preferia ficar sozinha a estar mal acompanhada. Agora, só iria se envolver com alguém que gostasse de seus seios e de suas pernas, que a achasse linda e maravilhosa, mesmo que seu físico não fosse nada parecido o de uma top-model ou de uma atriz de cinema.

Se envolveria com um homem capaz de lhe enviar flores — o suficiente para encher uma garagem inteira.

Ela franziu a testa.

— Mas hoje não é Dia dos Namorados.

— Tecnicamente não, mas mesmo assim acho que devemos comemorar.

Rance foi caminhando em sua direção até que a distância entre os dois fosse mínima e entregou um coração vermelho feito de papel machê.

— Fica comigo.

Antes que ela tivesse tempo de responder, ele voltou a falar.

— Droga, Deanie, amo você e quero que seja muito mais do que minha namorada. Quero que seja minha mulher, droga!

Ela ficou olhando para o coração que guardava nas mãos, completamente desnorteada. Alguns segundos depois, tomou coragem e encarou o homem que havia guardado o coração dela durante todos aqueles anos.

— Acho que posso resolver isso.

E então se jogou nos braços de Rance e o beijou como se não existisse o dia de amanhã. Apenas o aqui e o agora. E para sempre.

PROXIMOS LANÇAMENTOS

008 — ÊXTASE — LORI WILDE

Quando Marissa Sturgess foi escolhida para auxiliar o designer Beau Thibbeteaux na criação de um jogo para ajudar casais a explorarem suas fantasias, não podia imaginar que ela mesma serviria de inspiração. Mas, quando o jogo começa, as regras são esquecidas, e as noites se tornam mais quentes do que nunca...

009 — FEITIÇO DO PRAZER — KATE HOFFMAN

Claire O'Connor não acreditava que estava indo para a Irlanda em busca de um pouco da água de uma fonte mágica para resolver seus problemas amorosos. Como poderia ela, sempre tão sensata, se deixar levar por mitos e lendas? Mas Will Donovan, dono de uma pousada em uma ilha cheia de mistérios, é capaz de provar a ela que a magia existe... e atende pelo nome de amor.

Último lançamento:

006 — RISCO TOTAL — STEPHANIE TYLER

A ambiciosa documentarista Rina Calhoun já filmou praticantes de esportes radicais em ação, mas nunca fez um vídeo sobre a vida particular de um deles, e o surfista John "Cash" Cashman é o seu alvo. Porém, sua vida secreta como agente de operações especiais da Marinha torna-o uma opção impossível. Entretanto, quando Rina corre perigo, a situação se altera. Ele arriscará tudo para salvá-la, mas será o suficiente?